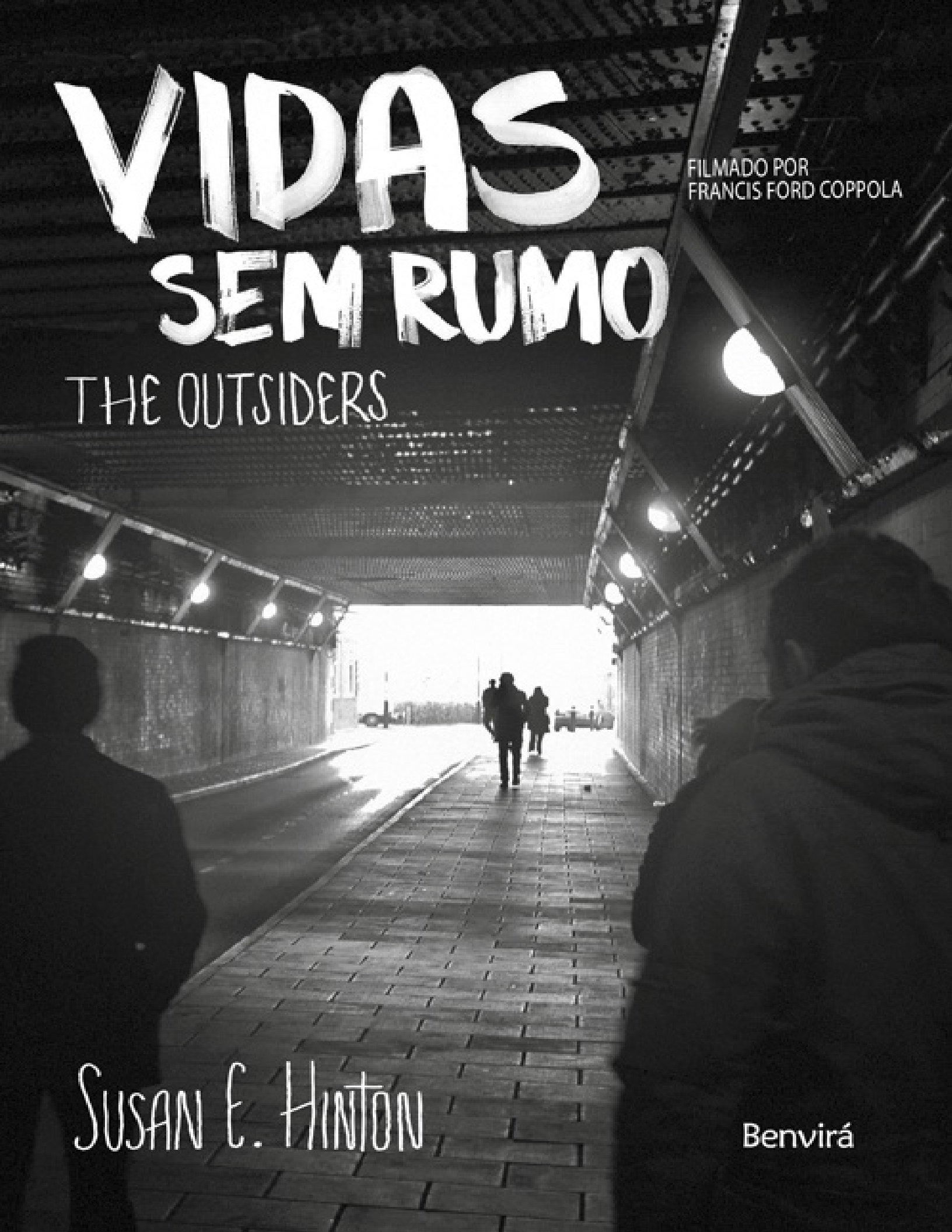
VIDAS SEM RUMO

FILMADO POR
FRANCIS FORD COPPOLA

THE OUTSIDERS



SUSAN E. HINTON

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VIDAS SEM RUMO

THE OUTSIDERS

SUSAN E. HINTON

Tradução
Heloisa Jahn

Benvirá

1

Quando saí do escuro do cinema para a claridade da rua, só tinha duas coisas na cabeça: Paul Newman e descolar uma carona para casa. Estava querendo ser parecido com o Paul Newman — ele tem um ar durão e eu, não —, mas acho até que não sou feio. Meu cabelo é castanho-claro, quase ruivo, os olhos são cinza-esverdeados. Eu queria que fossem mais cinzentos, porque detesto quase todos os caras de olhos verdes que conheço, mas não tenho outra saída senão me contentar com o que tenho. Meu cabelo é mais comprido do que o de um monte de caras, com corte reto atrás e comprido na frente e dos lados, mas sou *greaser*[1] e quase ninguém no bairro dá bola para essa história de cortar cabelo. E, na verdade, fico muito melhor de cabelo comprido.

Foi uma longa caminhada até em casa, além do mais, sem companhia, mas em geral vou sozinho mesmo, sem nenhuma razão especial; é que gosto de assistir a filmes sossegado, assim posso entrar neles e vivê-los com os atores. Quando vejo um filme com alguém acho meio chato, assim como quando uma pessoa lê o livro da gente por cima do nosso ombro. Nisso sou diferente. Quer dizer, meu irmão Soda, que vem depois do mais velho e tem 16 para 17 anos, nunca curte livro nenhum; e meu irmão mais velho, Darrel, que a gente chama de Darry, passa o tempo todo trampando, um trampo puxado, não se liga em histórias nem em fazer um desenho, por isso é que não sou como eles. E ninguém da nossa roda se amarra em cinema nem em livros como eu. Teve um tempo em que eu me achava a única pessoa no mundo que curtia isso. Por isso fazia esses lances sozinho. Soda pelo menos tenta entender, coisa que Darry não faz. Mas Soda é diferente de todo mundo; ele entende praticamente tudo. Por exemplo, ele não vive me enchendo como Darry nem me trata como se eu tivesse seis anos em vez de 14. Jamais gostei tanto de uma pessoa no mundo como gosto do Soda, nem mesmo da mamãe e do papai. Ele está sempre numa boa, rindo, e Darry é

duro, firme, é difícil vê-lo rir. Mas é que Darry já passou por muitos lances em seus 20 anos de idade, cresceu muito depressa. Sodapop não vai crescer nunca. Sei lá o que é melhor. Um dia desses eu descubro.

Bom, o fato é que fui andando para casa pensando no filme, e de repente me deu vontade de ter uma companhia. Os *greasers* não podem ficar andando sozinhos, senão alguém os acerta ou então vem um e grita "*greasers*", e a gente fica se sentindo meio devagar, sabe como é. Quem nos acerta são os *socs*. Não sei bem se é assim que se escreve, mas isso é uma abreviação de *socials*,[2] os playboys, os garotos ricos do lado Oeste.[3] É como isso de *greaser*, que é uma palavra usada para classificar todos nós, garotos do lado Leste.

Somos mais pobres que os *socs* e que a classe média. Reconheço que também somos mais barra-pesada. Não daquele jeito dos *socs*, que batem nos *greasers*, depredam casas e tomam porre de cerveja só por distração e que num dia aparecem nos editoriais dos jornais como uma desgraça pública e no outro, como pilares da sociedade! Os *greasers* são quase como bandidos; roubam coisas, andam em carros velhos de motor envenenado, tomam postos de gasolina e de vez em quando aprontam umas brigas em bando. Não é que eu faça esse tipo de coisa. Darry me mataria se eu arrumasse encrenca com os ratos. Como papai e mamãe morreram num acidente de carro, nós três só podemos ficar juntos se andarmos na linha. Por isso, Soda e eu tratamos de ficar longe de encrenca o máximo possível e, quando não conseguimos ficar de fora, tomamos todo o cuidado para não ser apanhados. Só estou querendo dizer que a maioria dos *greasers* faz esse tipo de coisa, assim como tem cabelo comprido, usa calça jeans e camiseta, ou então camisa para fora da calça e jaqueta de couro, tênis ou botas. Não estou dizendo que os *socs* são melhores que os *greasers* nem o contrário; as coisas são como são, e pronto.

Eu podia ter esperado Darry ou Sodapop saírem do trampo para ir ao cinema. Eles teriam ido comigo ou então me levariam de carro ou iriam andando até lá, só que Soda não consegue ficar quieto sentado pra curtir um filme, e Darry acha cinema um saco. Darry diz que a vida dele basta, que não precisa andar metendo o nariz na vida dos outros. Eu também podia ter chamado algum dos caras da turma pra ir comigo, um dos quatro que cresceram comigo, com Darry e Soda e que a gente considera como família.

A gente é quase como irmão; quando você cresce num bairro onde as pessoas são tão ligadas entre si como o nosso, acaba conhecendo os outros superbem. Se eu tivesse me lembrado, podia ter telefonado para Darry, e ele passaria no cinema quando voltasse pra casa e me levaria. Ou então o Metido Mathews — um cara da turma — viria me buscar com o carro dele se eu tivesse pedido, mas às vezes sei lá onde deixo a cabeça. Darry fica mordido quando faço esse tipo de coisa, porque dizem que sou inteligente; sempre tiro nota boa, tenho Q.I. alto e toda essa pinta, só que não uso a cabeça. Além disso, gosto de andar.

Só que cheguei à conclusão de que não gostava tanto assim quando vi aquele Corvair vermelho me seguindo. Eu estava a umas duas quadras de casa, daí comecei a andar um pouco mais depressa. Nunca tinham me acertado, mas eu tinha visto Johnny depois que quatro *socs* o pegaram, e a coisa não era nada bonita. Depois daquilo, Johnny ficou com medo até da própria sombra. Na época, ele estava com 16 anos.

Mas eu sabia que não adiantava nada — aquilo de andar depressa — antes mesmo de o Corvair parar do meu lado e saírem quatro *socs*. Me deu o maior cagaço — sou meio pequeno para 14 anos, apesar de ter um bom físico —, e aqueles caras eram maiores do que eu.

Sem sentir, enfiei os dedões no jeans e encolhi os ombros, tentando calcular se dava para escapar se desse uma corrida. Me lembrei de Johnny com a cara toda cortada e cheia de machucados e de como ele chorava quando a gente o encontrou, meio desmaiado, no terreno baldio da esquina. Johnny enfrentava a maior barra em casa; pra ele chorar, precisava ser dureza mesmo.

Eu estava suando pra burro e ao mesmo tempo com frio. Dava para sentir as palmas das mãos ficando grudentas e o suor escorrendo pelas costas. Eu fico assim quando estou mesmo apavorado. Dei uma olhadinha em volta para ver se via alguma garrafa de refrigerante ou um pau ou alguma coisa — Steve Randle, o melhor amigo do Soda, uma vez tinha conseguido manter quatro caras longe dele com uma garrafa quebrada de refrigerante —, mas não tinha nada. Então fiquei ali parado feito um babaca, enquanto eles me cercavam. Não uso a cabeça. Eles foram me cercando devagarinho, sem dizer nada, sorrindo.

— Ô, *greaser* — disse um deles com uma voz superamistosa. — A gente vai te fazer um favor, *greaser*. Cortar todo esse teu cabelão seboso.

Ele usava uma camisa xadrez. Até hoje vejo aquela camisa na minha frente. Xadrez azul. Um deles riu, depois começou a me ofender, falando bem alto. Não me vinha nada à cabeça para dizer. Não tem muita coisa pra dizer enquanto se espera que arrebentem a sua cara, por isso fiquei na minha.

— Está precisando cortar o cabelo, *greaser*? — O louro, nem alto nem baixo, puxou uma faca do bolso de trás, soltou a trava, e a lâmina pulou.

Afinal, tive a ideia de dizer alguma coisa:

— Não. — Estava andando de costas, para longe daquela faca. Claro que fui dar direto em cima de um deles. Me derrubaram num segundo. Seguraram meus braços e minhas pernas, um deles sentou no meu peito, com os joelhos nos meus ombros, e, se acha que isso não dói, você está maluco. Dava para sentir o cheiro da loção de barba English Leather e de ranço de cigarro, e fiquei pensando feito uma besta se ia sufocar antes de eles conseguirem fazer alguma coisa. Estava com tanto medo que até queria que isso acontecesse. Me debati para ver se me soltavam, e teve uma hora que quase consegui; depois eles me seguraram com mais força, e o que estava sentado no meu peito me deu uns murros. Então parei de me mexer e fiquei xingando, todo ofegante. Encostaram uma navalha na minha garganta.

— O que você acha de começar o corte de cabelo bem embaixo do queixo?

Então me veio à cabeça que podiam me matar. Fiquei doido. Comecei a berrar chamando Soda, Darry, qualquer um. Alguém botou a mão sobre a minha boca, aí mordi com toda a força e senti o gosto do sangue escorrendo entre os meus dentes. Alguém disse um palavrão baixinho e me esmurraram de novo, depois começaram a enfiar um lenço na minha boca. Um deles não parava de dizer:

— Façam ele calar a boca, façam ele calar a boca!

Então ouvi gritos e barulho de pés batendo na calçada, os *socs* caíram fora e me deixaram ali no chão, meio sufocado. Fiquei deitado, imaginando o que podia estar acontecendo. Havia gente pulando por cima de mim,

passavam correndo por mim, e eu lá, desnorteado demais para poder entender alguma coisa. Daí veio alguém que me segurou por baixo dos braços e me puxou para eu poder ficar em pé. Era Darry.

— Você está bem, Pony?

Ele ficava me sacudindo, e eu com vontade que ele parasse. Já estava tonto o bastante, de todo jeito. Mas eu sabia que era Darry, em parte por causa da voz e em parte por ser sempre bruto comigo sem querer.

— Estou bem. Pare de me sacudir, Darry, estou bem.

Ele parou na hora.

— Desculpe.

Não eram desculpas pra valer. Darry nunca se arrepende de nada que faz. Eu acho gozado ele ser tão igualzinho a meu pai e fazer as coisas exatamente ao contrário dele. Meu pai tinha só 40 anos quando morreu, mas parecia ter 25; um monte de gente pensava que Darry e papai eram irmãos, em vez de pai e filho. Mas eles só eram iguais na aparência: meu pai nunca era bruto com ninguém sem querer.

Darry tem 1,83, é musculoso e tem ombros largos. Seu cabelo é castanho-escuro, levantado na frente e com um leve redemoinho atrás, igual ao do papai, mas os olhos de Darry são dele mesmo. Ele tem uns olhos que parecem dois pedaços de gelo azul-esverdeado, bem clarinho. Têm um jeito decidido, como o resto do Darry. Parece ter mais de 20 anos: durão, frio e inteligente. Seria superbonito se não tivesse olhos tão frios. Nunca entende nada que não seja um fato puro e simples. Mas usa a cabeça.

Sentei outra vez, esfregando o rosto do lado onde tinham batido mais.

Darry enfiou os punhos nos bolsos:

— Eles não te machucaram muito, não é?

Machucaram, sim. Estava sentindo pontadas, dores, meu peito estava ardendo, e estava tão nervoso que minhas mãos tremiam. Minha vontade era de começar a chorar bem alto, só que não dá para dizer esse tipo de coisa para Darry.

— Estou bem.

Sodapop voltou correndo. Àquela altura, eu já tinha me ligado que aquele barulho todo que tinha ouvido era a turma vindo me salvar. Soda sentou perto de mim e começou a examinar minha cabeça.

— Você levou uns cortezinhos, não é, Ponyboy?

Só olhei para ele, sem ver nada.

— Levei?

Puxou um lenço do bolso, molhou a ponta com a língua e apertou-o delicadamente sobre o lado da minha cabeça.

— Você está sangrando como um porco.

— Estou?

— Olha só! — Me mostrou o lenço todo vermelho, parecia uma mágica. — Eles te passaram uma navalha?

Lembrei daquela voz: "Está precisando cortar o cabelo, *greaser*?". A navalha devia ter escorregado enquanto ele tentava me fazer calar a boca.

— É, passaram.

Soda é o cara mais bonito que conheço. É diferente de Darry. Soda é tipo artista de cinema, daqueles que as pessoas param na rua pra olhar quando passa. Ele não é tão alto quanto Darry, é um pouco mais magro, mas tem um rosto sensível de traços finos, que, não sei como, consegue ser ao mesmo tempo atrevido e pensativo. Seu cabelo é dourado escuro, que ele penteia para trás, comprido, sedoso e liso, e no verão o sol o clareia e ele fica de um dourado cor de trigo, brilhante. Tem olhos castanho-escuros, vivos, olhos que riem cheios de atrevimento e que podem ser suaves e simpáticos num momento e no seguinte estar ardendo de fúria. Ele tem os olhos do papai, mas Soda é único. É capaz de ficar bêbado num racha ou numa boate sem nem chegar perto de álcool. No nosso bairro é difícil achar um cara que não tome um porre de vez em quando. Mas Soda não bebe nunca, nem uma gota, não precisa. Ele fica bêbado só de viver. E entende todo mundo.

Ele olhou melhor para mim. Olhei depressa para o outro lado, porque, se vocês querem saber a verdade, estava começando a chorar. Sabia que estava tão branco quanto estava me sentindo e tremia como vara verde.

Soda pôs a mão no meu ombro.

— Calma, Ponyboy. Eles não vão mais te machucar.

— Eu sei — disse, mas o chão começou a ficar fora de foco, e senti lágrimas quentes escorrendo pelo rosto. Limpei-as com raiva. — Estou só meio apavorado, só isso. — Dei um suspiro tremido e parei de chorar. Não dá pra chorar na frente do Darry. Só se você estiver machucado como

Johnny naquele dia em que a gente o achou no terreno baldio. Em comparação com Johnny, eu nem estava machucado.

Soda passou a mão em meu cabelo.

— Você é gente fina, Pony.

Tive que achar graça. Soda é capaz de fazer você rir com qualquer coisa. Acho que é porque ele mesmo ri o tempo todo.

— Você é maluco, Soda, você é totalmente pirado.

Darry olhava para a gente como se estivesse com vontade de bater nossa cabeça uma na outra.

— Vocês dois são pirados.

Soda não fez nada, só levantou uma das sobrancelhas, um truque que ele tinha aprendido com o Metido.

— Parece que a coisa é de família.

Darry ficou olhando para ele um momento, depois soltou uma risada. Sodapop não tem medo dele como todo mundo e curte ficar implicando com ele. Eu ia preferir implicar com um urso daqueles grandões, mas por alguma razão Darry parece que gosta que o Soda implique com ele.

Nossa turma tinha perseguido os *socs* até o carro deles, jogando pedra. Agora voltavam correndo na nossa direção, quatro caras enxutos, firmes. Todos eram durões como rocha, dava para notar. Eu tinha crescido com eles, me aceitavam mesmo sendo mais novo porque era o irmão menor do Darry e do Soda e porque ficava com a boca bem fechada.

Steve Randle tinha 17 anos, era alto e esbelto, cabelo grosso cheio de gel, que ele penteava de um jeito complicado, todo cheio de ondas. Era petulante, esperto, o melhor amigo do Soda desde o tempo do ginásio. A especialidade de Steve eram carros. Era capaz de arrancar uma calota mais depressa e silenciosamente do que qualquer cara da vizinhança, além de entender de carros de cima para baixo e de baixo para cima e saber dirigir tudo que tivesse rodas. Ele e Soda trampavam no mesmo posto de gasolina; Steve, meio período, e Soda, tempo integral; o posto deles era o que tinha mais fregueses na cidade. Não sei se era porque Steve era tão bom com carros ou porque Soda atraía garotas como mel atrai abelhas, não sei mesmo. Eu gostava de Steve só porque ele era o melhor amigo do Soda. Ele não gostava de mim, achava que eu era pamonha e pirralho. Soda sempre

me levava junto quando eles iam aos lugares se não estivessem com alguma garota, e aquilo enchia Steve. Não era culpa minha; Soda sempre me chamava, eu nunca pedia para ir. Soda não me acha pirralho.

Metido Mathews era o mais velho da turma, o palhaço da roda. Tinha mais ou menos 1,80, era corpulento e tinha o maior orgulho de suas costeletas compridas cor de ferrugem. Tinha olhos cinzentos, uma risada larga, não conseguia parar de fazer gracinhas nem na hora mais séria do mundo. Não dava para fazer aquele cara calar a boca, ele tinha sempre que dar os palpites furados dele. Daí seu apelido. Até os professores esqueciam que o nome verdadeiro dele era Keith; a gente, então, nem lembrava que ele tinha nome. A vida, para o Metido, era uma grande brincadeira. Ele era famoso por roubar em lojas e por seu canivete de mola de cabo preto (coisa que ele não poderia ter adquirido sem o outro talento de que falei) e o tempo todo passava a perna nos guardas. Era uma coisa que ele não aguentava ficar sem fazer. Tudo o que dizia era tão tremendamente engraçado que tinha que deixar a polícia entrar na dele, assim divertia um pouco a vida chata deles. (Pelo menos foi assim que ele me explicou a coisa.) Se ligava em brigas, louras e, por alguma razão absolutamente incompreensível, em escola. Com 18 anos e meio ainda estava no ginásio, nunca aprendia coisa nenhuma. Só ia à escola para se divertir. Eu gostava dele pra valer porque ele fazia a gente rir da gente mesmo e das outras coisas. Ele me lembrava Will Rogers, talvez por causa da risada.

Se eu tivesse que escolher a personalidade mais forte da turma, seria Dallas Winston, o Dally. Antes eu gostava de desenhar seu retrato quando ele estava num pique perigoso, porque aí dava para pegar sua personalidade com uns poucos traços. Tinha um rosto meio de duende, os molares altos, um queixo pontudo, dentes pequenos e afiados como de bicho e orelhas de lince. Seu cabelo era quase branco de tão louro; não gostava nem de cortar o cabelo nem de gel, por isso o cabelo caía em mechas pela testa, atrás ficava espetado, em tufos, e ficava todo enroladinho atrás das orelhas e na nuca. Seus olhos eram azuis, de um gelo que lançava raios, cheios de ódio glacial por todo mundo. Dally tinha passado três anos no lado selvagem de Nova York e com dez anos tinha sido preso. Era mais durão que o resto de nós, mais durão, mais frio e mais cruel. A pequena diferença que separa um

greaser de um bandido não existia em Dally. Ele era feroz como os garotos da periferia da cidade, como o bando de Tim Shepard.

Em Nova York, Dally soltava seus impulsos nas brigas de gangue, mas aqui bandos organizados são uma raridade. Acontece apenas que os grupinhos de amigos se unem; a batalha é entre as classes sociais. Quando se marca uma luta quente, em geral é por causa de alguma diferença que tenha pintado; o que acontece é que os adversários acabam levando os amigos. Bom, tem um ou outro bando com nome e tudo pelas redondezas, por exemplo, os River Kings e os Tiber Street Tigers, mas aqui nesta parte da cidade, a Sudoeste, não tem rivalidade entre os bandos. Por isso, mesmo que Dally descolasse uma boa briga de vez em quando, ele não tinha nada em particular para odiar. Não tinha turma rival. Só os *socs*. E, por mais que o cara tente, não dá pra levar a melhor com eles, porque eles é que estão com tudo. Nem que a gente acabasse com eles, não dava para mudar esse fato. Talvez por isso Dallas era tão amargo.

Ele tinha a maior fama. Na delegacia tem uma pasta sobre ele. Ele já tinha sido detido, se embebedava, participava de rodeios, mentia, trapaceava, roubava, enrolava os bêbados, assaltava criancinhas — fazia de tudo. Eu não gostava dele, mas ele era esperto, e a gente era obrigado a respeitar.

Claro, por último vinha Johnnycake. Se você for capaz de imaginar um cachorrinho escuro que já levou pontapé de todo lado e que está perdido no meio de um monte de estranhos, pronto, é Johnny. Ele era o mais novo depois de mim, menor que os outros, um físico franzino. Tinha olhos grandes, pretos, num rosto bem bronzeado. Seu cabelo era pretíssimo, penteado para o lado com muito gel, mas era tão comprido que escorregava pela testa, formando uma espécie de franja descabelada. Tinha uma expressão nervosa e desconfiada no olhar; aquela surra que ele tinha levado dos *socs* não contribuíra em nada para melhorar as coisas. Ele era o mascote do grupo, o irmão mais novo de todo mundo. O pai sempre batia nele, e a mãe não lhe dava a menor bola, a não ser quando ele respondia atravessado, aí dava pra ouvir até lá de casa ela berrando com ele. Acho que para ele aquilo era pior que apanhar. Ele teria saído de casa um milhão de vezes se a gente não estivesse por lá. Se não fosse a turma, Johnny nunca teria sabido o

que é amor e afeto.

Enxuguei os olhos correndo:

— Vocês os pegaram?

— Nada. Dessa vez escaparam, aqueles desgraçados... — Metido continuou, todo animado, chamando os *socs* de todos os nomes que pintavam na cabeça, mais outros que ia inventando.

— O garoto está bem?

— Estou. — Tentei pensar em alguma coisa para dizer. Em geral falo bem pouco, até com o pessoal da turma. Mudei de assunto: — Não sabia que você já tinha saído da cana, Dally.

— Bom comportamento. Saí antes. — Dallas acendeu um cigarro e passou para Johnny. Todo mundo sentou para fumar e relaxar. Um cigarrinho sempre ajuda a diminuir a tensão. Eu tinha parado de tremer, minha cor tinha voltado. O cigarro estava me acalmando.

Metido levantou uma sobrancelha.

— Belo machucado esse que você arranjou, cara.

Toquei o rosto com os dedos, meio sem jeito.

— É mesmo?

Metido fez que sim, sério.

— Belo talho, também. Você fica com um ar durão.

Durão e chocante são duas palavras de sentido bem diferente. Durão quer dizer bruto, grosseiro; chocante é por dentro, ligado, como um Mustang chocante, um disco chocante. No nosso bairro, as duas palavras são elogios.

Steve veio para cima de mim:

— O que é que você estava fazendo, andando sozinho por aí? — Bem coisa do Steve puxar aquele papo.

— Eu estava voltando do cinema para casa. Eu pensei que...

— Você nunca pensa coisa nenhuma na hora que precisa — explodiu Darry —, nem em casa nem em lugar nenhum. Acho que na escola você pensa, com todas aquelas boas notas que traz para casa, anda sempre enfiado em algum livro, mas será que alguma vez você usa a cabeça para alguma coisa que preste? Não senhor, não é? E já que tinha que andar sozinho por aí, devia ter carregado um canivete.

Eu não parava de olhar para o furo na ponta do meu tênis. Não tinha jeito, eu e Darry não nos entendíamos. Eu nunca conseguia agradá-lo. Se eu tivesse carregado um canivete, ele me dava uma bronca porque tinha carregado. Se tirasse B na escola, ele queria que eu tirasse A. Se tirasse A, queria que eu continuasse tirando. Se saísse para jogar futebol, devia estar em casa estudando. Se ficasse lendo, devia estar na rua jogando futebol. Ele nunca dava bronca no Sodapop, nem quando Soda largou o colégio, nem quando levava multa por excesso de velocidade. A bronca era só comigo.

Soda estava olhando fixo para ele.

— Deixe meu irmão caçula em paz, ouviu? Ele não tem culpa de gostar de ir ao cinema; também não é culpa dele se os *socs* gostam de nos acertar. Se estivesse carregando canivete, teriam uma boa desculpa pra cortá-lo inteirinho.

Soda sempre fica do meu lado.

Darry falou, impaciente:

— Quando eu quiser que meu irmão mais novo me diga o que tenho que fazer com meu outro irmão mais novo te pergunto, irmão mais novo. — Mas me deixou em paz. Ele sempre para de me chatear quando Sodapop manda. Quase sempre.

— Da próxima vez, chame um de nós para ir com você, Ponyboy — disse o Metido —, ninguém vai dizer não.

— Falando em cinema — Dally bocejou, jogando longe a bagana —, amanhã de noite vou dar um pulo lá no Nightly Double. Alguém está a fim de ir junto e ver se pinta algum lance bom?

Steve fez que não.

— Eu e Soda vamos ao jogo com Evie e Sandy. Ele não precisava olhar para mim daquele jeito bem naquela hora. Eu não ia pedir para ir junto. Nunca diria uma coisa dessas para o Soda, porque ele gosta muito do Steve, de verdade, mas às vezes não dá pra aguentar Steve Randle. Sério. Às vezes tenho ódio dele.

Darry suspirou, bem do jeito que eu achei que ele faria. Darry nunca tinha tempo para fazer outras coisas.

— Amanhã de noite estou trabalhando.

Dally olhou para o resto de nós.

— E vocês? Metido? Johnnycake, você e Pony não querem ir?

— Eu e Johnny vamos — eu disse. Sabia que o Johnny só abria a boca quando era obrigado. — Tudo bem, Darry?

— Tudo bem, desde que não seja noite de aula — Darry era beleza para me deixar ir aos lugares nos fins de semana. Em noite de aula eu mal podia sair de casa.

— Eu estava pensando em tomar um porre amanhã à noite — disse Metido. — Se resolver não tomar, vou até lá e encontro vocês.

Steve estava olhando para a mão do Dally. Seu anel, que uma vez ele tinha tirado de um coroa bêbado, tinha voltado para o seu dedo.

— O que foi, você saiu fora da Sylvia outra vez?

— É, e dessa vez é pra valer. Aquela putinha andou me passando a perna enquanto eu estava em cana.

Pensei em Sylvia, Evie, Sandy e em todas as louras do Metido. Nenhum outro tipo de garota ia olhar para a gente, pensei. Garotas grosseiras, espalhafatosas, com um monte de maquiagem, rindo muito, dizendo muito palavrão. Mas a garota do Soda, a Sandy, eu achava legal. Tinha um cabelo louro que não era pintado, seu riso era suave, igualzinho aos seus olhos azul-acinzentados. Não tinha casa de verdade nem nada, era como nós, *greaser*, mas era uma garota superlegal. Mesmo assim, um monte de vezes eu ficava pensando como seriam as outras garotas. As de olhos brilhantes, que usam vestido de comprimento decente e que nos tratam como se quisessem cuspir na gente se tivessem uma oportunidade. Algumas têm medo de nós; quando eu pensava em Dallas Winston, achava que elas tinham razão. Mas quase todas olham para nós como se fôssemos um lixo, com o mesmo tipo de olhar dos *socs*, quando passam em seus Mustangs e Corvairs, gritando "*greaser*" pra nós. Eu ficava pensando nelas. Nessas garotas... Será que elas choram quando os caras delas são presos, como Evie chorou quando Steve foi em cana, ou será que elas os sacaneiam, como Sylvia faz com Dallas? Mas talvez os caras delas nunca fossem em cana, nem apanhassem, nem levassem a pior nos rodeios.

Naquela noite, fazendo meu dever, ainda estava pensando naquilo. Tinha que ler *Grandes esperanças* para a aula de inglês e estava achando aquele carinha, o Pip, meio parecido com a gente: aquele jeito dele, de se sentir um

merda porque não era fino nem nada, mais aquela garota o desprezando o tempo todo. Isso já aconteceu comigo. Uma vez, na aula de biologia, eu tinha que dissecar uma minhoca. A gilete não queria cortar, aí cortei com meu canivete de mola. Na hora em que soltei a lâmina — eu não me liguei no que estava fazendo, senão nunca teria feito aquilo —, aquela garota que estava bem do meu lado levou um susto e falou: "Eles têm razão. Você é um pivete". Aquilo até que não me pegou tanto. Na minha sala tinha um monte de *socs* (sempre me colocam nas turmas A, porque acham que sou inteligente), a maioria deles achou a maior graça naquilo. Mas eu não. Ela era uma garota bonita. Ficava muito bem de amarelo.

A gente até que merece uma boa parte das encrencas que arranja, pensei. Dallas merece tudinho o que leva; para falar a verdade, merecia até mais. E Metido não está a fim nem precisa da metade das coisas que afana nas lojas. Ele só acha divertido fazer tudo o que não estiver no regulamento. Mas eu até posso entender por que Sodapop e Steve vivem se metendo em rachas e brigas: os dois têm energia demais, são muito emotivos, não têm como botar a coisa pra fora.

— Mais força, Soda — ouvi Darry dizer, meio enrolado. — Assim vou acabar dormindo.

Olhei pela porta aberta. Sodapop estava fazendo uma massagem nas costas do Darry. Meu irmão mais velho está sempre com distensões. Ele coloca telhado nas casas e passa o tempo tentando carregar duas cargas de telhas escada acima. Eu sabia que Soda o faria dormir; Soda é capaz de apagar praticamente qualquer pessoa quando mete isso na cabeça. É que ele achava que Darry trabalhava demais. Eu também achava.

Darry não merecia trampar como um velho, ele só tinha 20 anos. Tinha sido um cara superpopular na escola; foi capitão do time de futebol, tinha sido eleito o Garoto do Ano. Só que a gente simplesmente não tinha grana para ele continuar estudando depois do colégio, mesmo com a bolsa de atletismo que ganhou. Agora ele não tinha tempo nem para pensar em estudar, entre um emprego e outro. Por isso ele nunca ia a lugar nenhum, não fazia mais nada, só dava duro nos ginásios e de vez em quando ia esquiar com uns amigos.

Esfreguei o rosto no lugar que tinha ficado roxo. Tinha visto no espelho,

aquilo me dava um ar de durão. Mas Darry tinha me mandado botar um curativo no corte.

Lembrei de como Johnny tinha ficado mal daquela vez que quebraram ele. Eu tinha tanto direito quanto os *socs* de andar pela rua; Johnny nunca tinha feito nada para eles. Por que os *socs* odiavam tanto a gente? A gente não se metia com eles. Quase dormi em cima da minha lição tentando entender a coisa.

Sodapop, que àquela altura já tinha se enfiado na cama, gritou para mim com voz sonolenta para apagar a luz e ir dormir. Acabei de ler o capítulo e fui.

Deitado do lado do Soda, olhando para a parede, fiquei me lembrando das caras dos *socs* enquanto me cercavam, daquela camisa azul xadrez que o louro estava usando, e ouvi uma voz abafada dizendo: "Está precisando cortar o cabelo, *greaser*?". Estremeci.

— Com frio, Ponyboy?

— Um pouquinho — menti. Soda passou um braço pelo meu pescoço. Murmurou alguma coisa, com sono.

— Olha aqui, garoto, quando Darry fica te dando bronca... não está querendo nada. Só que tem mais coisas para se preocupar do que um cara da idade dele devia ter. Não é para levar a sério... Sacou, Pony? Não deixe ele pegar no seu pé. Na verdade ele está é orgulhoso, porque você é tão inteligente. É só porque você é o caçula. Quer dizer, ele te ama pra burro. Sacou?

— Claro — eu disse, fazendo a maior força para não falar com tom irônico, pra não chatear Soda.

— Soda?

— Quê?

— Como é que você foi sair da escola? — Eu nunca tinha engolido aquela. Quase não deu para aguentar quando ele se mandou da escola.

— É que sou burro. De todo jeito, eu só tinha sido aprovado em mecânica de automóveis e educação física.

— Você não é burro.

— Sou, sim. Fica quietinho que vou te contar uma coisa. Mas não conta para o Darry.

— Está bem.

— Acho que vou me casar com Sandy. Depois que ela sair da escola, quando eu arrumar um trampo melhor e tudo. Talvez eu espere até você sair da escola. Assim ainda dá para eu ajudar Darry com as contas, e esse lance todo.

— Acho um barato. Mas espere até eu sair da escola, assim você segura um pouco o Darry, não deixa ele ficar em cima de mim.

— Não seja assim, garoto. Eu já disse que metade do que ele diz não é pra valer...

— Você está apaixonado pela Sandy? Como é isso?

— Hummmm — ele suspirou, todo feliz. — É joia.

Pouco depois, sua respiração tinha ficado suave e regular. Virei a cabeça para olhar para ele; à luz da lua ele mais parecia um deus grego que tivesse descido à Terra. Fiquei imaginando como é que ele aguentava ser tão bonito. Aí suspirei. Não tinha entendido bem o que ele queria dizer sobre Darry. Meu irmão mais velho achava que eu era simplesmente outra boca para alimentar, alguém para ficar dando bronca. Darry me amar? Pensei naqueles olhos duros, claros. Por uma vez Soda estava errado, pensei. Darry não ama ninguém nem nada, tirando o Soda, talvez. Eu mal e mal pensava nele como um ser humano. Não faz mal, menti para mim mesmo, também não me importo nem um pouco com ele. Soda me basta, até sair da escola eu tinha o Soda. Nem me incomodo com Darry. Mas eu continuava mentindo, e sabia disso. Minto para mim mesmo o tempo todo. Mas nunca acredito em mim.

2

Dally estava esperando por Johnny e por mim debaixo do poste, na esquina das avenidas Pickett e Sutton, e como chegamos cedo dava pra gente ir até a lanchonete, no shopping, e ficar fazendo onda. Compramos Coca-Cola, sopramos na garçonete com o canudinho, depois demos uma circulada, de olho nas coisas que estavam expostas do lado de fora das lojas, mas o gerente acabou sacando a nossa e veio sugerir que a gente se mandasse. Mas era tarde: Dally saiu levando dois pacotes de Kool[4] debaixo da jaqueta.

Atravessamos a rua e descemos um pouco pela Sutton até chegar ao The Dingo. Tem um monte de drive-ins na cidade. Os *socs* vão ao The Way Out e ao Rusty's, os *greasers* vão ao The Dingo e ao Jay's. O Dingo é um lugar bem barra-pesada, tem sempre alguém brigando. Uma vez uma garota levou um tiro. Demos uma circulada, falamos com todos os *greasers* e malandros que conhecíamos. A gente se debruçava nas janelas dos carros ou então pulava para o banco de trás; ficamos por dentro de todo mundo que ia fugir, quem estava em cana, quem estava saindo com quem, quem ia dar uma surra em quem e quem tinha roubado o quê, quando e por quê. Lá a gente ficou sabendo de tudo sobre todo mundo. Enquanto a gente estava lá, pintou a maior briga entre um *greaser* grandão de 23 anos e um cara mexicano que andava viajando de carona. Na hora em que eles tiraram os canivetes, a gente se mandou, porque logo, logo ia sujar e ninguém que bata bem da cabeça vai querer estar por perto quando os meganhas aparecerem.

Atravessamos a Sutton, cortamos por trás da Spencer Special, a loja que vende artigos com desconto, e perseguimos dois ginasianos pelo meio de um campo durante alguns minutos. A essa altura já tinha escurecido o suficiente para que pudéssemos passar pela cerca dos fundos do drive-in Nightly Double sem que ninguém nos visse. Aquele era o maior drive-in da cidade. Todas as noites passavam dois filmes e, nos fins de semana, quatro. Você podia dizer que ia ao Nightly Double e tinha tempo para andar pela

cidade toda.

Nós três tínhamos dinheiro para pagar a entrada — custa só 25 centavos se o cara não está de carro —, mas Dally detestava fazer coisas do jeito que manda a lei. Gostava de mostrar que não estava nem aí para as leis. Andava todo o tempo tentando ir contra a lei. Fomos para as filas de assentos da frente, no lugar reservado para se sentar. Não tinha ninguém lá, fora duas garotas que estavam sentadas bem na frente. Dally olhou para elas sem dar a mínima, depois foi andando pela passagem e sentou bem atrás delas. Tive uma sensação ruim, achei que ele estava preparando uma das dele. E tinha razão. Começou a falar alto para as duas garotas ouvirem. Começou mal e continuou pior. Dallas era capaz de falar as maiores sacanagens quando estava a fim, e acho que, naquela hora, ele estava. Senti minhas orelhas ficarem quentes. Metido, Steve ou até Soda teriam entrado naquela com ele, só para ver se deixavam as garotas sem graça, mas sei lá, não curto nem um pouco esse tipo de barato. Fiquei sentado ali feito um babaca, e Johnny saiu correndo para comprar uma Coca.

Se aquelas garotas fossem *greasers* eu não teria ficado tão envergonhado, talvez até tivesse dado uma força ao velho Dallas. Mas elas não eram do tipo da gente. Eram meio frescas, bem-vestidas e bonitas pra diabo. Deviam ter uns 16 ou 17 anos. Uma tinha cabelo curto, escuro, a outra tinha cabelo vermelho comprido. A de cabelo vermelho estava ficando brava, ou então apavorada. Sentou bem retinha, mascando seu chiclete com toda a força. A outra fingia que nem estava ouvindo Dally. Ele estava perdendo a paciência. Botou os pés no encosto da cadeira da ruiva, piscou para mim e bateu o próprio recorde em matéria de dizer putaria. Ela se virou e olhou para ele friamente.

— Tira os pés do meu assento e cala a boca.

Cara, ela era bonita. Eu já a tinha visto antes, era a chefe da torcida lá da escola. Eu sempre a achei orgulhosa.

Dally só olhou para ela e deixou os pés onde estavam.

— Quem é que vai me obrigar a tirar os pés?

A outra se virou e olhou para nós.

— Esse aí é aquele *greaser* que trapaceia para o Slash J[5] de vez em quando — disse, como se a gente não estivesse ouvindo.

Eu já tinha ouvido aquele mesmo tom um milhão de vezes: "*greaser... greaser... greaser*". Nossa, eu já tinha ouvido muitas vezes. O que elas estão fazendo num drive-in, sem carro?, pensei. Então Dallas disse:

— Conheço vocês duas. Já vi vocês nos rodeios.

— É uma pena que você não saiba montar búfalos tão bem quanto sabe falar besteira — disse a ruiva friamente, e virou as costas. Aquilo não incomodou Dally nem um pouco.

— Vocês duas fazem salto, não é?

— É melhor deixar a gente em paz — disse a ruiva com voz irritada —, senão vou chamar os guardas.

— Ai, que medo — Dally parecia estar entediado —, vocês estão me deixando apavorado. Você tinha de dar uma olhadinha na minha ficha uma hora dessas, boneca. — Deu uma risadinha maliciosa. — Adivinhe por que eu fui em cana...

— Por favor, deixa a gente em paz — disse ela.

— Por que você não fica bonzinho e não deixa a gente em paz?

Dally riu, brincalhão.

— Nunca sou bonzinho. Quer uma Coca?

Àquela altura ela já estava louca de raiva.

— Eu não tomaria nem se estivesse morrendo no deserto. Dá o fora, cara!

Dally só encolheu os ombros e saiu dali.

A garota olhou para mim. Eu estava meio apavorado de medo dela. Fico com medo de todas as garotas legais, principalmente quando são *socs*.

— Você também vai começar a nos perturbar?

Balancei a cabeça, com olhos arregalados.

— Não.

De repente ela sorriu. Cara, ela era bonita.

— Você parece não ser o tipo, mesmo. Como é seu nome?

Eu queria que ela não tivesse me perguntado aquilo. Detesto dizer meu nome para as pessoas pela primeira vez.

— Ponyboy Curtis.

Aí fiquei esperando pelo "Você está me gozando!" ou "Esse é o seu verdadeiro nome?" ou qualquer lance assim, que sempre me dizem. Ponyboy

é meu nome verdadeiro, e eu, pessoalmente, gosto muito dele.

A ruiva apenas sorriu.

— Esse nome é superoriginal, uma gracinha.

— Meu pai era um cara original — eu disse. — Tenho um irmão que se chama Sodapop, está assim na certidão de nascimento dele.

— Meu nome é Sherri, só que me chamam de Cherry,[6] por causa do meu cabelo. Cherry Valance.

— Eu sei — eu disse. — Você é chefe da torcida. A gente estuda na mesma escola.

— Você não parece ter idade para estar no colégio — disse a garota de cabelo escuro.

— Não tenho mesmo. É que pulei um ano no ginásio.

Cherry estava olhando pra mim.

— O que é que um garoto legal e inteligente como você está fazendo andando por aí com um lixo daqueles?

Senti meu corpo se contrair.

— Sou *greaser*, como Dally. Ele é meu chapa.

— Desculpe, Ponyboy — disse ela suavemente. Depois falou depressa: — Seu irmão Sodapop trabalha num posto de gasolina, num posto DX, acho?

— Trabalha.

— Cara, seu irmão é um gato. Bem que eu podia ter adivinhado que vocês são irmãos, são iguaizinhos.

Sorri de orgulho. Não me acho nem um pouco parecido com Soda, mas não é todo dia que ouço os *socs* dizerem que acham meu irmão um gato.

— Ele não costumava montar nos rodeios? Montar cavalos xucros?

— É. Só que o papai fez ele parar, depois que rompeu um ligamento. A gente ainda vai muito a rodeios. Já vi vocês saltarem. São ótimas.

— Obrigada — disse Cherry.

E a outra garota, que se chamava Marcia, disse:

— Por que a gente não vê seu irmão lá na escola? Ele não tem mais que 16 ou 17 anos, tem?

Estremeci por dentro. Já disse a vocês que não consigo sacar essa do Soda ter saído da escola.

— Ele parou de estudar — eu disse, num tom grosseiro. Aquele "parou

de estudar" me fazia pensar num vagabundo bem pobre-coitado com cara de burro andando pelas ruas, quebrando as lâmpadas dos postes. Não combinava nem um pouco com aquele meu irmão alto-astral. Combinava perfeitamente com Dally, mas era difícil dizer aquilo do Soda.

Naquele momento, Johnny voltou e se sentou do meu lado. Deu uma olhadinha em volta para ver se via Dally, depois conseguiu dizer um "oi" tímido para as garotas e tentou assistir ao filme. Mas estava nervoso. Johnny sempre ficava nervoso com estranhos por perto. Cherry olhou para ele, avaliando-o, como tinha feito comigo. Depois sorriu suavemente e tive certeza de que o tinha avaliado cuidadosamente.

Dally voltou gingando, com uma porção de Coca-Colas. Deu uma para cada uma das garotas e sentou-se ao lado de Cherry.

— Quem sabe isto te acalma.

Ela olhou pra ele com ar de quem não está acreditando, depois jogou Coca na cara dele.

— Talvez isto te acalme, *greaser*. Depois que você lavar a boca e aprender a falar e agir com educação, pode ser que eu também me acalme.

Dally secou a Coca do rosto com a manga e deu um sorriso perigoso. Se eu fosse a Cherry, teria dado o fora. Eu conhecia aquele sorriso.

— Orgulhosinha, hein? Tudo bem, é assim que eu gosto de mulher — começou a passar o braço em volta dela, mas Johnny se espichou e o segurou.

— Deixa a garota em paz, Dally.

— O quê? — Dally tinha sido pego de surpresa. Ficou olhando para Johnny sem acreditar.

Johnny era incapaz de dizer um "a"! Johnny engoliu em seco, ficou um pouquinho pálido, mas disse:

— Cara, você ouviu muito bem. Deixa ela em paz.

Dallas ficou um segundo de cara feia. Se fosse eu, Metido, Soda ou Steve — ou qualquer outra pessoa que não fosse Johnny —, Dallas teria achatado o cara sem pensar duas vezes. Aquilo era uma coisa que não se fazia, dizer para Dally Winston o que ele devia fazer. Uma vez, numa loja que vendia coisas em máquinas de moeda, um cara tinha dito para ele chegar mais para o lado no balcão de balas. Dally se virou e bateu nele com o cinto com

tanta força que saltou um dente do cara na hora. Era um estranho total, além do mais. Mas Johnny era o mascote da roda, não dava para Dally bater nele. Também era mascote do Dally. Então Dally se levantou e se mandou mordido, com as mãos bem enfiadas nos bolsos. Não voltou.

Cherry suspirou aliviada.

— Obrigada. Eu estava morta de medo.

Johnny conseguiu dar um sorriso de admiração.

— Pode ter certeza de que não deu pra notar. Ninguém fala com o Dally daquele jeito.

Ela sorriu.

— Pelo que vi, você fala.

As orelhas de Johnny ficaram vermelhas. Eu ainda estava olhando para ele. Foi preciso muito mais que peito pra ele dizer aquilo para Dally: Johnny lambia o chão que Dallas pisava; nunca na vida eu tinha ouvido Johnny levar uma de alguém, muito menos com seu herói.

Marcia riu para nós. Ela era um pouco mais baixa que Cherry. Era bem bonita, mas aquela Cherry Valance era uma gata.

— Venham sentar aqui com a gente. Vocês nos protegem.

Johnny e eu nos olhamos. De repente ele riu, levantando as sobrancelhas, que sumiram atrás da franja. Nossa, quanta coisa a gente ia ter pra contar pros caras! Era isso que os olhos dele estavam dizendo, com certeza. A gente tinha descolado duas garotas e, ainda por cima, de categoria. Não era nenhuma *greaser*, mas *socs* de verdade. Soda ia ficar doido quando eu contasse a ele.

— Tudo bem — eu disse, com ar de pouco-caso. — A gente não tá fazendo nada mesmo.

Sentei no meio das duas, e Johnny, do lado da Cherry.

— Quantos anos vocês têm? — perguntou Marcia.

— Catorze — eu respondi.

— Dezesseis — disse Johnny.

— Gozado — disse Marcia —, achei que vocês dois tivessem...

— Dezesseis — concluiu Cherry.

Fiquei grato a ela. Johnny parecia ter 14 — e sabia disso; aquilo era uma coisa que o deixava superchateado.

Johnny riu.

— Por que é que vocês não ficam com medo de nós, como ficaram do Dally?

Cherry suspirou:

— Vocês dois são muito doces, não assustam ninguém. Em primeiro lugar, não ficaram falando besteira como Dallas, depois fizeram nos deixar em paz. Aí, quando a gente convidou vocês pra sentarem aqui, não ficou parecendo que tinham comprado uma briga. Além disso, eu já tinha ouvido falar de Dallas Winston; ele tem jeito de ser superduro. Vocês não têm cara de maus.

— Claro —, eu disse, desanimado —, nós somos jovens e inocentes.

— Não — disse Cherry devagarinho, olhando para mim com atenção —, não de inocentes. Vocês já viram muita coisa para ser inocentes. Só que não são... sujos.

— Dally é legal — disse Johnny na defensiva, e eu concordei. Você defende os seus camaradas, não importa o que fazem. Quando você é de uma roda, fica do lado do pessoal. Se não fica do lado deles, se não se une, se não fica ligado como se todos fossem irmãos, aí não é mais uma turma. É um bando. Um bando encrenqueiro, desconfiado, brigão, feito os *socs* nos clubes sociais deles ou como as gangues de rua em Nova York ou os lobos na floresta. — Ele é durão, mas é um barato.

— Se ele conhecesse vocês, não ia ficar chateando — eu disse, e era verdade. Quando a prima de Steve veio do Kansas, Dally foi legal com ela, até ficou cuidando pra não falar muito palavrão. Nós todos fazíamos isso com as garotas tipo prima. Não sei como explicar, a gente tenta ser legal com as garotas que vê de vez em quando, como as primas e as garotas da classe, mas, mesmo assim, quando a gente vê uma garota legal passando numa esquina, dizemos todo tipo de besteiras sobre ela. Não me pergunte por quê. Eu não sei.

— Bom — disse Marcia, decidida. — Acho ótimo que ele não nos conheça.

— Eu tenho certa admiração por ele — disse Cherry, suavemente, de modo que só eu ouvi, depois nos acomodamos para assistir ao filme.

Claro que descobrimos por que elas estavam lá sem carro. Elas tinham

vindo com os namorados, mas deram o fora neles quando descobriram que os garotos tinham levado bebida. Aí eles ficaram mordidos e foram embora.

— Nem me incomodo que eles tenham ido. — Mas Cherry parecia chateada. — Não acho a menor graça em sentar num drive-in e ficar olhando as pessoas se embebedar.

Dava para sentir, pelo jeito que disse aquilo, que o que ela achava um bom programa era, provavelmente, alguma coisa de categoria, provavelmente cara. Tipo um desses filmes que se passam numa praia, sem história nem ação, em que há um monte de garotas de biquíni, com pessoas cantando alguma música, e tudo bem. Nós quatro estávamos ali sentados em silêncio quando de repente uma mão forte pegou o ombro de Johnny e outra pegou o meu, enquanto uma voz grave dizia:

— Olha aqui, *greasers*, já deu.

Quase caí para trás. Era como quando uma pessoa pula de trás da porta gritando "Bu!" pra você.

Olhei por cima do ombro com o maior medo; lá estava o Metido, rindo como o gato de *Alice no País das Maravilhas*.

— Parabéns, Metido! Qual é a sua de nos assustar desse jeito?

Ele era ótimo para imitar vozes, dava pra jurar que era um *soc* furioso. Aí olhei para Johnny. Estava com os olhos fechados, branco como um fantasma. Estava respirando aos solavancos. Metido não tinha nada que assustar Johnny daquele jeito. Acho que ele tinha esquecido. Ele é meio cabeça de vento.

Johnny abriu os olhos e disse baixinho:

— Oi, Metido.

Metido passou a mão pelo cabelo.

— Desculpa, cara — disse —, esqueci. — Pulou por cima do encosto e se instalou do lado da Marcia. — Quem são estas? Tias-avós de vocês?

— Bisavós, duas gerações de distância — disse Cherry, muito delicadamente.

Não dava para sacar se Metido estava bêbado ou não. É meio difícil saber, com ele: às vezes finge que está bêbado até quando está sóbrio. Levantou uma sobrancelha e baixou a outra, que é o que sempre faz quando alguma coisa o encuca ou chateia, ou então quando fica com vontade de

dizer alguma gracinha.

— Nossa, você deve ter uns 96 anos.

— Sou um mistério — disse Marcia, satisfeita.

Metido olhou para ela com admiração.

— Cara, você é rápida. Aonde é que vocês imaginavam que iam chegar caindo no papo de dois malandros *greasers* como Pony e Johnny?

— Nós é que passamos o papo neles — disse Marcia. — A verdade é que somos comerciantes árabes de escravos e estamos pensando em sequestrar os dois. Cada um deles vale pelo menos dez camelos.

— Cinco — discordou Metido. — Eles não sabem falar árabe, acho que não sabem. Diz alguma coisa em árabe, Johnnycake!

— Pô, corta essa! — interrompeu Johnny. — Dally estava pegando no pé das duas, e quando ele se mandou elas pediram pra gente sentar com elas para protegê-las. Provavelmente de *greasers* engraçadinhos como você.

Metido riu, porque era raro Johnny ficar tão irritado. A gente já achava bom quando conseguia fazer ele dizer alguma coisa. Deixa eu explicar que a gente não se incomoda de ser chamado de *greaser* por outro *greaser*. Nesse caso, é como uma brincadeira.

— Vem cá, onde é que anda o Dally, aliás?

— Saiu por aí para ver se encontra ação: bebida, gatas ou briga. Espero que não vá em cana de novo. Acabou de sair!

— Provavelmente a briga ele vai encontrar — declarou Metido, todo animado. — É por isso que vim até aqui. O senhor Timothy Shepard e companhia estão procurando pela pessoa que teve a gentileza de cortar os pneus do carro dele, e como o senhor Crespo Shepard pegou Dallas fazendo a coisa... bom... Dally tem canivete?

— Que eu saiba, não — eu disse. — Acho que ele tem um pedaço de cano, mas o canivete ele perdeu hoje de manhã.

— Ótimo. Se Dally não puxar um canivete para ele, Tim vai lutar limpo. Acho que Dally não vai ter problema.

Cherry e Marcia ficaram olhando pra gente:

— Vocês são contra jogo bruto e tudo isso, não é?

— Uma luta limpa não é bruta — disse Metido. — Canivete, sim. Correntes, armas, lanças e tacos também. Mano a mano não é bruto. É a

melhor coisa para liberar as energias. Não tem nada de mais trocar uns soquinhos. Os *socs* são brutos. Eles caem de dez em cima de um ou dois, ou então atacam uns aos outros com os clubes sociais deles. Nós, *greasers*, em geral ficamos unidos, mas quando sai briga entre a gente é briga limpa, entre dois caras. E Dally está merecendo o que levar, porque pneu cortado não tem a menor graça quando você tem que trabalhar para pagar os novos. Depois, a culpa é dele se o pegaram fazendo o serviço. Nossa única regra, além dessa união, é não se deixar flagrar. Pode ser que ele apanhe, pode ser que não. Seja como for, não vai pintar nenhuma inimizade mortal entre a nossa turma e a do Shepard. Se amanhã a gente precisasse deles, eles viriam. Se Tim afundar a cabeça do Dally e amanhã vier pedir pra gente dar uma força numa briga, a gente vai. Dally estava atrás de curtição. Pegaram ele. Tem que pagar. Não tem choro.

— Isso, garoto — disse Cherry ironicamente. — Supersimples.

— Claro — disse Marcia, sem dar a mínima. — Se o matarem ou alguma coisa assim, é só enterrar. Não tem choro.

— Você saca legal, gata — Metido riu e acendeu um cigarro. — Alguém está a fim de fumar?

Olhei para Metido com admiração. Puxa, como ele sabia dizer bem as coisas. Ele podia estar no ginásio com 18 anos e meio e encher a cara demais, mas sabia manjar as coisas.

Cherry e Marcia fizeram que não com a cabeça para o cigarro oferecido, mas Johnny e eu aceitamos. A cor do Johnny tinha voltado; já estava respirando normalmente, mas a mão ainda tremia um pouco. Um cigarro ia resolver aquilo.

— Ponyboy, você vai comigo comprar pipoca? — perguntou Cherry.

Pulei do assento.

— Claro! E vocês, estão a fim?

— Eu quero — disse Marcia. Estava tomando o restinho da Coca que Dally tinha dado a ela. Vi que Marcia e Cherry não tinham nada de parecido. Cherry tinha dito que não ia beber a Coca do Dally nem que estivesse morrendo de sede e estava falando sério. Era uma questão de princípio. Mas Marcia não via a menor razão para jogar fora uma boa Coca-Cola de graça.

— Eu também — disse Metido. Me jogou uma moeda de 50 centavos. — Traz pro Johnny também. Eu pago — acrescentou, quando viu Johnny enfiar a mão no bolso do jeans.

Fomos até o balcão. Como sempre, tinha uma fila de um quilômetro, e a gente teve que esperar. Uma porção de caras virou para nos olhar; é difícil ver um garoto *greaser* e uma chefe de torcida *soc* juntos. Cherry parecia nem estar notando.

— O seu amigo, aquele de costeletas, é legal?

— Não é perigoso como Dallas, se é isso que você quer saber. Ele é legal.

Ela riu. Dava para ver, nos seus olhos, que estava pensando em outra coisa.

— Johnny... foi muito machucado algum dia, não é? — Estava mais dizendo que perguntando. — Machucaram e assustaram.

— Foram os *socs* — eu disse, nervoso porque tinha um monte de *socs* circulando por ali. Alguns estavam olhando torto pra mim, como se estivessem achando ruim eu estar com a Cherry ou algo assim. Além disso, não gosto de tocar nesse assunto, esse do Johnny apanhando. De todo jeito comecei a contar, falando um pouco mais depressa que de costume porque também não gosto de pensar naquilo.

"Foi há quase quatro meses. Eu tinha descido até o posto DX para comprar um refrigerante e falar com Steve e com Soda, porque eles sempre me pagam refrigerante e deixam ajudar com os carros. Não gosto de ir em fim de semana, porque quase sempre tem um bando de garotas por lá paquerando o Soda. Todos os tipos de garotas, *socs* também. Eu ainda não estou muito ligado em garotas. Soda diz que com a idade isso passa, que com ele também passou.

Era um dia de primavera mais para quente, de sol, mas, quando saímos de lá pra ir pra casa, estava começando a ficar frio e escuro. Fomos a pé, porque tínhamos deixado o carro de Steve no posto. Na esquina do quarteirão de casa tem um terreno baldio bem grande onde a gente joga futebol; às vezes, a gente fica por ali dando um tempo. O lugar também serve para brigas e lutas de soco. Nós três passávamos por ali, chutando pedras e tomando os últimos goles de nossa Pepsi, quando Steve notou

alguma coisa caída no chão. Pegou o troço e viu que era a jaqueta jeans do Johnny, a única que ele tinha.

— Acho que Johnny esqueceu a jaqueta dele — disse Steve, jogando-a por cima do ombro pra levar até a casa do Johnny. De repente parou e olhou melhor para ela. Tinha uma mancha cor de ferrugem em cima da gola. Então ele olhou para o chão. Na grama havia mais manchas. Olhou para todos os lados, no terreno, em alerta. Acho que todos nós ouvimos o gemido baixo e vimos ao mesmo tempo aquele montinho escuro e imóvel lá do outro lado do terreno. Soda chegou primeiro. Johnny estava caído de cara no chão. Soda o virou com cuidado, quase passei mal. Alguém tinha batido nele pra valer.

A gente já estava acostumado a ver Johnny machucado, porque o pai dele estava sempre socando o cara. A gente ficava puto com aquilo, mas o que é que ia fazer? Mas aquelas surras nem se comparavam com a de agora. O rosto do Johnny estava todo cortado, machucado e inchado. Tinha um talho que ia da têmpora até o meio da face. Ele ia ficar com aquela cicatriz para o resto da vida. A camiseta branca estava toda manchada de sangue. Fiquei ali sem conseguir me mexer e, de repente, tremendo de frio. Achei que ele podia estar morto, que com certeza uma pessoa não podia apanhar daquele jeito e não morrer. Steve fechou os olhos durante um segundo, deu uma espécie de ronco abafado e se ajoelhou do lado do Soda.

Não sei como, mas a turma sentiu o que tinha acontecido. De repente Metido estava ali do meu lado, por uma vez sem aquele riso de gozação, com uma espécie de tempestade em seus olhos cinzentos. Darry tinha nos visto de longe, da entrada do prédio, e veio correndo — deu uma derrapada para conseguir parar. Dally também estava lá dizendo palavrão baixinho; virou para o outro lado com jeito de quem estava passando mal. Fiquei pensando naquilo. Dally já tinha visto gente sendo morta nas ruas do lado Oeste, em Nova York. Por que aquela cara, agora?

— Johnny? — Soda o levantou e o encostou no ombro. Deu uma sacudida no corpo largado. — Ei, Johnnycake!

Johnny não abriu os olhos, mas deu para ouvir uma pergunta, bem baixinho:

— Soda?

— É, sou eu — disse Sodapop. — Não fale. Você vai ficar bom.

— Tinha um montão deles — continuou Johnny, meio engasgado, sem dar bola para o que Soda tinha dito. — Um Mustang azul cheinho... Fiquei com tanto medo... — tentou dizer um palavrão, mas de repente começou a chorar, fazendo força para se controlar e chorando cada vez mais porque não conseguia. Eu já tinha visto Johnny levar uma surra de pau do pai dele sem dizer um "ai". Aquilo tornava mais difícil vê-lo cair agora. Soda só o segurava e alisava o cabelo dele, para não entrar nos olhos.

— Tá tudo bem, Johnnycake, eles já foram embora. Tudo bem.

No fim, entre dois soluços, Johnny conseguiu botar a história para fora. Ele estava ali, com a nossa bola de futebol, treinando uns chutes, quando um Mustang azul parou do lado do terreno, com quatro *socs* dentro. Eles correram atrás do Johnny e o agarraram. Um dos quatro estava com um monte de anéis na mão, era aquilo que tinha cortado Johnny daquele jeito. Não era só porque eles tinham batido até deixar ele meio morto, aquilo ele até que encarava. Mas o assustaram. Tinham feito todo tipo de ameaças. Johnny já era supernervoso, era uma pilha, de tanto apanhar de cinta toda vez que olhava para o lado e de tanto ouvir os pais brigando.

Qualquer outra pessoa podia ter ficado rebelde e amarga de viver daquele jeito, mas a coisa estava matando Johnny. Ele nunca tinha sido covarde. Era bom numa briga. Era leal com a turma e nunca abriu o bico para os tiras. Mas, depois da noite da surra, Johnny ficou mais nervoso do que nunca. Eu achava que ele nunca ia sair daquela. Nunca mais andou sozinho. E Johnny, que de todos nós era o que mais respeitava as leis, agora andava com um canivete de 15 centímetros no bolso de trás da calça. Tenho certeza de que ele usaria aquela lâmina se fosse agredido de novo. De tanto que tinha ficado apavorado. A próxima pessoa que o atacasse, ele mataria. Ninguém ia bater nele daquele jeito de novo. Nunca mais. Só se fosse por cima do seu cadáver..."

Eu tinha praticamente esquecido que Cherry estava me escutando. Mas quando voltei para a realidade e olhei para ela, levei um susto quando vi que estava branca como papel.

— Nem todos os *socs* são assim — disse ela. — Você tem que acreditar

em mim, Ponyboy. Nós não somos todos assim.

— Claro — eu disse.

— É a mesma coisa que dizer que todos os *greasers* são como Dallas Winston. Aposto que ele já acertou algumas pessoas.

Engoli aquela. Era verdade. Dally já tinha atacado umas pessoas. Tinha nos contado cada história de assalto em Nova York de deixar o cabelo em pé. Mas nem todos éramos ruins daquele jeito.

Cherry não estava mais com cara de estar passando mal, só estava triste.

— Aposto que você acha que os *socs* estão com tudo. Os garotos ricos, os *socs* do lado Oeste. Vou lhe dizer uma coisa, Ponyboy, que acho que vai se surpreender. Nós temos problemas de que você nunca ouviu falar. Quer saber de uma coisa? — Olhou bem dentro dos meus olhos. — As coisas são duras em toda parte, para todos.

— Acredito — eu disse. — É melhor a gente voltar com a pipoca, senão Metido vai pensar que fugi com a grana dele.

Voltamos e assistimos a todo o filme de novo. Marcia e Metido estavam numa boa. Os dois tinham o mesmo senso de humor meio pirado. Mas Cherry, Johnny e eu ficamos ali sentados, assistindo ao filme, sem falar. Parei de me preocupar com tudo e pensei como era legal estar sentado com uma garota sem ter que ficar ouvindo ela dizer palavrão nem ter que escorraçá-la. Eu sabia que Johnny também estava gostando. Ele não falava muito com as garotas. Uma vez, quando Dallas estava no reformatório, Sylvia tinha começado a dar em cima do Johnny, a ir com conversa mole pra cima dele. Steve tinha ficado com ela e dito que se tentasse alguma das sacanagens dela com o Johnny, ele ia quebrar a cara dela pessoalmente. Aí deu uma aula para Johnny sobre garotas e sobre como uma putinha fingida como Sylvia podia acabar metendo o cara num monte de encrencas. O resultado foi que Johnny quase não falava com as garotas, só que eu não sei se era porque ele tinha medo do Steve ou porque era tímido.

Metido me deu exatamente a mesma aula uma vez, depois que tínhamos pegado duas garotas na cidade. Achei graça, porque esse assunto de garota é uma coisa que até o Darry acha que eu trato usando a cabeça. E foi gozado mesmo, porque Metido estava meio travado quando me deu a aula e me contou umas histórias que deram vontade de me enfiar no chão, ou coisa

assim. Só que ele tinha falado sobre garotas do tipo da Sylvia e das outras que ele, Dally e o resto pegavam nos drive-ins e no centro. Nunca disse uma palavra sobre garotas *socs*. Então imaginei que tudo bem estar sentado ali com elas, mesmo que também tivessem seus problemas. Não tinha jeito, eu não conseguia imaginar como os *socs* podiam passar aperto. Boas notas, bons carros, boas garotas, camisas xadrezes, Mustangs, Corvairs. Cara, pensei, se minhas preocupações fossem essas, eu ia achar que era um cara de sorte.

Mas agora já sei.

3

Quando o filme acabou, sacamos de repente que Cherry e Marcia não tinham como voltar para casa. Metido, todo gentil, ofereceu-se para ir andando com elas até em casa — o lado Oeste ficava a uns 30 quilômetros dali —, mas elas queriam telefonar para os pais para que fossem buscá-las. Metido convenceu as duas a nos deixar levá-las para casa na máquina dele. Acho que elas ainda estavam meio apavoradas conosco. Mas já estavam se recuperando, enquanto andávamos até a casa do Metido para buscar a máquina. Estava achando gozado os *socs* (se é que aquelas garotas serviam como exemplo) serem bem como a gente. Gostavam dos Beatles e achavam Elvis Presley por fora, nós achávamos os Beatles muito certinhos e o Elvis, o máximo, essa foi a única diferença que encontrei. Claro que se elas fossem *greasers* seriam muito mais duronas, mas no fundo era a mesma coisa. Fiquei pensando que talvez o que nos separasse fosse a grana.

— Não — disse Cherry, devagar, quando lhe disse isso. — Não é só o dinheiro. Em parte é, mas não é só isso. Vocês, *greasers*, têm um código de valores diferente. Vão mais pela emoção. Nós somos sofisticados — frios a ponto de não sentir nada. Com a gente, nada é pra valer. Sabe, às vezes me pego conversando com uma amiga e me dou conta de que não penso a metade do que estou dizendo. Para falar a verdade, não acho nenhuma graça em ficar tomando porre de cerveja na beira do rio, mas quando converso com uma amiga faço a maior onda sobre isso, só para ter alguma coisa para dizer. — Sorriu. — Nunca contei isso para ninguém antes. Acho que você é a primeira pessoa de quem eu chego perto de verdade.

Ela estava mesmo se aproximando de mim, provavelmente porque eu era *greaser* e também porque era mais novo. Ela não precisava ficar alerta comigo.

— Corrida de ratos. Este é um nome perfeito para a coisa — disse ela. — Estamos sempre indo, indo, indo, sem nunca perguntar para onde. Você

já ouviu falar em ter mais do que queria? Aí você não tem mais nada para querer e sai procurando alguma outra coisa. Parece que a gente está sempre atrás de alguma coisa que nos satisfaça, sem nunca encontrar. Talvez encontrasse se a gente conseguisse perder essa frieza.

Era essa a verdade. Os *socs* estavam sempre escondidos atrás de uma muralha de indiferença, tomando cuidado para não deixar aparecer o eu verdadeiro de cada um. Uma vez eu assisti a uma briga entre dois clubes sociais. Até brigando os *socs* eram frios, práticos e impessoais.

— É isso que nos separa — eu disse. — Não é a grana, é o sentimento. Vocês não sentem nada, nós sentimos com muita violência.

Ela estava tentando disfarçar um sorriso.

— É por isso, provavelmente, que nos revezamos para que nossos nomes apareçam nos jornais.

Metido e Marcia não estavam nem prestando atenção na gente. Estavam enfiados num papo incrível, que só fazia sentido para eles.

Sou manjado por ser quieto, quase tão quieto quanto Johnny. Metido sempre dizia que não entendia como é que eu e Johnny éramos tão amigos. "O papo entre vocês deve ser superinteressante", dizia ele, levantando uma sobrancelha, "você, de boca fechada, e Johnny não dizendo nada". Mas Johnny e eu nos entendíamos sem dizer nada. A única pessoa que conseguia me fazer abrir a boca era o Soda. Até o dia em que cruzei com Cherry Valance.

Não sei por que eu conseguia falar com ela; talvez pela mesma razão que ela conseguia falar comigo. Quando vi, estava contando a ela sobre o Mickey Mouse, o cavalo do Soda. Nunca tinha contado nada a ninguém sobre o cavalo do Soda. Era um assunto pessoal.

Soda tinha um cavalo castanho-amarelado, só que não era dele. Era de um cara que deixava o cavalo no haras onde o Soda trampava. Só que Mickey Mouse era o cavalo do Soda. A primeira vez que Soda o viu, falou: "Olha ali o meu cavalo", e nunca duvidei daquilo. Eu devia ter uns dez anos naquela época. Sodapop é maluco por cavalos. No duro. Anda sempre circulando pelos haras e pelos rodeios; sempre que tem uma chance, pula em cima de um cavalo. Quando eu tinha dez anos, achava que Soda e Mickey Mouse pareciam ser iguaizinhos. O pelo de Mickey Mouse era

dourado escuro, ele era teimoso e rebelde, quase um potro. Quando Soda chamava, ele vinha. Não atendia ao chamado de mais ninguém. Aquele cavalo amava Soda. Ficava parado, mordendo a manga ou a gola do Soda. Putz, mas Sodapop era doido por aquele cavalo. Ia vê-lo todos os dias. Mickey Mouse era um cavalo mau. Dava coices nos outros cavalos, estava sempre se metendo em encrenca. "Arranjei um pônei xucro", Soda dizia para ele, alisando seu pescoço. "Como é que você é tão mau, Mickey Mouse?", ele perguntava. Mickey Mouse mascava sua manga, às vezes dava uma mordidinha nele. Não com força. Podia pertencer a outro cara, mas era o cavalo do Soda.

— Soda ainda tem o cavalo? — perguntou Cherry.

— Foi vendido — eu disse. — Um dia foram buscá-lo e o levaram embora. Era um cavalo que valia muito. Era um puro-sangue.

Ela não disse mais nada, e achei bom. Não podia contar a ela que Soda tinha passado a noite chorando depois que levaram Mickey Mouse. Eu também tinha chorado, pra falar a verdade, porque a única coisa que Soda queria mesmo na vida era um cavalo — e tinha perdido o dele. Naquela época, Soda tinha 12 para 13 anos. Mas nunca deixou mamãe e papai saber como estava se sentindo, porque a gente nunca tinha dinheiro o bastante e era a maior barra pra gente conseguir se virar. Com 13 anos, no nosso bairro, você já sabe qual é. Economizei meu dinheiro um ano inteiro, achando que algum dia ia comprar Mickey Mouse para o Soda de novo. Com dez anos o cara não é lá muito esperto.

—Você lê muito, não é, Ponyboy? — perguntou Cherry.

Levei um susto.

— Leio, por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Sei lá, achei. Aposto que você também gosta de olhar o pôr do sol. — Ficou quieta um tempo, depois que concordei. — Eu também costumava olhar, mas depois fiquei muito ocupada...

Fiquei imaginando aquilo, pelo menos tentei. Talvez Cherry ficasse parada, olhando o sol se pôr na hora em que devia estar levando o lixo para fora. Ficava lá olhando e se esquecia de tudo o mais, até o irmão mais velho gritar para ela andar logo. Balancei a cabeça. Achava aquilo gozado ela ver

do quintal da casa dela o mesmo pôr do sol que eu via dos degraus de trás do meu prédio. Talvez os dois mundos diferentes em que vivíamos não fossem tão diferentes assim. Víamos o mesmo pôr do sol.

De repente, Marcia falou num arranco:

— Cherry, olha só quem vem vindo ali.

Todos olhamos e vimos um Mustang azul descendo a rua. Johnny fez um barulhinho na garganta; quando olhei para ele, estava branco.

Marcia estava toda agitada.

— Que é que nós vamos fazer?

Cherry roeu uma unha.

— Ficar aqui — disse. — Não há muito mais coisas pra se fazer.

— Quem são? — perguntou Metido. — O FBI?

— Não — disse Cherry, desanimada —, são Randy e Bob.

— E mais alguns outros representantes do bando de camisas xadrezes, pertencentes à elite social.

— São os namorados de vocês? — A voz de Johnny estava firme, mas como eu estava muito perto dele, pude ver que estava tremendo. Fiquei pensando por que tremia: era supernervoso, mas não era tão assustado assim.

Cherry começou a descer a rua.

— Talvez eles não nos vejam. Façam de conta que está tudo normal.

— Como façam de conta? — riu o Metido. — Sou um normal natural.

— Eu preferia que fosse o oposto — murmurei.

E Metido falou:

— Não fique dando uma de esperto, Ponyboy.

O Mustang passou por nós devagarinho e seguiu em frente. Marcia suspirou aliviada:

— Por pouco.

Cherry virou para mim.

— Me fale de seu irmão mais velho. Você quase não fala dele.

Tentei pensar em alguma coisa pra dizer sobre Darry, depois dei de ombros.

— Que é que tem pra falar? Ele é alto, boa-pinta e gosta de jogar futebol.

— Estou perguntando como ele é. Tenho a impressão de conhecer o Soda, pelo jeito como você fala dele. Agora me fale do Darry. — Quando não falei nada, ela insistiu: — É impetuoso e inquieto como Soda? Sonhador como você?

Fiquei vermelho, mordi o lábio. Darry... como era Darry? — Ele é... — Comecei a dizer que ele era um cara incrível, mas não consegui. Aí explodi, cheio de amargura: — Ele não parece nem um pouco com Sodapop, e pode ter certeza de que não é como eu. É duro como uma pedra e mais ou menos tão humano quanto uma pedra, também. Seus olhos são exatamente como gelo. Ele me acha um pé no saco. Ele gosta do Soda — todo mundo gosta do Soda —, mas não me suporta. Aposto que ele gostaria de poder me enfiar em algum internato. Aposto que faria isso, se Soda deixasse.

Metido e Johnny me olhavam fixamente.

— Não... — disse Metido, espantado. — Não, Ponyboy, não é verdade... Você não entendeu...

— Nossa... — disse Johnny, numa vozinha — pensei que você, Darry e Soda se dessem superbem...

— Pois não é verdade — falei, irritado. Sabia que minhas orelhas estavam vermelhas, pois estavam ardendo, e dei graças a Deus pela escuridão. Estava me sentindo uma besta. Comparada com a casa do Johnny, a minha era o paraíso. Pelo menos Darry não se embebedava nem me batia nem se mandava de casa; além disso, eu tinha Sodapop para discutir os lances. Aquilo me deixou puto, aquilo de ficar me fazendo de imbecil na frente de todo mundo. — E pode ir calando o bico, Johnnycake, porque todos nós sabemos que ninguém quer você em casa, também. E você não pode se queixar.

Os olhos de Johnny se arregalaram e ele piscou como se eu tivesse dado uma chicotada nele. Metido me deu um tapa bem do lado da cabeça, com toda a força.

— Cala a boca, pirralho. Se você não fosse irmão do Soda, eu te dava um cacete. Você não tem coisa melhor para fazer? Ficar falando essas coisas do Johnny! — Pôs a mão no ombro do Johnny. — Ele falou sem pensar, Johnny.

— Desculpa — eu disse, me sentindo um merda. Johnny era meu irmão. — É que eu estava puto.

— Mas é verdade — disse Johnny, com um sorriso desanimado. — Não faz mal.

— Pare de falar assim — disse Metido, enérgico, despenteando Johnny. — A gente não ia conseguir levar sem você, por isso pode ir calando a boca.

— Não é justo! — gritei, impulsivamente. — Não é justo que a gente aguente a barra toda! — Eu não sabia exatamente o que queria dizer com isso, mas estava pensando no fato de que o pai de Johnny era um bêbado, a mãe, uma porcalhona egoísta; na mãe do Metido, que era garçonete, para poder sustentá-lo e à irmã pequena, depois que foram abandonados pelo pai; estava pensando em Dally — no feroz, no esperto Dally — virando marginal para não morrer; no Steve, com o ódio que tinha do pai aparecendo em sua voz macia e amarga e na violência do seu temperamento. Em Sodapop... que tinha largado os estudos para poder trampar e pagar a escola para mim; em Darry, envelhecendo antes do tempo, lutando para chefiar uma família e trabalhar em dois empregos, sem nunca ter a menor distração... Enquanto isso, os *socs* tinham tanto tempo livre e tanto dinheiro que ficavam nos atacando só pra tirar um barato e enchendo a cara de cerveja em festinhas na beira do rio porque não tinham mais nada para fazer. As coisas estavam difíceis pra todos, tudo bem. Pra todos no lado Leste. Aquilo não me parecia direito.

— Tô ligado — disse Metido, com um sorriso compreensivo. — Pra nós, todo lance é sempre sério. E é assim que as coisas são. Quem não gostar, pule fora.

Cherry e Marcia não diziam nada. Acho que não sabiam o que dizer. Tínhamos esquecido que estavam ali. Então o Mustang azul pintou de novo, descendo a rua, dessa vez mais devagar.

— Bom — disse Cherry, resignada —, já nos viram.

O Mustang parou do nosso lado, e os dois caras do banco da frente saltaram. Eram *socs*, não havia dúvida. Um deles estava com uma camisa branca e uma jaqueta xadrez de esquiar, e o outro, com uma camisa amarela-clara e um pulôver cor de vinho. Olhei para a roupa deles e me liguei pela primeira vez, naquela noite, que estava vestido só com meu jeans e a camiseta velha da Marinha, com as mangas cortadas, do Soda. Engoli em seco. Metido começou a enfiar a camisa para dentro da calça, mas parou a

tempo; só levantou a gola da jaqueta preta de couro e acendeu um cigarro. Parecia que os *socs* nem estavam nos vendo.

— Cherry, Marcia, escutem... — começou a dizer o *soc* bonitão de cabelo preto, o que estava com o pulôver escuro.

Johnny estava ofegante; percebi que olhava para a mão do *soc*. Ele estava usando três anéis bem grossos. Olhei depressa para o Johnny, foi pintando uma ideia na minha cabeça. Lembrei que tinha sido um Mustang azul que tinha parado junto do terreno baldio e que o rosto do Johnny tinha sido cortado por alguém que usava anéis...

A voz daquele *soc* penetrou nos meus pensamentos:

— ...só porque a gente ficou um pouquinho de porre da outra vez...

Cherry estava furiosa:

— Um pouquinho? Você chama andar cambaleando e desmaiar na rua "um pouquinho"? Bob, eu já disse que nunca mais vou sair com você enquanto estiver bebendo e estou falando sério. Muitas coisas podem acontecer com você bêbado. Pode escolher: é a bebida ou eu.

O outro *soc*, um cara alto com um corte de cabelo um pouco tipo Beatle, virou para Marcia e disse:

— Mina, você sabe que a gente não se embebeda tantas vezes assim. — Como ela só ficou olhando friamente para ele, ficou puto: — E mesmo que vocês estejam com ódio da gente, não há razão para ficarem andando pelas ruas com esses bundões.

Metido deu uma tragada profunda no cigarro, Johnny se encolheu e enfiou os dedões nos bolsos da calça e eu contraí os músculos do corpo. Quando queremos, podemos ficar com o ar mais malvado do mundo: às vezes é útil parecer durão. Metido apoiou o cotovelo no ombro de Johnny.

— Quem é que é bundão aqui?

— Escutem, *greasers*, tem mais quatro chapas nossos sentados no banco de trás daquele carro...

— Coitado do banco de trás — disse Metido, olhando para o céu.

— Se vocês estão querendo briga...

Metido levantou uma sobrancelha, mas aquilo só fazia ele parecer ainda mais frio.

— Você está querendo me dizer que se estamos a fim de uma boa briga,

já que vocês estão em mais, nós é que vamos tomar, é isso? Bom... — Pegou uma garrafa, quebrou o fundo e entregou-a pra mim. Depois enfiou a mão no bolso de trás e puxou o canivete de mola. — Tente, cara!

— Não! — gritou Cherry. — Parem com isso! — Olhou para Bob. — Nós vamos para casa com vocês. Mas esperem um pouquinho.

— Por quê? — perguntou Metido. — Não estamos com medo deles.

Cherry estremeceu.

— Não suporto brigas... Não suporto...

Puxei-a para um lado.

— Eu não teria a manha de usar isto — eu disse, jogando a garrafa para o lado. — Nunca conseguiria cortar alguém... — Tive de dizer aquilo porque tinha visto os olhos dela na hora em que Metido puxou o canivete.

— Eu sei — ela disse, numa voz suave —, mas é melhor a gente ir com eles. Ponyboy... olha... se eu encontrar você na entrada da escola ou em algum lugar e não te disser "oi", bom, não é nada de pessoal nem nada, mas...

— Eu sei — falei.

— Não daria para deixar os nossos pais verem a gente com vocês todos. Você é um garoto legal e tudo...

— Normal — eu disse, querendo estar morto e enterrado em algum lugar. Ou pelo menos estar usando uma camisa decente. — Não somos da mesma classe. Só não esqueça que alguns de nós também olham o pôr do sol.

Ela me olhou depressa.

— Eu podia me apaixonar por Dallas Winston — Cherry disse. — Espero nunca mais encontrá-lo, senão me apaixono.

Ela me deixou parado ali de boca aberta, e o Mustang se mandou.

Fomos andando para casa quase sem falar. Eu queria perguntar ao Johnny se aqueles eram os mesmos *socs* que tinham quebrado ele, mas nem toquei no assunto. Johnny nunca falava naquilo, e nós nunca dizíamos nada.

— Bom. Aquelas duas minas eram bem bonitas. — Metido bocejou, e sentamos no meio-fio do terreno baldio. Puxou um pedaço de papel do bolso e o rasgou.

— Que papel era aquele?

— O telefone da Marcia. Imagino até que fosse falso. Eu devia estar louco pra pedir a ela. Acho que estou meio tonto.

Então ele tinha ido beber. Metido era esperto. Sabia quando parar.

— Todo mundo vai pra casa? — perguntou.

— Já, não — eu disse. Queria fumar outro cigarro e olhar as estrelas. Eu tinha de estar em casa à meia-noite, mas achava que ainda tinha muito tempo.

— Não sei por que te passei aquela garrafa quebrada — disse Metido, levantando. — Você nunca a usaria.

— Talvez usasse — disse. — Aonde você vai?

— Jogar um pouco de sinuca e ver se descubro um poquerzinho. Talvez encher a cara. Não sei. Amanhã a gente se vê.

Johnny e eu nos largamos no chão e ficamos olhando as estrelas. Eu estava congelado — a noite estava fria, eu só com aquela camiseta, mas pra olhar as estrelas aguentava até se a temperatura estivesse abaixo de zero. Fiquei vendo a brasa do cigarro do Johnny brilhando na escuridão e imaginando como seriam as coisas dentro de uma brasa...

— É porque somos *greasers* — disse Johnny; eu sabia que ele estava falando da Cherry. — A gente podia deixá-la malfalada.

— É — eu disse, pensando se devia contar ao Johnny o que ela me dissera sobre Dallas.

— Cara, aquele Mustang era chocante. Os Mustangs são chocantes.

— *Socs* de primeira — eu disse, sentindo uma irritação amargurada crescendo dentro de mim. Não era justo os *socs* terem tudo. A gente era tão bom quanto eles; se éramos *greasers*, não era por nossa culpa. Eu não conseguia engolir a coisa numa boa, como Metido, nem fingir que não estava vendo e amar a vida mesmo assim, como Dally, ou até mesmo me divertir, como Tim Shepard. Senti aquela tensão aumentando e percebi que se não acontecesse algum coisa ia explodir.

— Não vou aguentar muito mais — Johnny falou o que eu estava sentindo. — Me apago, ou algo assim.

— Não faça isso — eu disse, sentando, assustado. — Você não pode se matar, Johnny.

— Tá bom, não posso. Mas tenho que fazer algo. Deve haver algum

lugar sem *greasers* nem *socs*, só com gente. Gente comum.

— Fora das cidades grandes — eu disse, deitando de novo. — No campo...

No campo... Eu amava o campo. Queria estar longe das cidades, da agitação. A única coisa que queria era ficar largado no chão debaixo de uma árvore e ler um livro ou desenhar, sem ter que esquentar com ataques ou andar com navalha, ou acabar me casando com alguma mina sem nada na cabeça, inteiramente tapada. No campo seria assim, pensei, sonhador. Eu teria um cachorro vira-lata latidor, como tinha antes; Sodapop poderia conseguir Mickey Mouse de volta e participar de todos os rodeios que tivesse vontade; Darry ia parar de ter aquele olhar frio e duro e ser de novo como antes, há oito meses, antes de papai e mamãe morrerem. Como eu estava sonhando, aproveitei para trazer papai e mamãe de volta... Mamãe podia fazer mais uns bolos de chocolate, papai sairia cedo na caminhonete para alimentar o gado. Ele daria uma palmada nas costas do Darry, dizendo a ele que estava ficando um homem, um homem de primeira, e os dois seriam superamigos, como costumavam ser. Talvez Johnny pudesse ir morar com a gente. A turma poderia ir passar os fins de semana conosco; talvez Dallas visse que afinal de contas existe alguma coisa boa no mundo, mamãe ia falar com ele e fazê-lo rir até se não quisesse. "Você tem uma mãe classe", Dally costumava dizer. "Ela sabe qual é." Sabia falar com Dallas, não o deixava fazer um monte de besteiras. Minha mãe era dourada e linda...

— Ponyboy — Johnny estava me sacudindo. — Ei, Pony, acorde!

Sentei, estremecendo. As estrelas tinham mudado de lugar.

— Nossa, que horas são?

— Não sei. Eu também dormi, ouvindo você matraquear sem parar. Melhor você ir pra casa. Acho que vou passar a noite aqui. — Os pais de Johnny pouco se importavam se ele voltava ou não para casa.

— Tudo bem. — Bocejei. Caramba, como estava frio. — Se você ficar com frio ou alguma coisa, pinta lá em casa.

— Joia.

Dei um pique até em casa, tremendo com a ideia de dar com Darry. A luz da entrada estava acesa. Talvez eles estivessem dormindo, e conseguisse entrar sem fazer barulho, pensei. Espiei pela janela. Sodapop estava jogado

no sofá, profundamente adormecido, mas Darry estava sentado na poltrona, perto do abajur, lendo o jornal. Engoli em seco e abri a porta devagarinho. Darry levantou os olhos do jornal. Num segundo estava de pé. Fiquei ali, roendo a unha.

— Onde é que você se meteu? Sabe que horas são? — Fazia muito tempo que eu não o via tão puto. Fiz que não com a cabeça, sem conseguir falar. — São duas da manhã, pirralho. Se você demorasse mais uma hora, eu ia mandar a polícia atrás de você. Onde você andava, Ponyboy? — Estava falando cada vez mais alto. — Em que diabo de lugar você estava metido?

Até para mim aquilo pareceu imbecil, quando eu disse, gaguejando:

— Eu... Eu caí no sono no terreno baldio...

— Você o quê? — Estava gritando. Sodapop sentou, esfregando os olhos.

— Oi, Ponyboy — disse ele, sonolento —, onde você estava?

— Não foi por querer. — Expliquei ao Darry: — Estava conversando com Johnny, e nós dois apagamos...

— Suponho que não passou pela sua cabeça que seus irmãos podiam estar preocupados feito dois tapados, com medo de chamar a polícia porque um lance desses pode fazer com que vocês dois sejam jogados em uma instituição com uma rapidez que ia te deixar tonto. Dormindo no terreno baldio? Ponyboy, qual é o seu problema? Você é incapaz de usar a cabeça? Ainda por cima sem casaco!

Senti meus olhos se encherem de lágrimas de raiva e frustração.

— Já disse que não foi por querer...

— Não foi por querer! — gritou Darry, e eu tremi. — Não pensei! Esqueci! É só isso que ouço você dizer? Não sabe pensar em nada?

— Darry... — começou Sodapop, mas Darry não deu chance:

— Cala a boca! Já estou enjoado e de saco cheio de ver você cair na dele.

Não devia ter gritado com Soda. Ninguém nunca devia gritar com meu irmão. Explodi.

— Não grita com ele! — berrei. Darry se virou e me deu um tapa com tanta força que me jogou de encontro à porta.

De repente tudo ficou no maior silêncio. Estávamos paralisados. Ninguém, nunca, na minha família, tinha batido em mim. Ninguém. Soda estava de olhos arregalados. Darry olhou para a palma da mão, no lugar que

tinha ficado vermelho, depois olhou de novo para mim. Seus olhos estavam grandes.

— Ponyboy...

Virei e corri porta afora e desci para a rua tão depressa quanto possível. Darry gritou:

— Pony, foi sem querer! — Mas eu já tinha chegado ao terreno baldio e fingi que não tinha ouvido. Estava fugindo. Era óbvio, para mim, que Darry não queria saber de mim. E, se ele não queria, eu não ia ficar. Nunca mais na vida ele ia me bater.

— Johnny! — chamei, e levei um susto quando ele se virou e levantou num pulo, quase junto dos meus pés. — Vamos, Johnny, vamos fugir.

Johnny não perguntou nada. Corremos uma porção de quarteirões, até ficarmos sem fôlego. Aí começamos a andar. A essa altura, eu tinha começado a chorar. Acabei sentando no meio-fio e chorando pra valer, o rosto escondido nos braços. Johnny sentou a meu lado com uma mão em meu ombro.

— Calma, Ponyboy — disse ele baixinho —, a gente vai ficar numa boa.

Acabei me acalmando e enxuguei os olhos no braço descoberto. Estava respirando através de soluços.

— Tem um cigarro aí?

Ele me passou um e acendeu um fósforo.

— Johnny, estou apavorado.

— Não fique. Você está me deixando também. O que aconteceu? Nunca vi você chorar desse jeito!

— É raro mesmo. Foi o Darry. Ele me bateu. Não sei o que aconteceu, mas não pude aguentar ele gritando comigo e ainda me batendo. Não sei... às vezes a gente se dá bem, aí, de repente, ele gruda ou então fica o tempo todo enchendo o saco. Antes Darry não era assim... a gente se dava bem... antes de mamãe e papai morrerem. Agora ele simplesmente não me topa.

— Acho que prefiro quando o coroa bate em mim — suspirou Johnny. — Pelo menos nessa hora estou ligado que ele sabe quem eu sou. Ando por aquela casa, e ninguém me diz nada. Passo a noite fora, e ninguém nota. Pelo menos você tem o Soda. Eu não tenho ninguém.

— Que merda! — eu disse, esquecendo minhas desgraças —, você tem a

turma toda. Dally não te pegou, hoje, porque você é o queridinho. Quer dizer, pô, que merda, Johnny, você tem a turma toda.

— Não é a mesma coisa que ter as pessoas da sua própria família gostando de você — disse Johnny, sem drama. — Simplesmente não é a mesma coisa.

Eu estava começando a relaxar e a pensar se fugir era, afinal, uma boa ideia. Estava com sono, morrendo de frio e queria estar em casa, na cama, seguro e quentinho embaixo das cobertas com o braço do Soda por cima de mim. Resolvi voltar para casa, mas queria ficar sem falar com o Darry. Afinal, a casa era tão minha quanto de Darry; se ele quisesse fingir que eu não existia, por mim tudo bem. Não podia me proibir de viver na minha própria casa.

— Vamos caminhar até o parque, depois voltar. Aí talvez eu já tenha esfriado a cabeça e resolva voltar para casa.

— Tudo bem — disse Johnny, sem ficar embaçando —, tudo bem.

As coisas têm que melhorar, pensei. Pra piorar, não dá. Mas estava enganado.

4

O parque era um quadrado mais ou menos da largura de dois quarteirões, com um chafariz no meio e uma piscininha para os pequenos. Agora, que era outono, a piscina estava vazia, mas o chafariz jorrava alegremente. Os olmeiros, tão altos, enchiam o parque de sombras e de escuridão; podia ser um bom lugar para a turma frequentar, mas preferíamos nosso terreno baldio; além disso, a turma do Shepard cortava atalho pelas trilhas do terreno. Por isso o parque ficava para os namorados e as crianças pequenas.

Não havia ninguém por ali às duas e meia da matina: era um bom lugar para relaxar e esfriar a cabeça. Não dava para eu esfriar muito mais a minha sem virar picolé. Johnny fechou a jaqueta jeans e levantou a gola.

— Você não está morrendo de frio, Pony?

— Adivinhe! — eu disse, esfregando os braços nus enquanto fumava meu cigarro. Comecei a dizer alguma coisa sobre a camada de gelo que estava se formando nas bordas da água do chafariz quando de repente uma buzinada nos fez pular. O Mustang azul estava dando a volta no parque bem devagar.

Johnny murmurou um palavrão; falei pra ele, baixinho:

— O que eles querem? Este é o nosso território. O que é que os *socs* estão fazendo aqui dentro do lado Leste?

Johnny balançou a cabeça.

— Não sei. Mas aposto que estão nos procurando. A gente pegou as minas deles.

— Ai, merda — eu disse, num grunhido —, era só o que faltava para completar uma noite perfeita. — Dei uma última tragada no cigarro e esmaguei a ponta com o calcanhar. — Vamos correr?

— Tarde demais — disse Johnny. — Lá vêm eles. Cinco *socs* vinham direto para nós, e pelo jeito como estavam caminhando logo saquei que estavam tombando de bêbados. Aquilo me deixou apavorado. Às vezes com um lance bem armado dava pra fazer eles caírem fora, mas não quando a

diferença era de cinco contra dois — e eles, bêbados. Johnny pôs a mão no bolso de trás, e lembrei do canivete. Como eu desejava estar com aquela garrafa quebrada! Ia mostrar pra eles que sabia usá-la quando era preciso. Johnny estava morto de medo. De verdade. Estava branco como um fantasma, e os olhos dele pareciam de louco, como os de um animal quando cai numa armadilha. Fomos andando de costas em direção ao chafariz, e os *socs* nos cercaram. Estavam com um cheiro tão forte de uísque e colônia English Leather que quase desmaiei. Tudo o que eu queria era que Darry e Soda aparecessem, procurando por mim. Nós quatro podíamos dar um jeito nos caras sem dificuldade. Mas não havia ninguém por perto; eu sabia que Johnny e eu teríamos que enfrentar aquela barra sozinhos. Johnny estava com uma cara durona, sem expressão; era preciso conhecê-lo para poder ver o pânico em seus olhos. Encarei os *socs* com frieza. Podiam nos dar o maior cagaço, mas a gente nunca ia dar pra eles a alegria de ganharem nosso lance.

Eram Randy, Bob e mais três *socs* e tinham nos visto. Eu sabia que Johnny os tinha reconhecido, pois estava olhando o brilho da lua nos anéis do Bob com olhos arregalados.

— Olha, que é que vocês acham dessa? — disse Bob, enrolando um pouco a língua. — Olha aí os *greasers* de merda que pegaram nossas minas. Oi, *greasers*!

— Aqui não é território de vocês — avisou Johnny em voz baixa. — É melhor tomarem cuidado.

Randy nos disse um palavrão. Se aproximaram mais um pouco. Bob estava de olho no Johnny.

— Nada disso, carinha, vocês é que estão precisando tomar cuidado. Da próxima vez que quiserem uma gata, arranjem uma igual a vocês, suja.

Eu estava ficando puto. Estava com tanto ódio deles que estava perdendo a cabeça.

— Você sabe o que é *greaser*? — perguntou Bob. — Branco pobre e cabeludo.

Senti o rosto empalidecer. Já me disseram muita coisa, muito palavrão, mas nunca nada me pegou tanto quanto aquilo. Ouvi uma espécie de engasgo ao lado do Johnnycake; os olhos dele estavam soltando faíscas.

— Sabe o que é um *soc*? — eu disse, a voz tremendo de raiva. — Branco cuzão de Mustang e camisa xadrez. — Depois, como não me veio nada à cabeça que fosse ofensivo o suficiente para dizer, cuspi neles.

Bob balançou a cabeça, com um sorrisinho.

— *Greaser*, você está precisando de um banho. De uma boa lavada. Não faz mal, a gente tem a noite toda pra fazer isso. Dá um banho no garoto, David.

Baixei a cabeça e tentei correr, mas o *soc* segurou meu braço e o torceu atrás das minhas costas, depois enfiou minha cabeça na água do chafariz. Me debati, mas a mão que segurava meu pescoço era forte; além disso, eu tinha que prender a respiração. Vou morrer, pensei, e fiquei imaginando o que estaria acontecendo com Johnny. Não estava mais aguentando prender a respiração. Me debati de novo, desesperadamente, mas a única coisa que consegui foi engolir água. Estou me afogando, pensei, eles foram longe demais... Minha cabeça ficou cheia de um nevoeiro vermelho, e fui relaxando devagarinho.

A primeira coisa de que me lembro depois disso foi que eu estava deitado ao lado do chafariz, tossindo água, engasgado. Fiquei ali deitado, fraco, aspirando ar e cuspindo água. O vento soprava forte na minha camiseta ensopada e no meu cabelo, que estava escorrendo água. Meus dentes não paravam de bater, eu não conseguia fazê-los parar. Acabei conseguindo sentar; encostei na borda do chafariz, com água escorrendo pelo rosto. Aí vi o Johnny.

Estava sentado perto de mim com um cotovelo no joelho, olhando fixo para a frente. Estava com uma cor branco-esverdeada muito estranha, os olhos mais arregalados do que nunca.

— Matei ele — disse devagar. — Matei aquele cara.

Bob, o *soc* bonitão, estava ali caído à luz da lua, encolhido e imóvel. Uma poça escura escorria dele, se espalhando devagar no cimento branco-azulado. Olhei a mão de Johnny segurando o canivete, que estava escuro até o cabo. Meu estômago deu um pulo violento, meu sangue gelou.

— Johnny — consegui dizer, fazendo força para não desmaiar —, acho que vou vomitar.

— Vomita — disse ele, com a mesma voz firme. — Eu não olho.

Virei a cabeça e fechei os olhos, para não ver Bob caído ali.

Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode...

— Você talhou mesmo o cara, Johnny?

— Talhei. — A voz dele tremeu um pouco. — Fui obrigado. Estavam te afogando, Pony. Podiam ter te apagado. E estavam com uma navalha. Iam me socar...

— Como... — engoli em seco — como da outra vez?

Johnny ficou um tempo sem dizer nada.

— É — disse ele —, como da outra vez.

Johnny me contou o que tinha rolado:

— Eles correram quando passei a faca nele. Todos correram...

Foi me dando um pânico enquanto Johnny falava, com aquela voz mansa, falava sem parar.

— Johnny! — Eu estava quase gritando. — O que vamos fazer? Eles põem o cara na cadeira elétrica quando se apaga alguém! — Eu estava tremendo. — Quero um cigarro. Quero um cigarro. Quero um cigarro. — A gente tinha fumado o último maço. — Estou com medo, Johnny. O que é que vamos fazer?

Johnny levantou num pulo e me agarrou pela camiseta. Me sacudiu.

— Calma, Ponyboy. Se segura.

Eu não tinha me ligado que estava gritando. Dei um safanão e me soltei.

— Tudo bem — eu disse —, já estou bem.

Johnny olhou em volta, nervoso, batendo nos bolsos.

— Temos que dar o fora daqui. Ir pra algum lugar. Fugir. Daqui a pouco a polícia chega. — Eu estava tiritando e não era só de frio. Mas Johnny, se não fosse pelas mãos, que tremiam, parecia estar tão frio quanto Darry sempre estava. — Vamos precisar de grana. Talvez de um cano. — E de um plano.

Grana. Talvez um cano? Um plano. Onde diabos a gente ia achar essas coisas?

— Dally — disse Johnny sem vacilar. — Dally nos tira daqui.

Dei um suspiro fundo. Por que não tinha pensado nisso? Mas eu nunca pensava em nada. Dallas Winston era capaz de tudo.

— Onde é que a gente vai cruzar ele?

— Acho que na casa de Buck Merril. Tem um lance lá, esta noite. Ouvi Dally falar alguma coisa sobre isso à tarde.

Buck Merril era o parceiro de rodeio do Dally. Era ele que tinha arrumado o emprego de jóquei no Slash J para Dally. Criavam alguns cavalos; quase toda a grana que faturava era em corridas combinadas e um ou outro contrabando. Eu tinha ordens federais tanto de Darry quanto de Soda de não chegar nem perto da casa dele, o que para mim estava perfeito. Eu não gostava de Buck Merril. Ele era um vaqueiro alto e magrela, cabelo louro e dentuço. Pelo menos era dentuço, antes de perder os dois dentes da frente numa briga. Ele estava por fora. Achava Hank Williams o máximo — como é que pode?

Quando batemos, Buck abriu a porta e saiu uma barulheira de som vagabundo, ruído de copos, risadas altas e grosseiras e risadinhas de mulher, mais Hank Williams. Aquilo bateu como lixa nos meus nervos doloridos. Com uma lata de cerveja na mão, Buck ficou olhando para nós.

— Que é que vocês pretendem?

— Dally! — disse Johnny com dificuldade, olhando por cima do ombro dele. — Precisamos trocar uma ideia com Dally.

— Ele está ocupado — cortou Buck, enquanto alguém gritava lá da sala: — A-há! — depois — U-hu —, aquele barulho quase arrebenta com meus nervos.

— Diz pra ele que são Pony e Johnny — mandei. Eu conhecia Buck. O único jeito de conseguir alguma coisa dele era mandando. Acho que era por isso que Dallas conseguia manobrá-lo tão bem, embora Buck já tivesse 20 e tantos anos e Dally só tivesse 17.

— Ele já vem.

Buck me olhou por um segundo, depois se mandou. Estava bem torto, isso me deixou encanado. Se Dallas estivesse ligado num daqueles astrais perigosos dele...

Poucos minutos depois ele apareceu, vestido só com uma calça jeans bem comprida, coçando o pelo do peito. Não estava bêbado, o que me surpreendeu. Pode ser que não tivesse chegado há muito tempo...

— E aí, caras, vocês estão precisando de mim para algum lance?

Enquanto Johnny ia contando a história para ele, fiquei ligado no Dally, tentando imaginar o que uma garota como Cherry Valance podia amar num malandro de ar durão como ele. Dally não tinha nada de bonito, com aquela cabeça branca e aqueles olhos espertos. Mas seu rosto duro tinha personalidade, orgulho e um ar feroz de invocado em relação ao resto do mundo. Ele não teria a manha de amar Cherry Valance. Seria um milagre se Dally amasse alguma coisa. A luta pela sobrevivência o tinha endurecido tanto que era incapaz de se ligar em alguém.

Quando Johnny falou o que tinha acontecido, ele nem piscou, só riu, e disse:

— Boa — quando Johnny contou que tinha talhado o *soc*. Finalmente Johnny concluiu:

— A gente pensou que, se alguém era capaz de nos livrar a cara, esse alguém é você. Sinto muito estar tirando você da zoeira.

— Vá à merda, garoto — Dally olhou desdenhoso por cima do ombro —, eu estava no quarto.

De repente ele olhou para mim.

— Nossa, nunca vi umas orelhas ficarem tão vermelhas assim, Ponyboy.

Eu estava me lembrando das coisas que geralmente aconteciam nos quartos nas festas do Buck. Então Dally riu, divertido, quando se ligou:

— Não é nada disso, garoto. Eu estava dormindo, ou melhor, tentando, com toda essa zona. Hank Williams — revirou os olhos e acrescentou alguns adjetivos depois de "Hank Williams". — Eu e Shepard acertamos umas contas, e acabei quebrando umas costelas. Estava precisando de um lugar para me encostar numa boa. — Esfregou um lado do tronco com ar chateado. — O safado do Tim sabe acertar direitinho. Mas não vai conseguir enxergar nada com um dos olhos durante uma semana. — Olhou para nós de alto a baixo, suspirou. — Bom, esperem um pouquinho, vou ver o que dá pra fazer com essa sujeira toda. — Depois olhou bem para mim: — Ponyboy, você está molhado?

— E-e-es-tou-u — gaguejei, com os dentes batendo.

— Deus do céu! — Abriu a porta e me puxou para dentro, fazendo um gesto ao Johnny para que fosse junto. — Você vai morrer de pneumonia antes de os policiais te pegarem.

Ele me arrastou até um quarto vazio, dizendo palavrão pra mim todo o tempo. — Tire essa camiseta. — Me jogou uma toalha. — Se seca e espere aqui. Johnny pelo menos está de jaqueta. Qual é a sua, fugir só de camiseta num tempo como esse? Você não é capaz de usar a cabeça? — Estava parecendo tanto com Darry que olhei para ele. Não notou, deixou a gente sentado na cama.

Johnny se deitou.

— Que vontade de fumar.

Meus joelhos estavam tremendo quando acabei de me secar, sentado ali com meu jeans.

Depois de um minuto, Dally apareceu. Fechou a porta cuidadosamente.

— Aqui — nos passou um cano e um bolo de notas —, o berro está carregado. Pelo amor de Deus, Johnny, não aponta esse negócio pra mim. Aqui tem 50 paus. É tudo o que consegui arrancar do Merril hoje. Ele está botando fora toda a grana que ganhou com aquela última corrida.

Você poderia imaginar que era Dally quem armava aquelas corridas para o Buck, já que ele era jóquei e tudo, mas não era. O último cara que falou isso saiu sem três dentes. É verdade. Dally corria nos seus pôneis honestamente, fazia tudo pra vencer. Era a única coisa que fazia com honestidade.

— Pony, Darry e Sodapop estão sabendo disso?

Neguei com a cabeça. Dally suspirou:

— Cara, pode crer que não tenho a mínima intenção de ser a pessoa que vai contar pro Darry e ter a cabeça estourada.

— Então não abra a boca — eu disse. Detestava deixar Sodapop preocupado, gostaria que ele soubesse que até agora tinha conseguido me livrar, mas não estava nem aí se Darry ficasse de cabelo branco de tanto se preocupar. Estava muito caído para me dar conta de que estava sendo cruel e irracional. Convenci a mim mesmo de que seria sujeira fazer Dally contar pra ele. Darry o mataria de porrada porque tinha nos dado dinheiro e o revólver e nos tirado da cidade.

— Aqui! — Dally me passou uma camisa uns 60 milhões de números maior que o que eu usava. — É do Buck; vocês dois não são exatamente do mesmo tamanho, mas pelo menos está seca. — Me passou a jaqueta de

couro marrom dele, já bem usada, forrada com uma pele amarela de ovelha. — Vai ficar frio no caminho, mas não dá pra vocês andarem carregando cobertores por aí.

Comecei a abotoar a camisa. Ela tipo me engoliu.

— Invadam o trem de carga das três e quinze para Windrixville — explicou Dally. — Tem uma velha igreja abandonada no alto da montanha Jay. Nos fundos tem uma bomba, assim vocês não precisam esquentar com água. Comprem comida que dê para uma semana assim que chegarem lá, de manhã, antes que a história comece a circular. Então fiquem lá sem nem botar o nariz na porta. Vou assim que a área estiver limpa. Cara, eu achava que Nova York era o único lugar onde a gente podia se envolver em lance de assassinato!

Quando ouviu a palavra "assassinato", Johnny fez um barulhinho com a garganta e estremeceu.

Dally voltou com a gente até a porta, apagando a luz da entrada antes que saíssemos.

— Se mandem! — Despenteou o cabelo do Johnny. — Te cuida, cara — disse, com voz suave.

— Claro, Dally, obrigado. — E corremos para dentro da escuridão.

Ficamos escondidos no meio do matagal, junto aos trilhos, ouvindo o apito se aproximar. O trem foi diminuindo a velocidade até parar, com um barulho de freios.

— Agora — cochichou Johnny. Corremos e pulamos para dentro de um vagão aberto. Nos encolhemos de encontro a um dos lados, tentando prender a respiração, enquanto ouvíamos os empregados da ferrovia andando de um lado para o outro, do lado de fora. Um deles enfiou a cabeça pela porta; gelamos. Mas não nos viu, e o vagão trepidou quando o trem começou a andar.

— A primeira parada é Windrixville — disse Johnny, colocando o revólver no chão, todo desajeitado. Balançou a cabeça. — Não sei para que ele me deu isso. Eu não teria a manha de atirar em ninguém.

Foi aí que me dei conta pela primeira vez, pra valer, da fria em que a gente tinha se metido. Johnny tinha matado um cara. O Johnny, tão

pequeno, quieto, de fala mansa, o Johnny que era incapaz de ferir de propósito qualquer coisa viva, tinha tirado a vida de um homem. E a gente estava fugindo, com a polícia atrás de nós por assassinato, com um revólver carregado junto de nós. Me arrependi de não ter pedido um maço de cigarros ao Dally...

Me deitei, usando as pernas de Johnny como travesseiro. Me encolhi, sentindo-me agradecido pela jaqueta do Dally. Era muito grande, mas esquentava. Nem o barulho do trem era capaz de me impedir de dormir, e caí no sono usando uma jaqueta de malandro, com um cano bem do lado da minha mão.

Eu mal tinha acordado quando Johnny e eu pulamos para fora do trem, no meio de um campo. Só me dei conta do que estava fazendo depois de cair no meio das folhas orvalhadas e de sentir um baque úmido. Johnny devia ter me acordado e mandado eu pular, mas eu não me lembrava. Ficamos deitados na grama molhada, no meio de umas plantas altas, recuperando o fôlego. Faltava pouco para o sol nascer. O céu já estava claro do lado leste, havia um raio dourado iluminando as colinas. As nuvens estavam cor-de-rosa, os passarinhos cantavam. Isto é o campo, pensei, meio dormindo. Meu sonho virou realidade, estou no campo.

— Merda, Ponyboy — Johnny estava massageando as pernas —, você deve ter deixado minhas pernas dormentes. Não consigo nem parar em pé. Mal consegui pular daquele trem.

— Desculpe. Por que você não me acordou?

— Tudo bem. Eu não queria acordar você antes que fosse preciso.

— Agora, como é que vamos achar a montanha Jay? — perguntei a Johnny. Ainda estava tonto de sono, queria dormir para sempre bem ali, no meio do orvalho, com o sol nascendo.

— Vá perguntar para alguém. Ainda não deve ter saído nada nos jornais. Faça de conta que é um cara de uma fazenda dando um passeio, ou um troço assim.

— Não tenho cara de trabalhador de fazenda — eu disse. De repente me lembrei do meu cabelo comprido para trás e do meu jeito de andar gingando, que eu tinha acostumado a usar. Olhei para Johnny. Ele também não parecia ter a menor pinta de empregado de fazenda. Continuava me

lembrando um filhotinho perdido que tivesse levado muito pontapé, mas pela primeira vez o vi como um estranho o veria. Tinha um ar durão e firme por causa da camiseta preta e da calça e da jaqueta jeans, e também porque o cabelo tinha muito gel e era bem comprido. Vi como o cabelo dele formava cachos atrás das orelhas e pensei: nós dois estamos precisando cortar o cabelo e descolar umas roupas decentes. Olhei para meu jeans desbotado, gasto, minha camisa muito grande e a jaqueta velha do Dally. Na hora em que puserem os olhos na gente vão se ligar que somos malandros, pensei.

— Não vai dar pra eu sair daqui — disse Johnny, esfregando as pernas. — Vá indo pela estrada e pergunte à primeira pessoa que cruzar onde é a montanha Jay. — Fez uma careta de dor, por causa das pernas. — Depois volte. Mas, pelo amor de Deus, passe um pente no cabelo e pare de gingar feito um delinquente.

Então Johnny também tinha se ligado. Puxei um pente do bolso de trás e penteei o cabelo com todo o cuidado.

— Acho que agora está bem, não é, Johnny?

Ele estava me estudando.

— Sabe, você é parecido demais com o Sodapop, o jeito do cabelo, tudo, só que seus olhos são verdes.

— Não são verdes, são cinzentos — eu disse, corando. — E sou tão parecido com Soda quanto você. — Levantei. — Ele é bonito.

— Merda — disse Johnny com um sorriso. — Você também é.

Pulei a cerca de arame farpado sem dizer mais nada. Fiquei ouvindo Johnny rir de mim, mas nem liguei. Fui andando pela estrada de terra vermelha, esperando que minha cor natural voltasse antes que cruzasse alguém. Que será que Darry e Sodapop estão fazendo, pensei, com um bocejo. Por uma vez que fosse, Soda tinha a cama inteirinha para ele. Aposto que Darry se arrependeu de ter batido em mim. Ele vai ficar preocupado pra valer quando descobrir que Johnny e eu matamos aquele *soc*. Aí, num lance, vi a cara do Soda quando ficasse por dentro da história. Queria estar em casa, pensei, distraído, queria estar em casa e ainda não ter saído da cama. Talvez estivesse. Talvez tudo isso fosse um pesadelo...

Havia sido ontem, só, que Dally e eu tínhamos ficado sentados atrás daquelas garotas no Nightly Double. Caramba, pensei, com uma sensação

fodida de estar sendo empurrado, as coisas estão rolando depressa demais. Depressa demais. Pensei que não podia me meter em nada pior do que assassinato. Johnny e eu íamos passar o resto da vida nos escondendo. O único que ia saber onde estávamos era o Dally, e ele não podia abrir a boca para ninguém, senão ia voltar para a cadeia porque tinha nos dado aquele cano. Se pegassem o Johnny, iam botar ele na cadeira elétrica; se me ganhassem, iam me mandar para um reformatório. Eu já tinha ouvido falar de reformatórios, Crespo Shepard tinha me contado. Eu não tinha o menor pique de ir parar num deles. Assim, a gente ia ter que virar eremita pelo resto da vida e não ver ninguém mais, fora o Dally. Talvez eu nunca mais visse Darry nem Sodapop. Nem Metido nem Steve. Estava no campo, mas sabia que não ia gostar tanto quanto tinha imaginado. Há coisas piores do que ser *greaser*. Cruzei um fazendeiro queimado de sol guiando um trator pela estrada. Fiz um sinal para ele, que parou.

— O senhor poderia me dizer onde fica a montanha Jay? — perguntei, com a maior educação possível.

Ele apontou estrada abaixo.

— Siga esta estrada até aquele morro grande lá atrás. É lá. Dando um passeio?

— É, estou. — Consegui fazer um ar intimidado. — Estamos brincando de exército, recebi a instrução de me apresentar ao comando lá.

Sei mentir tão bem que às vezes até me impressiono. Soda diz que é de tanto ler. Mas Metido também mente o tempo todo e nunca abre um livro.

— Garotos são sempre garotos — disse o fazendeiro, com uma risada, e fiquei pensando que ele tinha um ar tão babaca quanto Hank Williams. Seguiu seu caminho, e voltei para o lugar onde Johnny estava me esperando.

Subimos pela estrada até a igreja, só que ela era muito mais longe do que tinha parecido. A estrada subia cada vez mais empinada. Eu estava me sentindo meio bêbado — sempre me sinto assim quando fico com muito sono —, e minhas pernas foram ficando cada vez mais pesadas. Acho que Johnny estava com mais sono ainda que eu: não tinha dormido no trem, para ter certeza de que a gente ia saltar no lugar certo. Levou uns 45 minutos para chegarmos à igreja. Escalamos uma janela nos fundos. Era

uma igreja pequena, velha pra valer, cheia de teias de aranha, com um ar de estar cheia de fantasmas. Me dava arrepios.

Eu já tinha ido à igreja antes. Antes, eu costumava ir sempre, mesmo depois de mamãe e papai morrerem. Então, num domingo, dei um toque no Soda para ir comigo e com Johnny. Não queria ir se Steve não fosse, e Metido achou melhor ir também. Dally estava dormindo de ressaca, Darry estava trampando. Quando Johnny e eu íamos, sentávamos no fundo, tentando aproveitar alguma coisa do sermão longe das pessoas, porque quase sempre nossa roupa era meio desarrumada. Ninguém parecia se incomodar com isso, e Johnny e eu gostávamos de ir lá, de verdade. Mas naquele dia... bom, Soda não consegue ficar quieto nem o tempo necessário para ver um filme, muito menos um sermão. Não passou muito tempo, e ele, Steve e Metido começaram a jogar bolinhas de papel uns nos outros, a fazer zoeira; no fim Steve — sem querer, é claro — deixou cair um hinário, ouviu-se aquele bang. Todo mundo que estava lá se virou pra olhar pra nós, Johnny e eu quase nos metemos debaixo dos bancos. Então Metido abanou para eles.

Nunca mais fui à igreja.

Mas esta igreja me dava uma sensação de horror. Como é que se chama isso? Premonição? Me joguei no chão e imediatamente resolvi nunca mais repetir o gesto. O chão era de pedra, duro. Johnny se espichou do meu lado, apoiando a cabeça no braço. Comecei a dizer alguma coisa a ele, mas dormi antes de conseguir empurrar as palavras para fora da boca. Johnny nem notou. Também estava dormindo.

5

Acordei no meio da tarde. Durante um segundo não me liguei onde estava. Sabe como é, quando você acorda num lugar estranho e fica pensando onde você pode estar, até que a memória volta de uma vez só, como uma onda. Eu me convenci de que tinha sonhado tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Na verdade estou em casa, na cama, pensei. Já é tarde, e Darry e Sodapop já se levantaram. Darry está preparando o café da manhã, e logo, logo, ele e Soda vão entrar e me arrancar da cama, vão ficar brincando de lutar comigo e fazendo cócegas até eu achar que vou morrer se eles não pararem. É a minha vez e a do Soda de lavar os pratos depois de comermos, mais tarde vamos bater uma bola. Johnny, Metido e eu vamos chamar Darry pro nosso lado, já que Johnny e eu somos pequenos, e Darry é quem joga melhor. Vai ser uma manhã como todas as outras de fim de semana. Tentei dizer isso para mim mesmo, enquanto ficava ali deitado naquele chão frio de pedra, embrulhado na jaqueta do Dally, ouvindo o vento soprar nas folhas secas das árvores lá fora.

No fim parei de fingir e levantei. Estava todo duro e dolorido de dormir naquele chão, mas nunca na vida tinha dormido tão profundamente. Ainda estava meio grogue. Empurrei a jaqueta jeans do Johnny, que não sabia como tinha ido parar em cima de mim, e pisquei, esfregando a cabeça. Tudo estava terrivelmente quieto, só com o barulho do vento nas árvores. De repente me dei conta de que Johnny não estava ali.

— Johnny! — gritei, e aquela igreja velha de madeira fez o eco: *onny onny*... Olhei ao redor assustado, quase em pânico, mas aí vi umas coisas escritas numa letra toda torta na poeira do chão: "Fui buscar comida. Volto logo. J.C.".

Suspirei, depois fui até a bomba beber um pouco de água. A água da bomba parecia gelo líquido e tinha um gosto gozado, mas era água. Joguei um pouco no rosto; aquilo acabou de me acordar num instante. Sequei o

rosto na jaqueta de Johnny e sentei nos degraus dos fundos. O morro onde ficava a igreja tinha uma encosta íngreme a uns sete metros do lugar onde eu estava; dava para ver a uma distância de muitos quilômetros. Era como sentar no alto do mundo.

Quando você não tem nada pra fazer, começa a lembrar das coisas sem querer. Eu me lembrava de todos os lances daquela noite, só que ela tinha aquele jeito irreal dos sonhos. Parecia que tinham se passado muito mais que 24 horas desde que Johnny e eu havíamos cruzado Dally na esquina das avenidas Pickett e Sutton. Talvez fosse a real. Talvez já fizesse mais de uma semana que Johnny tinha saído, e eu dormindo. Talvez já o tivessem pegado, e ele estivesse esperando pra ir pra cadeira elétrica, pois nunca diria onde eu estava. Talvez Dally tivesse morrido num acidente de carro ou coisa assim, e ninguém jamais ia saber onde eu estava; ia morrer ali, sozinho, e virar esqueleto. Minha imaginação superativa estava me fazendo viajar de novo. O suor começou a escorrer por meu rosto e minhas costas, e eu tremia. Minha cabeça rodava, deitei e fechei os olhos. Acho que em parte aquilo era do choque, só que retardado. No fim, meu estômago ficou bom e cochilei um pouco, esperando que Johnny se lembrasse de trazer cigarros. Estava apavorado, sentado ali sozinho.

Ouvi alguém subindo, pisando nas folhas secas em direção aos fundos da igreja, e corri porta adentro. Então, de repente, ouvi um assobio, longo e baixo, que terminava com uma nota bem alta. Conhecia muito bem aquele assobio. Era o que eu e a turma do Shepard usávamos para perguntar "quem está aí?". Respondi com todo o cuidado, depois saí correndo tão depressa pela porta que caí pelos degraus abaixo e me estatelei bem debaixo do nariz de Johnny.

Me apoiei nos cotovelos, ri para ele:

— E aí, Johnny? Que coisa, cruzar você por aqui!

Ele olhou pra baixo, pra mim, por cima de um pacotão.

— Juro, Ponyboy, cada dia que passa você faz as coisas mais parecido com o Metido.

Tentei levantar uma sobrancelha, sem conseguir.

— Eu? — Rolei e levantei num salto, feliz porque havia alguém ali comigo. — O que você tem aí?

— Entre. Dally falou pra gente ficar lá dentro.

Entramos. Johnny limpou a poeira de uma mesa com a jaqueta, depois começou a tirar os lances do saco, fazendo uma fileira bem arrumadinha.

— Comida para uma semana: salsichão, pão, uma caixa de fósforos... — Johnny continuou.

Cansei de ficar olhando ele fazer aquilo, aí comecei a remexer no saco.

— Oba! — Sentei numa cadeira empoeirada, curtindo o meu achado. — ...*E o vento levou*...! Como é que você sabia que eu sempre quis ler esse livro?

Johnny ficou vermelho.

— Lembrei que você tinha falado alguma coisa sobre isso, um dia. Além disso, eu e você fomos ver o filme, lembra? Achei que talvez você pudesse ler alto, e com isso a gente mata um pouco o tempo, uma coisa assim.

— Puta, obrigado. — Larguei o livro sem muita vontade. Eu tava a fim de começar a ler no ato. — Água oxigenada? Um baralho... — De repente me dei conta de uma coisa. — Johnny, você não está pensando em...

Johnny sentou e puxou sua faca.

— Vamos cortar o cabelo, e você vai clarear o seu. — Olhou atentamente para o chão. — Vão botar a nossa descrição nos jornais. Temos que ficar diferentes.

— Ah, não! — Pus a mão no cabelo. — Nem, Johnny, meu cabelo não!

Meu cabelo era meu orgulho. Era comprido e sedoso, como o do Soda, só que um pouco mais avermelhado. Nosso cabelo era estiloso, quase nem precisava usar gel. O cabelo era outra das marcas registradas dos *greasers*. Era a única coisa de que a gente se orgulhava. A gente podia não ter Corvairs nem camisas xadrezes, mas cabelo a gente tinha.

— Se nos pegarem, a gente vai ter que cortar, mesmo. Você sabe que a primeira coisa que o juiz manda fazer é cortar o cabelo.

— Não sei por quê — eu disse, chateado. — Dally pode muito bem acabar com um cara estando de cabelo curto.

— Também não sei por quê: é só uma maneira de tentar zoar a gente. Eles não conseguem fazer nada, no fundo, com caras como Crespo Shepard ou Tim: já fizeram todo tipo de lance com eles. Não podem tomar nada deles, primeiro porque não têm nada. Assim, cortam seu cabelo.

Olhei para o Johnny, implorando. Ele suspirou.

— Também vou cortar o meu e tirar o gel, só que não dá para clarear. Minha pele é muito escura, ia ficar esquisito de cabelo louro. Ah, Ponyboy — suplicou —, depois cresce.

— Tá bom — falei, arregalando os olhos. — Acabe logo com isso.

Johnny abriu o canivete, segurou meu cabelo e começou a talhar. Senti um arrepio.

— Não muito curto — pedi —, Johnny, por favor, não corte muito...

Quando ele acabou, era estranho ver meu cabelo espalhado em tufos pelo chão. — É mais claro do que eu pensava — disse, examinando-o. — Posso ver com que cara estou, agora?

— Não — disse Johnny lentamente, me olhando. — Primeiro vamos clarear.

Fiquei sentado no sol durante uns 15 minutos pra fazer um teste do efeito da água oxigenada. Johnny deixou que eu me olhasse no espelhinho quebrado que tínhamos achado num armário. Minha reação foi confusa. Meu cabelo estava até mais claro que o do Sodapop. Eu nunca o tinha penteado para o lado daquele jeito. Não parecia eu. Estava parecendo mais novo, ao mesmo tempo mais apavorado. Pô, pensei, estou superlegal. Estou com a maior cara de veado. Estava me sentindo um merda.

Johnny me deu o canivete. Também estava com cara de apavorado.

— Corta na frente e dá uma tosada no resto. Vou penteá-lo pra trás, depois de lavar.

— Johnny — eu disse, desanimado —, não dá pra lavar o cabelo naquela água gelada com um tempo desses. Você vai pegar um resfriado.

Ele deu de ombros.

— Anda, corta.

Fiz o melhor que pude. Ele lavou o cabelo com o sabonete que tinha comprado. Fiquei contente de ter tido que fugir com ele, e não com Metido nem Steve ou Dally. Aquilo era um lance que eles nunca iam pensar: sabonete. Dei a jaqueta do Dally para ele se enrolar; sentou tiritando ao sol nos degraus dos fundos, recostou-se na porta e ficou penteando o cabelo pra trás. Era a primeira vez que eu me ligava que ele tinha sobrancelhas. Não estava parecendo o Johnny. No lugar onde antes ficava a franja, sua testa era mais branca que o resto. Até que seria engraçado, se não estivéssemos

tão assustados. Continuava tremendo de frio.

— Tenho a impressão — falou, numa voz fraquinha — de que estamos disfarçados.

Sentei ao lado dele, emburrado.

— Também acho.

— Pô, merda — disse Johnny, fingindo admiração —, é só cabelo.

— Merda nada — cortei. — Levou muito tempo pra eu conseguir ficar com o cabelo do jeito que eu estava a fim. Além disso, a gente simplesmente não é assim. É como usar uma fantasia que não dá pra tirar.

— Bom, a gente tem que se acostumar — disse Johnny, cortando o papo. — Estamos na maior fria, temos que escolher entre nossa cara e nós.

Comecei a comer um chocolate.

— Ainda estou cansado — disse. Pra minha surpresa, senti lágrimas escorrendo pelo rosto, e o chão saiu de foco. Limpei-as rapidinho. Johnny estava parecendo tão por baixo quanto eu.

— Desculpe ter cortado seu cabelo, Ponyboy.

— Ah, não é isso — disse eu, comendo o chocolate. — Ou melhor, não é só isso. É que estou meio nervoso. Pra falar a verdade, não sei qual é o grilo. Estou superconfuso.

— Eu sei — disse Johnny batendo os dentes. Então entramos.

— As coisas estão acontecendo muito depressa... — Passei o braço pelos ombros dele para aquecê-lo.

— Metido tinha que ter visto aquela vendinha furada. Cara, estamos no meio de lugar nenhum; a casa mais próxima daqui está a uns três quilômetros de distância. Tinha troço por todo lado, só esperando que chegasse alguém como Metido pra pegar. Ele podia ter feito a metade da loja. — Deitou-se a meu lado, dava pra sentir ele tremendo. — Aquele velho Metido — disse ele, com voz trêmula. Devia estar com tanta saudade quanto eu.

— Lembra das gracinhas dele ontem à noite? — eu disse. — Ontem à noite... Foi só ontem à noite que a gente tava andando com Marcia e Cherry para a casa do Metido. Foi só ontem à noite que ficamos deitados no terreno baldio, olhando as estrelas e sonhando...

— Para com isso! — soltou Johnny, com os dentes apertados. — Para de

falar em ontem à noite! Apaguei um cara ontem à noite. Ele não devia ter mais que 17 ou 18 anos, e eu matei o cara. O que você ia achar de ter que viver com um lance desses? — Começou a chorar. Abracei Johnny, do jeito que Soda tinha abraçado aquela vez que a gente o encontrou caído no terreno baldio. — Eu não queria, mas eles estavam te afogando, fiquei apavorado... — Ficou quieto um tempinho. — Puxa, como tem violência nas pessoas!

Levantou de repente e começou a andar de um lado para o outro, batendo nos bolsos.

— Que é que vamos fazer? — eu também tinha começado a chorar. Estava escurecendo, estava sozinho e com frio. Fechei os olhos e deitei a cabeça, mas as lágrimas continuavam saindo.

— A culpa é minha — disse Johnny, com voz infeliz. Tinha parado de chorar quando comecei. — De trazer um pirralho de 13 anos comigo. Você tinha que estar em casa. Você não pode arrumar encrenca. Você não matou o cara.

— Não! — gritei para ele. — Tenho 14! Faz um mês que fiz 14! E estou nessa tanto quanto você. Já vou parar de chorar... Não consigo evitar.

Ele se jogou ao meu lado.

— Não era isso que eu estava querendo dizer, Ponyboy. Não chora, Pony, vai dar tudo certo. Não chora... — Me encostei nele e chorei até dormir.

Acordei tarde da noite. Johnny estava descansando, encostado na parede, e eu dormindo no ombro dele. — Johnny! — bocejei. — Você tá acordado? — Eu estava aquecido e com sono.

— Estou — disse ele, calmo.

— A gente não vai chorar mais, não é?

— Não. Já choramos pacas. Já estamos nos acostumando com a coisa. Vai ficar tudo bem, agora.

— Foi o que eu achei — disse, tonto. Aí, pela primeira vez desde o momento em que Dally e eu tínhamos sentado atrás daquelas garotas no Nightly Double, relaxei. Agora dava pra enfrentar qualquer barra.

Os quatro ou cinco dias seguintes foram os mais compridos da minha vida. A gente matava o tempo lendo ...*E o vento levou* e jogando pôquer. Johnny se

ligou no livro pra valer, mesmo sem saber nada sobre a Guerra Civil e muito menos sobre as grandes fazendas do Sul, e eu tinha de explicar um monte de lances pra ele. Era impressionante como Johnny era capaz de pegar mais coisas sobre aquilo tudo que a gente estava lendo do que eu, e ainda diziam que eu é que era o inteligente. Johnny tinha repetido um ano na escola, nunca tinha tirado boas notas. Ele pegava tudo que diziam pra ele depressa demais, acho que os professores achavam que ele só se fazia de bobo. Mas não era. Era só um pouco lento para aprender, gostava de explorar bem as coisas, depois que aprendia. Se ligou muito nos senhores sulistas, ficou impressionado com a educação e a elegância deles.

— Aposto que eram uns caras durões — disse, de olhos brilhantes, quando li o pedaço que falava deles galopando rumo à morte certa, só porque eram nobres. — Eles me lembram o Dally.

— Dally? — perguntei, espantado. — Merda, ele é tão mal-educado quanto eu! Você viu muito bem como ele tratou aquelas minas na outra noite. Soda se parece mais com aqueles garotos sulistas.

— É, no lance dos bons modos e também no charme, eu acho — disse Johnny devagar —, mas uma noite eu vi a polícia enquadrando o Dally; ele ficou superfrio e calmo todo o tempo. Eles o tinham agarrado porque havia quebrado as vidraças da escola, mas era o Metido o culpado. E Dally sabia. Mas aceitou o lance sem piscar nem negar. Isso é que é elegância.

Aquela foi a primeira vez que notei até que ponto ia a adoração de Johnny pelo Dally Winston. De todos nós, era do Dally que eu gostava menos. Não era compreensivo nem rápido como Soda, não tinha o humor do Metido nem sequer as qualidades de super-homem do Darry. Mas eu me dava conta de que o que me ligava nesses três era o lance de se parecerem com os heróis dos romances que eu lia. Dally era real. Eu gostava dos meus livros, das nuvens e de ver o pôr do sol. Dally era tão real que me assustava.

Johnny e eu nunca chegávamos até a igreja. Dava pra ver a frente da estrada, e às vezes os caras que trampavam nas fazendas passavam por ali a cavalo, a caminho da venda. Por isso a gente ficava bem atrás, em geral sentados nos degraus, olhando para o vale. Dava pra ver quilômetros e quilômetros; ver o risco da autoestrada e os pontinhos que eram as casas e os carros. Não dava pra ver o pôr do sol, porque os fundos da igreja davam

para leste, mas eu curtia ficar olhando as cores dos campos e os tons suaves do horizonte.

Uma manhã acordei mais cedo do que o normal. Johnny e eu dormíamos embolados, para nos esquentar. Dally tinha razão quando disse que estaria frio no pico pra onde a gente ia. Com cuidado pra não acordar Johnny, saí para sentar nos degraus e fumar um cigarro. Naquela hora o dia estava clareando. Toda a parte de baixo do vale estava coberta de névoa, às vezes um pedacinho da névoa se soltava e ia voando embora, como nuvenzinhas. O céu estava mais claro do lado leste, o horizonte era uma linha dourada bem fina. As nuvens passaram de cinzentas a cor-de-rosa; o nevoeiro tinha um toque dourado. Houve um momento de silêncio, como se todas as coisas prendessem a respiração, depois o sol apareceu. Era lindo.

— Putz! — a voz de Johnny por trás de mim me fez dar um pulo. — Isso foi demais!

— É. — Suspirei, desejando ter umas tintas para fazer um quadro enquanto aquele lance não sumia da minha cabeça.

— O mais incrível foi o nevoeiro — disse Johnny. — Todo dourado e prateado.

— Hummm — eu disse, tentando fazer um anel de fumaça.

— Pena que não fique assim o tempo todo.

— Nada que é dourado fica. — Eu estava me lembrando de um poema que tinha lido uma vez.

— Quê?

— "O primeiro verde da natureza é dourado,
Para ela, o tom mais difícil de fixar.
Sua primeira folha é uma flor,
Mas só durante uma hora.
Depois folha se rende a folha.
Assim o Paraíso afundou na dor,
Assim a aurora se transforma em dia.
Nada que é dourado fica."

Johnny ficou me olhando:

— Onde é que você aprendeu isso? Era isso que eu estava querendo

dizer.

— Quem escreveu foi Robert Frost. Mas ele queria dizer muito mais do que eu consigo pegar. — Estava tentando pegar o sentido que o poeta tinha na cabeça, mas não conseguia. — Sempre me lembro desse poema, porque nunca consegui entender muito bem o que queria dizer.

— Sabe — disse Johnny devagar —, eu nunca notava nada em cores e nuvens e esse tipo de lance, até que você começou a me chamar a atenção para isso. Até parece que antes não existiam. — Ficou pensando por um momento. — A sua família é mesmo gozada.

— O que ela tem de tão gozado? — perguntei, meio irritado.

Johnny me deu uma olhadinha rápida.

— Nada, eu não estava querendo dizer nada. Só que, bom, Soda é muito parecido com sua mãe, mas se comporta exatamente como seu pai. E Darry é a imagem encarnada do seu pai, mas não é animado nem passa o tempo todo rindo, como ele. Ele se comporta mais como sua mãe. E você não se comporta como nenhum dos dois.

— Eu sei — eu disse. — Bom — continuei, pensando na coisa —, você não se parece com mais ninguém da turma. Quer dizer, não sei qual é a do Metido, do Steve e até mesmo do Darry a respeito desse lance de pôr do sol, nuvens... Eu nem ia me lembrar desse poema, andando com eles. Quer dizer, eles simplesmente não se ligam. Só você e Sodapop. Talvez Cherry Valance também.

Johnny estremeceu.

— É — disse ele, com um suspiro. — Acho que somos diferentes.

— Merda — eu disse, soprando um anel de fumaça perfeito. — Talvez os diferentes sejam eles.

No quinto dia, eu já estava tão cheio de salsichão que quase vomitava, só de olhar aquilo. A gente tinha rangado todas as barras de chocolate nos primeiros dois dias. Estava morrendo de vontade de tomar uma Pepsi. Sou o que poderia se chamar de viciado em Pepsi. Bebo Pepsi que nem louco; cinco dias sem tomar uma já estavam quase me matando. Johnny prometeu trazer algumas se o rango acabasse e tivéssemos de sair pra buscar mais; aquilo não me consolou muito naquela hora. Estava fumando muito mais do que fumava normalmente — isso porque pelo menos era alguma coisa pra

fazer —, embora Johnny tivesse me avisado que ia ficar doente fumando daquele jeito. A gente tinha o maior cuidado com os cigarros: se aquela igreja velha pegasse fogo, ninguém ia conseguir apagar.

No quinto dia, eu já tinha chegado à parte do cerco de Sherman à cidade de Atlanta em ...*E o vento levou*, estava devendo 150 paus ao Johnny no pôquer, tinha fumado dois maços de Camel e, como Johnny tinha avisado, fiquei doente. Não tinha comido nada o dia inteiro; fumar de estômago vazio não faz você se sentir lá essas maravilhas. Me encolhi num canto para ver se dormia até parar de me sentir mal por causa do fumo. Tinha acabado de dormir, quando ouvi, como se viesse de bem longe, um assobio comprido que acabava de repente em uma nota bem alta. Estava com muito sono para prestar atenção; Johnny não tinha razão nenhuma para andar assobiando daquele jeito. Ele estava morgado nos degraus dos fundos, tentando ler ...*E o vento levou*. Eu já tinha quase chegado à conclusão de que tinha sonhado que o mundo exterior existia, que não havia nada de real fora sanduíches de salsichão, a Guerra Civil, a velha igreja e a neblina no vale. Tinha a impressão de que sempre havia vivido na igreja, ou então durante a Guerra Civil, e que de alguma maneira havia sido transplantado para aquele lugar. Isso dá uma ideia das viagens malucas que eu faço. Senti um pé cutucando minhas costelas.

— Caramba! — disse uma voz rude, bem conhecida. — Como ele está diferente com o cabelo desse jeito!

Me virei e sentei, esfregando os olhos para espantar o sono e bocejando. De repente, pisquei.

— Opa, Dally!

— E aí, Ponyboy? Beleza? — Ele riu para mim. — Ou será que devo te chamar de Bela Adormecida?

Nunca pensei que fosse chegar um dia na minha vida em que ficasse tão feliz de ver Dally Winston, mas naquele momento ele significava uma coisa: contato com o mundo exterior. Que de repente ficou real e primordial.

— Como vai Sodapop? A polícia anda atrás da gente? Darry está bem? Os caras da turma sabem onde estamos? O que...

— Se controla, garoto — cortou Dally. — Não dá pra responder tudo ao mesmo tempo. Vocês dois estão a fim de rangar alguma coisa primeiro? Não

tomei café da manhã e estou morrendo de fome.

— Você está morrendo de fome? — Johnny estava tão mordido que suas palavras saíram como um guincho. Lembrei do salsichão.

— A gente já pode sair? — perguntei, ansioso.

— Sim, senhor. — Dally enfiou a mão no bolso em busca de um cigarro; como não encontrou nenhum, perguntou: — Você tem algum pirulito de câncer, Johnnycake?

Johnny jogou um pacote inteiro para ele.

— A polícia não vai vir atrás de vocês por estas bandas — disse Dally, acendendo um. — Eles acham que vocês se mandaram para o Texas. Estou com o possante do Buck parado ali na estrada, um pouco mais adiante. Deus do céu, vocês não rangam nada?

Johnny olhou para ele, assustado.

— Claro. Por que você pergunta um lance desses?

Dally balançou a cabeça.

— Vocês dois estão pálidos e mais magros. Comecem a tomar um sol. Até parece que vocês andaram em cana!

Comecei a dizer:

— Olha só quem está falando... — Mas achei melhor ficar na minha. Dally estava precisando fazer a barba, seu queixo estava coberto por uma camada fina de barba rala, estava com cara de ter passado uma semana dormindo com a mesma roupa, muito mais que nós. Eu sabia que havia meses ele não ia ao barbeiro. Mas era mais seguro não ficar com graça para o lado de Dally Winston.

— Ei, Ponyboy — ele pescou um pedaço de papel do bolso de trás —, tenho uma carta pra você.

— Uma carta? De quem?

— Do presidente, é claro, seu babaca. Do Soda.

— Do Sodapop? — falei, excitado. — Mas como é que ele sabia...?

— Ele pintou lá no Buck há uns dois dias, atrás de alguma coisa, e achou aquela camiseta. Disse a ele que não sabia onde você estava, mas ele não botou muita fé. Me deu esta carta e a metade do salário dele para eu dar a você. Cara, você precisava ver o Darry. Não está conseguindo segurar...

Eu nem estava ouvindo. Me encostei na parede da igreja e li:

Ponyboy,
Bom, acho que você aprontou uma boa, né? Darry e eu quase piramos quando você caiu fora daquele jeito. Darry está superarrependido porque bateu em você. Você sabe que não foi por querer. Depois você e Johnny sumiram, e o que é que você me diz do cara que apagaram no parque, depois levaram Dally pra delegacia, bom, o lance nos deixou com o maior cagaço. A polícia pintou pra nos interrogar, e a gente contou tudo o que sabia. Não ponho muita fé que aquele velho Johnny podia apagar alguém. Tô ligado que Dally sabe onde vocês estão, mas sabe como ele é: fecha a boca e não me diz. Darry não tem a mínima ideia de onde você tá, e essa loucura tá quase o matando. Gostaria que vocês voltassem e se entregassem, mas acho que não podem fazer isso porque Johnny podia se machucar. Puta, vocês são famosos. Até saiu um parágrafo sobre você no jornal. Se cuide e dê lembranças pro Johnny que nós estamos mandando.
Sodapop Curtis.

Ele bem que podia escrever melhor, pensei, depois de ler a carta umas três ou quatro vezes.

— Como é esse lance de você ir preso? — perguntei a Dally.

— Pô, cara — deu um sorriso de lobo —, aqueles caras da delegacia já me manjam bem, a essa altura. Me pegam por tudo que rola lá no bairro. Enquanto fiquei lá, deixei escapar que vocês tinham se mandado pro Texas. Por isso, estão procurando vocês lá.

Puxou fundo o cigarro e disse uns palavrões, de sarro, porque não era um Kool. Johnny ouvia, com a maior admiração.

— Você sabe falar besteira bem, Dally.

— Claro — concordou Dally sinceramente, orgulhoso de seu vocabulário. — Mas não vão sair imitando meus maus hábitos por aí, crianças.

Esfregou minha cabeça com força.

— Cara, juro que nem parece você, com esse cabelo todo talhado. Antes era superchocante. Você e Soda tinham o cabelo mais classe A da cidade.

— Eu sei — eu disse, amargurado. — Estou horrível, mas não fica esfregando minha cabeça.

— Vocês querem alguma coisa pra comer ou não?

Johnny e eu demos um pulo.

— Só.

— Putz — disse Johnny, feliz, — vai ser um barato entrar de novo num carro.

— Bom — falou Dally, arrastando as palavras —, aposto que vão curtir o

rolé.

Dally sempre gostou de dirigir avoado, como se não ligasse pra chegar no lugar aonde estava indo, e descemos a estrada de terra vermelha que ia até a montanha Jay a 130 por hora. Gosto de andar rápido, e Johnny era maluco por rachas, mas os dois ficamos meio verdes quando Dally fez uma curva em duas rodas, cantando pneu. Talvez fosse porque fazia um puta tempo que a gente não entrava num carro.

Paramos numa lanchonete, e a primeira coisa que pedi foi uma Pepsi. Johnny e eu nos empapuçamos com uns sandubas de churrasco e banana split.

— Nossa — disse Dally, admirado, olhando a gente engolir aquilo tudo. — Vocês não precisam agir como se cada garfada fosse a última. Estou cheio de grana. Calma, não quero vocês ficando doentes pra cima de mim. E eu que achei que estava com fome!

Com isso ele só conseguiu que Johnny comesse mais depressa ainda. Eu não diminuí a velocidade, até que fiquei com dor de cabeça.

— Tem uma coisa que não contei pra vocês — disse Dally, acabando o terceiro hambúrguer. — Foi declarada a guerra entre os *socs* e nós em toda a cidade. Aquele cara que vocês mataram tinha uma pá de camaradas, e pela cidade inteira só dá *soc* contra *greaser*. Não podemos andar sozinhos de jeito nenhum. Comecei a andar armado...

— Dally! — eu disse, assustado. — Berro serve para matar gente!

— Dá pra matar até com canivete, não é, cara?

Dally falou isso com voz dura. Johnny engoliu em seco.

— Não se preocupem — continuou Dally —, não está carregado. Não pretendo ser preso por assassinato. Mas ajuda a assustar. A turma do Tim Shepard e a nossa vão acertar as contas com os *socs* amanhã à noite no terreno baldio. Conseguimos ganhar o presidente de um dos clubes sociais deles e fizemos um conselho de guerra. É... — Dally suspirou, e percebi que ele estava se lembrando de Nova York — ...bem como nos velhos tempos. Se eles ganharem, as coisas continuam como sempre. Se nós levarmos a melhor, eles têm de ficar fora do nosso território direitinho. Outro dia pegaram o Metido. Darry e eu chegamos a tempo, mas ele estava conseguindo se virar. Metido é um bom lutador. Ah, também não contei a

vocês que temos um espião.

— Um espião? — Johnny levantou os olhos da banana split. — Quem?

— Aquela mina classe que eu tentei pegar naquela noite em que você apagou o *soc*. A de cabelo vermelho, Cherry não sei o quê.

6

Johnny ficou paralisado, quase deixei cair meu sundae com cobertura de chocolate. — Cherry? — dissemos os dois ao mesmo tempo. — A mina *soc*?

— Só — disse Dally. — Ela pintou no terreno baldio na noite em que pegaram o Metido. Nós, Shepard e alguns caras da turma dele estávamos por ali quando ela pintou, no carrinho Sting Ray dela. Foi preciso coragem da parte dela! Alguns dos caras estavam a fim de dar uma surra nela ali, no ato, já que era a mina do cara morto e tudo, mas Metido não deixou. Cara, a próxima vez que eu quiser uma mina vou ganhar uma na minha turma.

— É — disse Johnny na manha. Fiquei pensando se ele, como eu, estava lembrando de uma outra voz, também durona, que havia pouco tempo tinha engrossado, transformando-se em voz de homem, dizendo "Da próxima vez que quiserem uma gata, transem uma igual a vocês...". Aquilo me deixou arrepiado.

Dally continuou:

— Ela disse que achava que toda aquela zona era por culpa dela, o que é verdade, que ia nos manter informados das coisas que os *socs* estivessem preparando e que ia declarar ao juiz que os *socs* estavam bêbados, procurando briga, e que vocês tinham lutado para se defender — deu uma risada desagradável. — Aquela gatinha tem a maior raiva de mim. Perguntei se ela queria ir comigo até o Dingo e tomar uma Coca; ela respondeu "Não, obrigada" e me disse aonde é que eu podia ir em termos muito educados.

Ela estava com medo de te amar, pensei. Assim, Cherry Valance, chefe de torcida, garota do Bob, um *soc*, estava tentando nos dar uma força. Não, não era Cherry a garota *soc* que estava nos ajudando, era Cherry a sonhadora, que olhava o pôr do sol e que não podia suportar brigas. Era duro acreditar que algum *soc* pudesse nos dar uma mão, mesmo uma que se ligava em pôr do sol. Dally não notou. Já tinha esquecido o lance.

— Cara, este lugar está por fora. Que é que a turma faz para entrar numas, por aqui? Joga xadrez? — Dally deu uma olhada ao redor sem o menor interesse. — Eu nunca tinha estado no campo antes. E vocês?

Johnny fez que não com a cabeça, mas eu disse:

— Papai costumava nos levar para caçar. Já estive no campo antes. Como é que você sabia da igreja?

— Tenho um primo que mora por aqui, não sei bem onde. Foi ele que me deu a dica de que ali podia ser um mocó pra se esconder em caso de necessidade. Ei, Ponyboy, ouvi dizer que é você quem tem melhor pontaria na família.

— É — eu disse. — Só que Darry sempre pegava mais patos. Ele e o papai. Soda e eu andávamos muito de um lado para o outro, espantávamos quase toda a nossa caça. — Eu não podia contar ao Dally que detestava atirar em coisas. Ele ia achar que eu era um cuzão.

— Foi uma ideia muito boa essa de cortar o cabelo e clarear. Eles puseram a descrição de vocês em tudo quanto é jornal, só que agora não bate.

Johnny comeu seu quinto sanduba de churrasco em silêncio, mas aí anunciou:

— A gente vai voltar e se entregar.

Foi a vez do Dally ficar paralisado. Depois disse uns palavrões. Se virou para o Johnny e perguntou:

— Quê?

— Eu falei que a gente vai voltar e se entregar — repetiu Johnny com voz tranquila. Fiquei surpreso, mas não chocado. Já tinha pensado montes de vezes em a gente se entregar, mas aparentemente a ideia era um golpe para Dallas.

— Tenho boa chance de me safar — disse Johnny, num tom de desespero, mas eu não sabia se era ao Dally ou a si mesmo que ele queria convencer. — Não sou fichado, e foi em legítima defesa. Ponyboy e Cherry podem ser testemunhas. Além disso, não pretendo passar o resto da vida naquela igreja.

Aquilo era um puta discurso para o Johnny. Seus olhos grandes ficaram maiores do que nunca com a ideia de ir até a delegacia, porque ele tinha um

medo mortal dos ratos, mas continuou:

— A gente não vai contar que nos ajudou, Dally; devolvemos o revólver e o resto do dinheiro para você e dizemos que voltamos de carona, assim não se complica, certo?

Dally estava mordendo o canto da sua carteira de identidade, que dizia que ele tinha 21 anos para que pudesse comprar bebidas.

— Vocês têm certeza de que querem voltar? A coisa é pior com os *greasers* do que com o resto das pessoas.

Johnny fez que sim.

— Tenho. Não é justo para Ponyboy ter que ficar naquela igreja, com Darry e Soda se preocupando com ele todo o tempo. Acho que... — engoliu em seco e tentou falar calmamente — ...acho que meus pais nem estão preocupados comigo...

— O pessoal está preocupado — disse Dally com voz firme. — Metido ia embarcar para o Texas atrás de você.

— Meus pais — repetiu Johnny, teimoso — perguntaram por mim?

— Não — cortou Dally —, não perguntaram. — Caramba, Johnny, que importância eles têm? Merda, meu coroa não se liga se estou na cadeia, se apaguei num acidente de carro ou se estou travado de tanto goró na sarjeta. Mas não ligo nem um pouco pra isso.

Johnny não disse nada. Ficou olhando para o painel do carro com uma expressão de moral abalada tão grande que eu quase chorei.

Dally xingou baixinho e quase tirou a alavanca do câmbio do carro quando saímos da lanchonete. Eu estava com pena dele. Dally não estava mentindo quando falou que não se ligava nos velhos dele. Mas ele e o resto do pessoal sabiam muito bem que Johnny se ligava e faziam tudo o que podiam para dar uma força a ele. Não sei o que Johnny tinha, talvez fosse aquele ar de bichinho abandonado e os olhos grandes, assustados, que faziam todo mundo se sentir o mano mais velho dele. Mas não podiam, por mais que batalhassem, ocupar o lugar de seus pais. Pensei um pouco naquilo. Darry e Sodapop eram meus irmãos, e eu amava os dois, mesmo com medo do Darry; mas nem Darry e Soda podiam ocupar o lugar de mamãe e papai. Isso porque eram irmãos de verdade, não apenas uma espécie de irmãos adotados. Muito natural que Johnny ficasse triste porque

os pais não gostavam dele. Dally podia aguentar: Dally era de uma raça que aguentava qualquer coisa, porque era forte e durão e, mesmo quando não era, podia ficar. Johnny brigava bem e conseguia ficar frio, mas era sensível, o que não é uma coisa muito boa de ser quando se é *greaser*.

— Que merda, Johnny — rosnou Dally, enquanto comíamos pó na estrada vermelha —, por que você não pensou em se entregar cinco dias atrás? Teria evitado muita confusão.

— Estava morto de medo — disse Johnny sem vacilar. — E ainda estou. — Passou o dedo por uma das costeletas curtas e pretas. — Acho que estragamos nosso cabelo para nada, Ponyboy.

— Também acho. — Estava feliz por voltar. Já estava enjoado daquela igreja. Nem me incomodava estar careca.

Dally estava de testa franzida; depois de longa e dolorosa experiência, eu sabia que era melhor não falar com ele quando seus olhos fuzilavam daquele jeito. Era mais que provável que ele me desse uma paulada na cabeça. Já tinha acontecido antes, comigo e com toda a turma em um ou outro momento. A gente quase nunca brigava entre nós; Darry era o chefe não oficial, porque era ele quem ficava mais frio; Soda e Steve tinham sido os melhores amigos um do outro desde o começo do ginásio e nunca entravam numas, e Metido era muito preguiçoso para discutir com alguém. Johnny ficava com a boca fechada demais para entrar em conflito. Eu também ficava na minha. Mas Dally era outro papo. Se alguma coisa pegava no seu pé, ele não ficava quieto; se você o irritasse, cuidado. Nem Darry queria encrenca com ele. Era perigoso.

Johnny só ficava ali sentado, olhando para os pés. Detestava quando qualquer um de nós ficava puto com ele. Estava com um ar fodidamente triste. Dally olhou para ele com o canto do olho. Fiquei olhando pela janela.

— Johnny — disse Dally com voz de súplica, num tom agudo que eu nunca tinha ouvido ele usar —, não estou puto com você. É só que eu não quero que se machuque. Não tem ideia do que alguns meses em cana podem fazer. Ô, merda, Johnny — tirou, com um gesto, os cabelos louros dos olhos —, na cadeia o cara endurece. Não quero que isso aconteça com você. Como aconteceu comigo...

Continuei olhando pela janela, para a paisagem que ia se alterando

rapidamente, mas senti os olhos crescendo. Dally nunca falava assim. Nunca. Dally não dava a mínima pra mais ninguém que não ele mesmo, era frio, duro e cruel. Nunca falava sobre seu passado nem sobre a cadeia daquele jeito; quando falava naquilo, era para contar vantagem. Aí, de repente, imaginei Dally... na cadeia, com dez anos de idade... Dally crescendo na rua...

— Você ia preferir me ver vivendo em esconderijos pelo resto da vida, sempre fugindo? — perguntou Johnny, sério.

Se Dally tivesse dito que sim, Johnny teria voltado para a igreja sem vacilar. Na cabeça dele, Dally sabia mais que ele — e a palavra do Dally era lei. Mas Johnny não chegou a ouvir a resposta, porque a gente estava no alto da montanha Jay, e Dally de repente pisou no freio, olhando ao redor. — Nossa! — gritou. A igreja estava pegando fogo.

— Vamos lá ver qual é o lance — eu disse, pulando do carro.

— Para quê? — Dally parecia irritado. — Entra aqui de novo antes que eu te arrebente a cabeça.

Eu sabia que Dally teria que estacionar o carro e me agarrar, antes de poder cumprir a ameaça; Johnny também já tinha saído, e vinha atrás de mim, então achei que não corria perigo. A gente podia ouvir as coisas que ele gritava para nós, mas não era louco para correr atrás da gente. Tinha uma multidão na frente da igreja, principalmente crianças; fiquei pensando como eles tinham chegado lá tão depressa. Bati nas costas do adulto mais próximo:

— O que está havendo?

— Bom, a gente não tem certeza — disse o homem, com um sorriso bondoso. — Estávamos fazendo um piquenique da escola aqui em cima e, quando vimos, estava tudo queimando. Graças aos céus que não estamos na estação seca e que essa velharia não serve pra nada mesmo. — Depois gritou: — Mais para trás, crianças, daqui a pouco os bombeiros estão aí.

— Aposto que fomos nós — disse Johnny. — Jogamos fora algum cigarro aceso ou coisa assim.

Nisso apareceu uma senhora correndo:

— Jerry, dei falta de algumas crianças.

— Devem estar por aí. Não dá para saber, com toda essa agitação, onde

elas podem ter se metido.

— Não — ela balançou a cabeça. — Já faz pelo menos meia hora que elas sumiram. Pensei que estivessem escalando o morro...

Então nós todos gelamos. Baixinho, baixinho, dava para ouvir alguém gritando. Parecia que o grito vinha de dentro da igreja.

A mulher ficou branca.

— Eu disse a elas para não irem brincar na igreja... Eu disse... — Aí ela ficou com cara de quem ia começar a berrar, então Jerry a sacudiu.

— Vou buscá-las, não se preocupem! — Larguei num pique rumo à igreja, mas o homem me segurou pelo braço: — *Eu* é que vou buscá-las. Vocês, garotos, fiquem aqui!

Dei um safanão, me soltei e saí correndo. A única coisa em que conseguia pensar era: fomos nós que ateamos fogo. Fomos nós que ateamos fogo!

Não ia dar para entrar pela porta em chamas, então joguei uma pedra bem grande numa janela e pulei para dentro. Foi um milagre não ter me cortado todo, agora que penso nisso.

— Ei, Ponyboy!

Olhei em volta, assustado. Não tinha percebido que Johnny tinha vindo atrás de mim todo o tempo. Respirei fundo e comecei a tossir. Meus olhos se encheram de fumaça, começaram a lacrimejar.

— Aquele cara também está vindo?

Johnny fez que não.

— Não passou pela janela.

— Muito apavorado?

— Não... — Johnny riu para mim. — Muito gordo.

Não consegui rir, porque estava apavorado com a ideia de sufocar com a fumaça. A madeira estava rangendo e estalando cada vez mais alto. Johnny gritou:

— Onde estão as crianças?

— Nos fundos, acho — gritei de volta. Fomos tropeçando pela igreja. Eu devia estar apavorado, pensei, com uma estranha sensação de distanciamento, só que não estou. As cinzas e as brasas começaram a cair em cima de nós, picando e ardendo feito formigas. De repente, no meio da

fumaça e do clarão vermelho, lembrei de ter pensado, uma vez, como seria dentro de uma brasa. Pensei: agora já sei, é um inferno vermelho. Por que não estou apavorado?

Com um empurrão, abrimos a porta que dava para o quarto dos fundos; lá encontramos quatro ou cinco criancinhas, de uns oito anos ou menos, todas encolhidas em um canto. Uma delas gritava feito doida. Johnny berrou:

— Silêncio! Já vamos tirar vocês daqui! — O garoto olhou para ele surpreso e parou de gritar. Até eu me espantei. Johnny estava totalmente diferente do que costumava ser. Olhou por cima do ombro e viu que a porta estava bloqueada pelas chamas, então abriu a janela e jogou para fora a criança mais próxima. Dei uma olhadinha rápida para o seu rosto; estava cheio de marcas vermelhas, das brasas que caíam, e riscado pelo suor, mas sorriu para mim. Também não estava com medo. Foi a única vez, que me lembre, que vi Johnny sem aquela expressão de derrota e desconfiança no olhar. Até parecia que estava se divertindo.

Peguei uma criança, que imediatamente me mordeu, mas me debrucei pela janela e a larguei tão na manha quanto possível, na pressa em que estava. Àquela altura já tinha uma multidão ali. Dally também estava lá; quando me viu, gritou:

— Pelo amor de Deus, deem o fora daí! O telhado vai cair a qualquer momento. Esqueçam o diabo dessas crianças!

Não dei a mínima para ele, embora houvesse pedaços daquele telhado velho caindo ao meu redor, muito perto. Pesquei outro garoto, rezando para que não mordesse, e o larguei sem dar um tempo para ver se aterrissava direitinho ou não. Estava tossindo tanto que mal me aguentava em pé. Fiquei chateado porque não dava tempo de tirar a jaqueta do Dally. Estava muito quente. Jogamos os últimos garotos para fora. A parte da frente da igreja começou a desmoronar. Johnny me enfiou pela janela.

— Cai fora!

Pulei pela janela, ouvindo um barulho de madeira quebrando e sentindo as labaredas logo atrás de mim. Cambaleei, quase caí, tossindo e sem conseguir respirar bem. Então ouvi Johnny gritando.Quando me virei para buscá-lo, Dallas soltou um palavrão e me deu uma porrada nas costas com

toda a força. Afundei numa escuridão de paz.

Quando acordei, estava sendo balançado de um lado para o outro, meu corpo doía e ardia, fiquei imaginando meio vagamente onde eu poderia estar. Tentei pensar, mas não conseguia parar de ouvir um grito agudo que não sabia se estava dentro ou fora de minha cabeça. Então percebi que era uma sirene. Os tiras, pensei, chateado. Os tiras tinham ido nos pegar. Tentei sufocar um grunhido, queria que Soda estivesse ali comigo. Alguém estava passando uma toalha fria e úmida no meu rosto com a maior delicadeza. Então ouvi uma voz dizer:

— Acho que está acordando.

Abri os olhos. Estava escuro. Estou sendo transportado, pensei. Será que estão me levando em cana?

— Onde...? — falei, com voz rouca, sem conseguir fazer sair nem mais uma palavra de minha boca. Minha garganta estava doendo. Pisquei para o desconhecido que estava sentado ao meu lado. Mas eu já tinha visto aquela cara... quem era...

— Calma, garoto. Você está em uma ambulância.

— Onde está o Johnny? — gritei, assustado, porque estava naquele carro com pessoas que não conhecia. — E o Dallas?

— Estão na outra ambulância, logo atrás de nós. Agora se acalme. Você vai ficar bom. Foi só um desmaio.

— Não foi desmaio — eu disse, com a voz entediada, durona, que usávamos para falar com desconhecidos ou com a polícia —, foi o Dallas que me deu uma porrada. Por que será que ele fez isso?

— Foi porque suas costas estavam pegando fogo.

Fiquei surpreso:

— É? Putz, nem senti. Não dói.

— Apagamos o fogo antes que você se queimasse. Aquela jaqueta impediu que tivesse uma queimadura muito séria, talvez tenha salvado sua vida. Você só desmaiou porque respirou muita fumaça e um pouco por causa do choque. Claro, aquela batida nas costas não ajudou muito.

Aí me lembrei quem era o cara. Era o Jerry não sei o quê, o tal que era muito corpulento para entrar pela janela. Deve ser professor primário, pensei.

— Você está nos levando para a delegacia? — Eu ainda estava meio confuso com os acontecimentos.

— Delegacia? — Aí quem ficou surpreso foi ele: — Por que a gente ia querer levar vocês para a delegacia? Estamos levando os três para o hospital.

Fingi que não tinha notado a primeira observação dele.

— Johnny e Dally estão bem?

— Quem é quem, dos dois?

— Johnny tem cabelo preto. Dally é o que tem cara de mau.

Ficou olhando para a aliança. Talvez esteja pensando na mulher dele, imaginei. Queria que ele dissesse alguma coisa.

— Estamos achando que o garoto de cabelo claro não vai ter maiores problemas. Ele ficou com um braço muito queimado, tentando puxar o outro garoto pela janela. Johnny... bem, não sei. Um pedaço de viga caiu nas costas dele. Ele pode ter quebrado a coluna e estava com queimaduras muito graves. Desmaiou antes de conseguir pular a janela. Estão dando soro para ele, agora. — Deve ter visto alguma coisa no meu olhar, porque mudou depressa de assunto: — Juro que há muito tempo não vejo garotos tão corajosos quanto vocês três. Primeiro você e o garoto de cabelo preto escalaram aquela janela, depois o de cara durona foi lá salvar o outro. A sra. O'Briant e eu achamos que vocês tinham caído diretamente do céu. Ou será que são apenas heróis profissionais, ou algo parecido?

Caídos do céu? Será que ele tinha olhado direito para o Dallas?

— Não, nós somos *greasers* — eu disse. Estava preocupado e apavorado demais para poder notar que ele estava tentando ser engraçado.

— Vocês são o quê?

— *Greasers*. Você sabe, que nem bandido. Delinquentes juvenis. Estão procurando Johnny por assassinato; Dallas tem uma ficha na polícia de mais ou menos um quilômetro de comprimento.

— Você está me gozando? — Jerry olhou para mim como se achasse que eu ainda estava em estado de choque ou algo assim.

— Não, não estou. Me leva para a cidade e você vai descobrir logo, logo.

— Estamos levando você para um hospital na cidade, de toda maneira. Na sua carteira havia um cartão com seu endereço. Você se chama mesmo

Ponyboy?

— É isso aí. Até na certidão de nascimento. E não vem me encher com isso. As... — estava me sentindo fraco — as crianças estão bem?

— Ótimas. Talvez um pouco assustadas. Logo depois que vocês saíram houve pequenas explosões.

O barulho era igualzinho ao som de tiros.

Tiros. O revólver tinha dançado. ...*E o vento levou* também. Será que a gente tinha caído do céu? Comecei a rir, sem forças. Acho que aquele cara sabia como eu estava à beira da histeria, na realidade, porque ficou falando comigo em voz baixa, reconfortante, até que chegamos ao hospital.

Eu estava sentado na sala de espera, aguardando notícias de Dally e Johnny. Tinha sido examinado e, a não ser por umas poucas queimaduras e um ferimento grande nas costas, estava bem. Tinha visto trazerem Dally e Johnny em macas. Dally estava de olhos fechados, mas, quando falei com ele, tentou sorrir e me disse que se algum dia eu tentasse fazer uma cagada daquelas de novo, ele me arrebentava de porrada. Ainda estava me dizendo coisas quando o levaram para dentro. Johnny estava inconsciente. Eu tinha ficado com medo de olhar para ele, mas fiquei aliviado quando vi que seu rosto não estava queimado. Só estava muito pálido, com cara de doente. Me deu vontade de chorar, vendo-o ali tão quieto, só que na frente daquela gente não dava.

Jerry Wood tinha ficado o tempo todo comigo. Não parava de me agradecer por ter salvado as crianças. Parecia não se importar com o lance de sermos malandros. Contei a história toda para ele, desde o momento em que Dallas, Johnny e eu nos encontramos na esquina das avenidas Pickett e Sutton. Só não contei a parte do revólver e a da viagem no trem de carga. Ele foi superlegal com o lance. Disse que o fato de sermos heróis ia ajudar a gente a sair do aperto, principalmente porque tinha sido em legítima defesa e tudo o mais.

Eu estava parado ali, fumando um cigarro, quando Jerry voltou, depois de dar um telefonema. Olhou um momento para mim.

— Você não devia fumar.

Levei um susto.

— Por quê? — Olhei o cigarro. Achei que estava com aspecto normal. Olhei em volta para ver se tinha aviso de "Não Fume!", mas não vi nenhum. — Por quê?

— Porque, hã... — Jerry começou a gaguejar —, você é muito novo.

— Sou? — Nunca tinha pensado nisso. Todo mundo no bairro fumava, até as minas. Fora o Darry, que tinha muito orgulho da sua saúde atlética para se arriscar a fumar, todos nós tínhamos começado a fumar muito cedo. Johnny fumava desde os nove anos; Steve começou com 11. Por isso ninguém se ligou quando comecei. Eu sou quem mais fuma na família, porque Soda fuma só para se acalmar ou então quando quer ficar com ar de durão.

Jerry só suspirou, depois riu.

— Tem umas pessoas aqui que querem ver você. Estão dizendo que são seus irmãos ou algo assim.

Dei um pulo e corri para a porta, mas ela já tinha sido aberta e lá estava o Soda me dando um abraço de urso e me girando pela sala. Estava tão feliz de encontrá-lo que me deu vontade de chorar. Ele acabou me soltando, aí olhou para mim. Alisou meu cabelo para trás.

— Ah, Ponyboy... seu cabelo. Seu cabelo chocante, chocante...

Aí vi o Darry. Estava encostado no batente da porta, com a camiseta preta e o jeans verde-oliva. Continuava sendo o Darry alto e forte que eu conhecia, mas suas mãos estavam enfiadas nos bolsos, e os olhos imploravam. Simplesmente olhei para ele. Ele engoliu em seco e falou, com voz abafada:

— Ponyboy...

Larguei o Soda e dei um tempo. Darry não gostava de mim... tinha feito eu fugir, naquela noite... tinha me batido... Darry ficava o tempo todo me dando bronca... não se ligava nem um pouco em mim... De repente percebi, horrorizado, que Darry estava chorando. Não fazia nenhum barulho, mas havia lágrimas escorrendo por seu rosto. Fazia anos que eu não via ele chorar, nem mesmo quando mamãe e papai morreram. (Lembrei do enterro. Eu tinha chorado, apesar de tentar me controlar; Soda tinha se entregado e chorado como um bebê; mas Darry só tinha ficado ali, com as mãos nos bolsos e aquela expressão no rosto, aquela mesma expressão indefesa, suplicante, que eu estava vendo agora.)

Naquele momento percebi o que Soda, Dally e Metido tinham tentado me dizer. Darry gostava de mim, talvez tanto quanto gostava do Soda, e era por se ligar muito em mim que estava tentando tudo para que eu fosse alguma coisa. Quando ele gritou "Pony, onde é que você se meteu esse tempo todo?", na realidade estava querendo dizer "Pony, você me deu um susto fodido. Por favor, tenha cuidado, porque eu não ia aguentar se acontecesse algo a você".

Darry olhou para o chão e deu as costas, devagar. De repente saí daquele torpor.

— Darry! — gritei e depois só me lembro de ter agarrado a cintura dele e de apertá-lo com toda a minha força, como se quisesse esmagá-lo.

— Darry — eu disse —, me desculpa...

Ele estava acariciando meu cabelo, dava para ouvir os soluços que o atravessavam enquanto tentava segurar as lágrimas.

— Ah, Pony, pensei que a gente tinha perdido você... como perdemos a mamãe e o papai...

Era aquele o medo dele, então: de perder outra pessoa amada. Lembrei como ele e o papai se curtiam; fiquei pensando como eu podia ter sido capaz de achá-lo duro e insensível. Ouvi seu coração batendo através da camiseta, entendi que dali para a frente tudo ia ficar em ordem. Meu caminho tinha sido o mais longo, mas finalmente estava em casa. Para ficar.

7

Agora havia três na sala de espera, aguardando notícias de Dally e Johnny. Foi então que chegaram os repórteres e os ratos. Começaram a perguntar muitos lances depressa demais, me deixaram todo confuso. Para dizer a verdade, primeiro eu não estava me sentindo muito bem. Meio enjoado, sabe? Depois, morro de medo dos ratos. Os repórteres ficaram me bombardeando com perguntas, nem acabavam de perguntar uma coisa já vinham com outra; me deixaram tão tonto que eu nem sabia mais o que estava rolando. Darry acabou dizendo a eles que eu não estava em condições de ouvir tanta zoeira, aí eles se acalmaram um pouco. É que o Darry é um cara parrudo.

Eles não paravam de rir com Sodapop. Ele pegou o chapéu de um jornalista, a máquina fotográfica de outro, e começou a tirar uma onda, entrevistando enfermeiras e imitando os repórteres da TV. Depois tentou afanar o cano de um tira; quando foi flagrado, rachou o bico feito louco, e até o tira riu. Soda tem a manha de fazer qualquer um rir. Consegui descolar um pouco de gel e penteei o cabelo para trás pra não ficar tão mal nas fotografias. Eu morreria se saísse meu retrato no jornal com aquele cabelo nojento. Darry e Sodapop também foram fotografados. Jerry Wood me disse que se Sodapop e Darry não fossem tão bonitos, não bateriam tantas fotos deles. "Os leitores gostam", disse ele.

Soda estava achando aquilo tudo o maior barato. Acho que teria se divertido mais se a coisa não fosse tão séria, mas não conseguia resistir a um lance que causava tanta agitação. Juro que às vezes acho que ele se parece com um potro. Um potrinho árabe, de pernas compridas, que mete o nariz em toda parte. Os repórteres olhavam para ele com admiração; já disse a vocês que ele parece ator de cinema, a gente tem a impressão de que ele emite raios.

No fim, até Sodapop se encheu dos repórteres. Ele se cansa de qualquer

lance depois de um tempo. Aí se deitou no banco comprido, com a cabeça no colo do Darry, e dormiu. Acho que os dois estavam pregados: já era tarde da noite, e eu sabia muito bem que tinham dormido pouco durante a semana. Até mesmo enquanto respondia às perguntas, lembrei que poucas horas antes estava no canto de uma igreja, dormindo para ver se me desintoxicava de cigarro. Aquilo já tinha virado um sonho irreal, embora naquela hora fosse incapaz de imaginar outro mundo qualquer. Os repórteres começaram a cair fora, junto com os tiras. Um deles virou e perguntou:

— O que você gostaria de fazer neste momento, se pudesse fazer o que tivesse vontade?

Olhei para ele, pregado:

— Tomar banho.

Acharam aquilo superengraçado, mas era verdade. Estava me sentindo nojento. Depois que foram embora, o hospital ficou silencioso pra valer. A única coisa que se escutava eram os passos leves das enfermeiras e a respiração suave do Soda. Darry baixou os olhos para ele e sorriu, meio sem graça.

— Ele não dormiu muito esta semana — disse, com carinho. — Quase não dormiu.

— Hummmm... — disse Soda, sonolento — nem você.

As enfermeiras não queriam nos dizer nada sobre Johnny e Dally, então Darry parou o médico. O doutor nos disse que só podia dar notícias à família, mas Darry conseguiu botar na cabeça do cara que a gente era tudo o que Dally e Johnny tinham como família.

Dally ia ficar legal dentro de dois ou três dias no hospital, disse ele. Um dos braços estava muito queimado, ia ficar com marcas pelo resto da vida, mas dentro de umas duas semanas Dally já poderia usá-lo normalmente. Dally vai ficar numa boa, pensei. Dallas sempre está numa boa. Aguentava qualquer uma. Era com Johnny que eu estava preocupado.

A situação dele era crítica. Tinha quebrado a coluna quando aquele pedaço de viga caiu em cima dele. Estava em estado de choque, com queimaduras de terceiro grau. Estavam fazendo todo o possível para aliviar as dores — ainda que com a coluna quebrada ele nem sentisse as queimaduras da cintura para baixo. Passava o tempo todo chamando por

Dallas e Ponyboy. Se ele sobrevivesse... Se? Por favor, não, pensei. Por favor, não "se". Senti meu rosto empalidecer; Darry passou um braço pelo meu ombro e apertou forte... Mesmo que sobrevivesse, ficaria aleijado para a vida toda.

— Vocês queriam saber dos fatos; os fatos são esses — disse o médico. — Agora vão para casa descansar.

Eu estava tremendo. Estava sentindo uma dor cada vez mais fodida na garganta e vontade de chorar, mas os *greasers* não choram na frente de estranhos. Alguns de nós nunca choram. Como Dally, Metido e Tim Shepard, que ainda pequenos tinham esquecido como se chora. Johnny, aleijado para o resto da vida? Estou viajando, pensei, em pânico, estou sonhando. Vou acordar na minha casa ou na igreja, tudo vai ser como era antes. Mas não acreditava. Mesmo que Johnny não apagasse, ia ficar aleijado. Nunca mais ia jogar futebol, nunca mais ia nos ajudar numa briga. Teria que ficar naquela casa que detestava, onde não era querido, nunca mais os lances seriam como antes. Eu nem me atrevia a falar. Se tentasse dizer alguma coisa, aquele engasgo em minha garganta aumentaria, e eu ia começar a chorar mesmo sem querer.

Respirei fundo e fiquei na minha. Soda já tinha acordado. Embora seu rosto não esboçasse nada, como se não tivesse ouvido nem uma palavra do que o médico havia dito, seus olhos estavam tristíssimos, cheios de espanto. É raro que a realidade séria consiga entrar na cabeça do Soda, mas, quando entra, é pra foder. A cara dele era bem como eu me senti quando vi aquele *soc* de cabelo preto caído no chão, encolhido e imóvel à luz da lua.

Darry estava esfregando minha nuca de um jeito carinhoso.

— É melhor a gente ir pra casa. Não temos nada a fazer aqui.

O sono me pegou de repente em nosso Ford. Me larguei no assento e fechei os olhos; chegamos em casa sem que eu me desse conta. Soda estava me sacudindo na manha.

— Ei, Ponyboy, se liga. Você ainda tem que andar até em casa.

— Hummmm... — grunhi, sonolento, e deitei. Não teria conseguido levantar nem que fosse para salvar minha vida. Estava ouvindo Soda e Darry, só que pareciam estar muito longe.

— Ah, Ponyboy, qual é... — pedia Soda, me sacudindo um pouco mais

forte. — A gente também está com sono.

Acho que Darry já estava empapuçado de besteira, porque me pegou no colo e me carregou para dentro.

— Ele está ficando grande demais para ser carregado — disse Soda. Eu queria dizer pra ele fechar a boca e me deixar dormir, mas só consegui bocejar.

— Ele emagreceu pacas — disse Darry.

Pensei, sonolento, que devia tirar pelo menos os sapatos, mas não tirei. Caí dormindo no mesmo instante em que Darry me largou na cama. Já tinha esquecido como era macia uma cama.

Fui o primeiro a levantar na manhã seguinte. Soda devia ter tirado meus sapatos e minha camisa; ainda estava com o jeans. Só que ele devia estar com muito sono para tirar a roupa dele mesmo, porque estava espichado a meu lado todo vestido. Me contorci para sair de debaixo do braço dele, depois o cobri com o cobertor e fui tomar um banho. Dormindo, ele parecia muito mais moço que um cara que já vai fazer 17 anos, mas eu tinha notado que Johnny também parecia mais moço quando dormia, por isso achei que isso era normal com todos. Talvez as pessoas sejam mesmo mais moças quando dormem.

Depois do chuveiro, vesti roupas limpas e passei uns cinco minutos vasculhando meu rosto para ver se achava alguma sombra de barba, me lamentando por causa do cabelo. Aquela droga de corte me deixava com orelhas de abano.

Darry ainda estava dormindo quando fui pra cozinha agitar o café da manhã. O primeiro que levanta tem que fazer isso, os outros dois dão um trato na louça. Esse é o jeito lá em casa; em geral quem faz o café da manhã é o Darry, eu e Soda temos que cuidar da louça. Vasculhei a geladeira e achei alguns ovos. Cada um de nós curte ovo de um jeito. Eu gosto de ovo duro, Darry gosta de ovo num sanduba com bacon e tomate, e Sodapop come o dele com geleia de uva. Nós três gostamos de bolo de chocolate no café da manhã. Mamãe nunca tinha deixado a gente rangar bolo com ovos e presunto, mas Darry foi convencido por Soda e por mim. A gente nem teve que insistir muito, porque Darry se amarra tanto quanto nós em bolo de

chocolate. Antes de dormir, Sodapop sempre dá uma olhada se ainda tem bolo na geladeira. Quando não tem, faz um superdepressa. Eu curto mais os bolos do Darry, porque Sodapop sempre põe muito açúcar na cobertura. Não sei como ele aguenta comer geleia, ovos e bolo de chocolate, tudo junto, mas parece que gosta. Darry toma café preto, Sodapop e eu tomamos leite achocolatado. Se a gente quisesse, também podia tomar café, mas preferimos leite achocolatado. Nós três nos amarramos em coisas de chocolate. Soda sempre diz que se algum dia fizerem cigarros de chocolate, manda fazer pra mim.

— Alguém em casa? — gritou uma voz manjada pela porta da frente, e Metido e Steve entraram. A gente sempre mete a cabeça na casa dos outros, grita "oi" e entra. Nunca trancamos nossa porta da frente, para o lance de um dos garotos ser expulso de casa pelos pais e precisar de um lugar para descansar e esfriar a cabeça. A gente nunca sabe quem é que vai encontrar de manhã largado no sofá. Geralmente é Steve, cujo pai uma vez por semana diz pra ele se mandar de casa e nunca mais voltar. Aquilo deixa Steve mordido, embora no dia seguinte o coroa dê uma grana pra ele, pra compensar. Outras vezes é Dally, que se larga em qualquer lugar que dá. Uma vez a gente achou até o Tim Shepard, chefe do bando Shepard, que estava lá, lendo jornal na poltrona, bem longe do seu território. Só levantou os olhos, disse "oba" e caiu fora, sem esperar pelo café da manhã. A mãe do Metido dava um toque pra gente se cuidar com os assaltos, mas Darry, mostrando os músculos, que ficaram parecendo bolas de beisebol tamanho família, disse que não tinha medo de ladrão nenhum e que a gente na verdade não tinha nada que valesse a pena ser afanado. Além disso, preferia arriscar ser roubado, disse ele, se com isso pudesse evitar que algum dos nossos camaradas estourasse ou tomasse um posto de gasolina ou algo assim. Por isso ninguém trancava a porta, lá em casa.

— Aqui! — gritei, sem me tocar que Darry e Sodapop ainda estavam dormindo. — Não bata a porta.

Claro que eles bateram a porta. Depois Metido entrou correndo na cozinha. Me pegou pelos braços e começou a me girar, sem dar a mínima para o fato de que eu estava segurando dois ovos crus.

— Ei, Ponyboy! — gritou ele, na maior. — Há quanto tempo eu não te

cruzava!

Qualquer um pensaria que tinham se passado cinco anos, e não cinco dias desde que a gente se cruzou pela última vez, mas nem me importei. Curto o Metido, ele é um amigo legal de ter. Me jogou girando na direção do Steve, que me deu um tapa de zoeira nas costas machucadas, depois me jogou para o outro lado da sala. Um dos ovos saiu voando. Foi parar no relógio. Aí apertei o outro, que quebrou e escorreu pela minha mão.

— Olha só o que você fez — chiei. — Lá se foi nosso café da manhã. Será que vocês não podiam dar um tempo para eu largar os ovos, antes de começarem a me jogar de um lado para outro? — Eu estava puto pra valer, porque tinha acabado de me ligar que fazia muito tempo que não rangava. A última coisa tinha sido um sundae com cobertura quente de chocolate no Dairy Queen, em Windrixville, e estava com fome.

Metido estava andando ao meu redor na manha, e suspirei porque sabia o que me esperava.

— Cara, como você está careca! — Não parava de olhar para a minha cabeça enquanto me rodeava. — Eu nunca ia botar fé. Pensei que já tinham domesticado todos os índios selvagens de Oklahoma. Quem foi a indiazinha que te tomou aquela cabeleira chocante, Ponyboy?

— Não enche — eu disse. Para começar, não estava me sentindo muito bem, como a gente fica quando alguma doença está pra pintar.

Metido piscou para Steve, que disse:

— Ora, ele tem que cortar o cabelo para tirar foto pro jornal. Ninguém ia acreditar que um pivete com pinta de *greaser* pode ser herói. Como é que você se sente agora que é herói, cara?

— Como eu me sinto o quê?

— Como herói. Você sabe — me deu o jornal, meio nervoso —, quase um figurão.

Fiquei olhando para o jornal. Na primeira página do segundo caderno, li a manchete: DELINQUENTES JUVENIS VIRAM HERÓIS.

— O lance de que eu mais gosto é aquele do "viram" — disse Metido, limpando o ovo do chão. — Todos vocês são heróis desde que nasceram. Não "viraram" de repente.

Eu mal ouvia o que ele dizia. Estava lendo o jornal. A página estava

lotada de matérias sobre nós: a briga, o assassinato, o incêndio da igreja, os *socs* estarem de porre, tudo. Minha foto estava lá, junto a Darry e Sodapop. A reportagem dizia que Johnny e eu tínhamos arriscado a vida para salvar as crianças; havia um comentário de um dos pais, dizendo que todas as crianças teriam morrido queimadas se não fôssemos nós. Contava todo o lance da luta com os *socs* — só que não falavam nada desse papo de *socs*, porque a maioria dos adultos não sabe nada sobre as nossas guerras. Tinham entrevistado Cherry Valance, que disse que Bob estava de porre e que os caras dele já procuravam briga quando a levamos para casa. Bob falou pra ela que ia dar um jeito na gente porque tínhamos dado em cima da garota dele. O chapa dele, Randy Adderson, que tinha ajudado no ataque, também dizia que a culpa era deles, que a gente tinha só se defendido. Mas Johnny estava sendo processado por homicídio. Aí descobri que eu tinha que me apresentar no Juizado de Menores por ter fugido; Johnny também, se ficasse bom. (Se não, pensei de novo. Por que não param de dizer "se"?) Por uma vez na vida, não tinha nenhuma acusação contra Dally; eu sabia que ele ia ficar puto porque o jornal falava dele como herói, por ter salvado Johnny, e não dizia quase nada sobre sua ficha policial, de que tinha muito orgulho. Se pegasse aqueles repórteres, os mataria. Tinha uma outra coluna sobre Darry, Soda e eu: que Darry tinha dois trampos ao mesmo tempo e que era bom nos dois, e também falava do seu excelente desempenho na escola; mencionava o lance do Sodapop ter deixado a escola para que pudéssemos ficar juntos e que eu estava sempre entre os melhores na escola, e que talvez fosse um futuro grande corredor. (Ah, é mesmo, esqueci de contar que estou no primeiro escalão de corredores, o mais jovem. Sou bom na corrida.) Aí, dizia que a gente não devia ser separado, depois de tudo o que tínhamos feito, com tanto esforço, pra ficar juntos.

O significado daquela última linha acabou entrando na minha cabeça.

— Quer dizer... — engoli em seco — que eles estão pensando em colocar Soda e eu em uma instituição para garotos, ou algo assim?

Steve estava penteando cuidadosamente o cabelo, formando ondas complicadas.

— É, mais ou menos.

Sentei, totalmente tonto. Não podiam nos separar agora. Não depois que

eu e Darry tínhamos, finalmente, conseguido chegar perto um do outro, agora que ia haver a grande batalha e que a gente ia dar um jeito de uma vez por todas naquele lance de *greaser-soc*. Não agora, quando Johnny precisava de nós e Dally ainda estava no hospital, não ia poder participar da batalha.

— Não — eu disse alto, e Metido, que estava limpando o ovo do relógio, virou e ficou me olhando.

— Não o quê?

— Não, eles não vão nos botar em nenhuma instituição.

— Nem se ligue nisso — disse Steve, superconfiante de que ele e Sodapop resolveriam qualquer lance.

— Não fazem esse tipo de coisa com herói. Onde estão Soda e o Super-Homem?

Não precisou continuar, porque Darry, vestido e barbeado, apareceu atrás do Steve, levantou-o do chão, depois o largou. Chamamos Darry de"Super-Homem" ou "Músculos" de vez em quando; mas uma vez Steve cometeu o erro de chamá-lo de "puro músculo e nenhum cérebro": Darry quase esmigalhou o queixo de Steve, que nunca mais o chamou assim. Darry nunca o perdoou. Darry nunca se conformara de verdade com o fato de não ir mais à escola. Aquela foi a única vez que vi Soda puto com Steve, embora Soda não ligue a mínima para o estudo. Ele se entediava na escola. Não havia nada pra fazer.

Soda entrou correndo.

— Onde está a camisa azul que eu lavei ontem? — Tomou uns goles de leite achocolatado da caixa.

— Sinto muito informá-lo, companheiro — disse Steve, ainda caído no chão —, mas é preciso trampar de roupa. Tem uma lei, ou algo assim.

— Ah, é? — disse o Soda. — Cadê aquele jeans bege?

— Passei. Está no meu armário — disse Darry. — Rapidinho, você vai se atrasar.

Soda correu de novo para o quarto, murmurando:

— Estou andando depressa, estou andando depressa.

Steve foi atrás dele; um segundo depois houve uma guerra de travesseiros. Olhei distraído para o Darry, que estava procurando bolo de

chocolate na geladeira.

— Darry — eu disse, de repente —, você está ligado nesse lance de Juizado de Menores?

Sem se virar para olhar pra mim ou alterar a voz, ele me disse:

— Sabia. Os ratos me disseram ontem à noite.

Me liguei que ele sabia que a gente podia ser separado. Não estava a fim de deixá-lo ainda mais preocupado, mas disse:

— Esta noite tive um daqueles sonhos. Aquele que eu nunca consigo lembrar.

Darry girou o corpo para poder me olhar, com o rosto alterado por um medo autêntico.

— Quê?

Tive um pesadelo na noite em que mamãe e papai foram enterrados. Quando era pequeno, de vez em quando tinha pesadelos e sonhos ruins, mas nada igual àquele. Acordei gritando desesperado. Mas nunca consegui lembrar o que tinha me assustado daquele jeito. Sodapop e Darry ficaram quase tão apavorados quanto eu; porque noite após noite, durante semanas sem fim, eu sonhava aquele sonho e acordava molhado de suor frio ou então gritando. Mas nunca pude lembrar direito o que tinha rolado no sonho. Soda começou a dormir comigo, aí os sonhos ficaram menos frequentes, mas mesmo assim aquilo pintava vezes suficientes para que Darry me levasse a um médico. O doutor disse que eu tinha muita imaginação. A cura era muito simples, também: era só estudar mais, ler mais, desenhar mais e bater mais bola. Depois de um bom bate-bola e de quatro ou cinco horas de leitura, eu estava tão exausto, mental e fisicamente, que não sonhava nada. Mas Darry nunca se recuperou; de vez em quando me perguntava se tinha sonhado de novo.

— Foi muito ruim? — perguntou Metido. Sabia da história toda e, como nunca sonhava com nada além de louras, ficou instigado.

— Não — menti. Eu tinha acordado coberto de suor frio, com arrepios, mas Soda estava inteiramente apagado. Eu tinha me encostado bem nele, depois fiquei umas duas horas sem conseguir dormir, debaixo do braço dele. Aquele sonho sempre me deixava louco de pavor.

Darry começou a dizer alguma coisa, mas, antes que pudesse falar, Sodapop e Steve entraram.

— Vocês querem saber de uma coisa? — disse Sodapop. — Quando a gente tiver acabado com a raça dos *socs*, eu e Steve vamos fazer uma festança e todo mundo vai poder encher a cara. Depois a gente vai rachar com os *socs* até o México.

— De onde é que você vai tirar a grana, carinha? — Darry tinha encontrado o bolo e estava distribuindo fatias pra todo mundo.

— Eu acho um jeito — afirmou Sodapop entre duas dentadas.

— Você vai levar Sandy a essa festa? — perguntei, só para dizer alguma coisa. O silêncio foi instantâneo. Olhei ao redor. — Qual é o grilo?

Sodapop estava olhando para os pés, mas suas orelhas estavam ficando vermelhas. — Não. Ela foi morar com a avó, na Flórida.

— Como?

— Olha — disse Steve, e não entendi por que ele estava tão irritado —, será que ele tem que te explicar tudo? Era isso ou casar; os pais dela quase tiveram um treco com a ideia de casar a filha com um cara de 16 anos.

— Dezessete — disse Soda, suavemente. — Faço dezessete dentro de duas semanas.

— Putz — eu disse, sem graça. Soda não era nenhum inocente. Eu já tinha visto ele discutindo nas rodas, era tão atrevido quanto os outros. Mas quando se tratava da Sandy, não. Nunca contava vantagem quando falava da Sandy. Lembrei como os olhos azuis dela brilhavam quando olhava para ele; fiquei com pena dela.

Todos ficaram em silêncio. Aí Darry disse:

— É bom a gente se mandar, Pepsi-Cola. — Era raro Darry chamar Soda pelo apelido que papai tinha posto nele, mas fez isso naquela hora porque sabia como Sodapop estava mal com aquele lance da Sandy.

— Não estou gostando nada de deixar você aqui sozinho, Ponyboy — disse Darry, devagar. — Acho que é melhor eu não ir trampar hoje.

— Já fiquei sozinho muitas vezes. Você não pode matar um dia.

— É, mas você acabou de voltar; eu estou a fim de ficar com você...

— Eu dou uma de babá — disse Metido, caindo fora quando parti pra cima dele. — Não tenho nada melhor para fazer.

— Por que você não agita um trampo? — disse Steve. — Alguma vez você já pensou em trampar para ganhar a vida?

— Trampar? — Metido estava horrorizado. — E estragar minha reputação? Se eu soubesse de uma boa creche aberta aos sábados, não ia ficar aqui cuidando do garoto.

Puxei a cadeira dele para trás e pulei em cima dele, mas um segundo depois eu estava no chão. Estava meio sem fôlego. Vou ter que parar de fumar, senão no ano que vem não faturo aquela corrida.

— Pede arrego.

— Não — eu disse, me debatendo, mas estava com menos força que normalmente.

Darry o puxou pela jaqueta.

— Vocês dois lavam a louça. Se estiverem a fim, podem ir ao cinema antes de ir ver Dally e Johnny. — Deu um tempo, olhando Metido me esganar. — Metido, larga. Ele não está com aspecto muito bom. Ponyboy, tome umas aspirinas e descanse. Se você fumar mais que um maço hoje, te arranco o couro. Sacou?

— Só — disse, levantando. — E se você carregar mais que uma carga de telhas por vez hoje, eu e Soda arrancamos seu couro. Sacou?

Ele deu uma das raras risadas dele:

— Saquei. Até a tarde pra todos.

— Até — eu disse. Ouvi o vrrrruuuuum do nosso Ford e pensei: é o Soda que está dirigindo. Então eles saíram fora.

— ...bom, eu estava andando pelo centro e peguei um atalho pelo meio de umas árvores — era o Metido, me contando uma das muitas aventuras dele enquanto a gente lavava a louça. Quer dizer, enquanto eu lavava os pratos. Ele estava encostado no armário, afiando aquele canivete de mola de cabo preto que era o orgulho dele — ...aí cruzei três caras. Digo "oba", e eles olham uns para os outros. Aí um disse: "A gente podia te tomar, mas você parece tão duro quanto nós; acho que não tem nada que valha a pena roubar". Eu disse: "Meu amigo, essa é a real" e segui meu caminho. Moral da história: qual é o lance mais seguro pra você ser quando encontra um bando de marginais no meio do mato?

— Campeão de judô? — sugeri.

— Que nada, outro marginal! — Metido rachou o bico, quase caiu do armário de tanto rir. Tive que rir também. Ele via as coisas de frente e fazia tudo ficar engraçado.

— Vamos fazer uma limpeza na casa — eu disse. — Os repórteres, os ratos ou alguém pode pintar. Além do mais, já está na época daqueles caras do governo passarem por aqui para fazer o controle.

— Esta casa não está desarrumada. Você precisava ver a minha.

— Já vi. Se você tivesse um pouco de cabeça, tentava dar uma força lá na sua casa, em vez de ficar zoando.

— Merda, cara, se algum dia eu fizer isso, minha mãe morre do coração.

Eu curtia a mãe do Metido. Era bem-humorada e sem grilos, como ele. Não era preguiçosa como ele, mas perdoava qualquer lance que ele aprontasse — mesmo se apagasse alguém. Mas, não sei, não dá pra ficar puto com ele.

Quando acabamos, enfiei a jaqueta marrom de couro do Dally — as costas estavam totalmente queimadas — e saímos em direção à Tenth Street.

— A gente podia ir na minha máquina — disse Metido, enquanto subíamos a rua pedindo carona —, mas está sem freios. Quase mata Kathy e eu uma noite dessas. — Levantou a gola da jaqueta preta de couro para servir de quebra-vento para acender um cigarro. — Você precisava ver o irmão da Kathy. Aquilo é que é malandro. Ele é tão oleoso que escorrega quando anda. Vai ao barbeiro pra trocar o óleo, não pra cortar o cabelo.

Eu teria rido, mas estava com uma dor de cabeça pavorosa. Paramos no Tasty Freeze para comprar Coca-Cola e ficar de bobeira, aí o Mustang azul que vinha nos seguindo por oito quarteirões estacionou junto à calçada. Quase resolvo correr. Metido deve ter adivinhado, porque fez um sinal com a cabeça e me jogou um cigarro. Eu estava acendendo o cigarro quando os *socs* que tinham atacado Johnny e eu no parque saíram do Mustang. Reconheci Randy Adderson, namorado da Marcia, e o cara alto que quase me afogou. Tinha ódio deles. Por culpa deles Bob estava morto; por culpa deles Johnny estava morrendo; por culpa deles eu e Soda poderíamos ir parar numa instituição de menores. Meu ódio por eles era amargo e cheio de desprezo, como o ódio de Dally Winston.

Metido apoiou um cotovelo no meu ombro e se inclinou ao meu encontro, dando baforadas.

— Vocês sacam as regras. Nada de briguinha antes da batalha — disse aos *socs*.

— Sabemos — disse Randy. Olhou para mim.

— Vem cá. Quero falar com você.

Olhei para o Metido. Ele deu de ombros. Segui Randy até o carro, onde os outros não poderiam ouvir o que dizíamos. Ficamos sentados em silêncio por um tempo. Caramba, eu nunca tinha entrado num carro tão chocante.

— Li sobre você no jornal — disse Randy, afinal. — Como é possível?

— Sei lá. Vai ver eu estava a fim de bancar o herói.

— Eu não teria feito nada daquilo. Teria deixado aquelas crianças queimar até morrer.

— Vai ver você não deixaria. Vai ver você faria o mesmo.

Randy puxou um cigarro e apertou o acendedor do carro.

— Sei lá. Já não sei de mais nada. Eu nunca teria acreditado que um *greaser* fosse capaz de fazer uma coisa dessas.

— Não tem nada a ver esse negócio de *greaser*. Meu chapa ali na calçada não teria feito. Talvez você tivesse feito a mesma coisa, talvez um de seus camaradas, não. O que conta é a pessoa.

— Não vou aparecer na batalha hoje à noite — disse Randy, devagar.

Olhei bem pra ele. Devia ter uns 17 anos, mas já estava velho. Como Dallas. Cherry tinha dito que os amigos dela eram muito frios para conseguir sentir alguma coisa, mas se lembrava de que antes costumava olhar o pôr do sol. A ideia era que Randy devia ser frio demais para sentir alguma coisa, mas havia sofrimento nos seus olhos.

— Estou farto disso tudo. Farto e cansado. Bob era um cara legal. Era o melhor camarada que um cara podia ter. Quer dizer, ele lutava bem, era chocante, tudo isso, mas era uma pessoa real, também. Saca?

Fiz que sim.

— Agora está morto. A mãe dele teve uma crise de nervos. Ele era supermimado. Quer dizer, a maioria dos pais teria orgulho de um filho daqueles — bonitão, inteligente, tudo —, mas eles cediam para ele o tempo todo. Bob ficava tentando fazer alguém dizer "não" pra ele, mas ninguém

dizia. Ninguém dizia. Era isso que ele queria. Que alguém dissesse "não". Que alguém definisse as regras, colocasse limites, desse a ele algo de sólido em que se apoiar. É isso que todos nós queremos, na verdade. Uma vez... — Randy esboçou um sorriso, mas dava para ver que estava quase chorando — uma vez ele voltou pra casa mais de porre que nunca. Achava que, com toda a certeza, ia haver o maior rolo. Sabe o que eles fizeram? Acharam que tinham feito alguma coisa. Acharam que era culpa deles, que não tinham dado apoio a ele, que por isso estava fazendo aquilo, ou algo assim. Ficaram com a culpa toda e não fizeram nada com ele. Se o coroa dele tivesse lhe dado umas cintadas — só uma vez —, ele ainda poderia estar vivo. Não sei por que estou contando tudo isso a você. Não posso contar pra mais ninguém. Meus amigos iam pensar que estou pirando ou que sou veado. Vai ver que estou. Só sei que estou enjoado de toda essa confusão. Aquele cara, o seu chapa, o que se queimou, ele pode morrer?

— Pode — eu disse, tentando não pensar no Johnny.

— E hoje à noite... as pessoas se machucam nessas batalhas, podem até morrer. Estou farto disso tudo, porque não adianta nada. Vocês não podem ganhar, você sabe disso, não sabe? — Como eu não falei nada, ele continuou: — Vocês não podem ganhar, nem que nos deixem moídos. Vão continuar no mesmo lugar em que estavam antes: por baixo. Nós vamos continuar sendo os caras de sorte, os que mandam. Por isso é que não adianta nada lutar nem matar. Não prova coisa alguma. Se vocês ganharem ou se perderem, do mesmo jeito a gente esquece. Os *greasers* vão continuar *greasers*, e os *socs* vão continuar *socs*. Às vezes penso que os caras do meio é que têm sorte... — Respirou fundo. — Por isso, se eu achasse que adiantaria alguma coisa, eu lutaria. Acho que vou sair da cidade. Vou pegar meu Mustang e toda a grana que conseguir arranjar e me mandar daqui.

— Fugir não resolve.

— Que merda, eu sei — Randy falou, num soluço —, mas o que é que posso fazer? Se eu não pintar na batalha, vão dizer que sou cagão, mas, se eu for, vou me sentir um merda. Não sei o que fazer.

— Se pudesse, te ajudava — eu disse. Lembrei da voz da Cherry: "As coisas são difíceis pra todo mundo". Agora eu sacava o que ela queria dizer.

Ele olhou pra mim.

— Não, você não me ajudaria. Sou um *soc*. Se você tem um pouco de grana, todo mundo te odeia.

— Não — eu disse —, você é que odeia todo mundo.

Ele só olhou para mim; pelo jeito como olhou, podia ser dez anos mais velho que eu. Saí do carro.

— Se você estivesse lá, teria salvado a vida daquelas crianças — eu disse. — Teria feito o mesmo que nós.

— Obrigado, *greaser* — disse ele, tentando sorrir. Então parou. — Foi sem querer. Eu queria dizer obrigado, cara.

— Meu nome é Ponyboy — eu disse. — Legal trocar ideia com você, Randy.

Saí em direção ao Metido, e Randy buzinou para os amigos entrarem no carro.

— O que que ele queria? — perguntou Metido. — Que é que o senhor *Supersoc* queria com você?

— Ele não é *soc* — eu disse —, é só um cara. Só queria trocar uma ideia.

— Você quer ir ao cinema antes de ir ver Johnny e Dallas?

— Não — eu disse, acendendo outro cigarro. Ainda estava com dor de cabeça, mas me sentia melhor. Afinal de contas, os *socs* não passavam de caras. As coisas eram difíceis pra todo mundo, mas era melhor assim. Assim dava pra você saber que o outro cara também era humano.

8

As enfermeiras não queriam deixar ver Johnny. Estava muito mal. Não eram permitidas visitas. Mas Metido não engolia um "não". Quem estava lá dentro era o chapa dele e ele tinha a intenção de vê-lo. Nós dois pedimos e imploramos, mas não adiantava nada, até que o médico descobriu o que estava acontecendo.

— Deixe entrarem — disse à enfermeira. — Ele tem perguntado por eles. Agora já não faz mal.

Metido não reparou no tom da voz dele. É verdade, pensei, com a mente meio anestesiada. Ele está morrendo. Entramos praticamente na ponta dos pés, porque aquele silêncio do hospital nos assustava. Johnny estava deitado imóvel, de olhos fechados, mas quando Metido disse "Oi, Johnny", ele abriu os olhos e olhou pra nós, tentando sorrir.

— Oi, pessoal.

A enfermeira, que estava abrindo as persianas, sorriu e disse:

— Ah, então ele sabe falar!

Metido olhou ao redor.

— Estão te tratando direito, cara?

— Não... — falou Johnny, com dificuldade — não me deixam botar gel direito no cabelo.

— Não fale — disse Metido, puxando uma cadeira —, só escute. Da próxima vez que viermos, vamos trazer um pouco de gel para você. Hoje à noite é a grande batalha.

Os olhos grandes de Johnny aumentaram um pouco, mas não disse nada.

— Pena que você e Dally não vão estar com a gente. É a nossa primeira batalha, sem contar aquela vez que pegamos a turma do Shepard.

— Ele passou por aqui — disse Johnny.

— Quem, Tim Shepard?

Johnny fez que sim.

— Veio ver Dally.

Tim e Dally sempre tinham sido chapas.

— Você sabia que seu nome saiu no jornal, como herói?

Johnny quase riu, balançando a cabeça.

— Chocante — conseguiu articular, e, pelo brilho nos seus olhos, pensei que não ficava devendo nada aos senhores sulistas.

Dava pra sacar que até mesmo umas poucas palavras o deixavam cansado. Estava da cor do travesseiro, o aspecto era péssimo. Metido fingiu não notar.

— Você está precisando de alguma outra coisa, fora gel, cara?

Johnny balançou de leve a cabeça.

— O livro — olhou para mim —, você me consegue outro?

Metido também olhou para mim. Eu não tinha contado nada a ele sobre *...E o vento levou*.

— Ele está a fim de um exemplar de *...E o vento levou* para eu ler pra ele — expliquei. — Você não quer dar um pulo até a livraria e comprar um?

— Tá limpo — disse Metido, animado. — Não vão fugir!

Sentei na cadeira do Metido e tentei imaginar alguma coisa para dizer.

— Dally vai ficar bom — acabei dizendo. — E Darry e eu, agora a gente está numa boa.

Eu sabia que Johnny tinha sacado o que eu estava querendo dizer. Sempre tínhamos sido muito camaradas, e aqueles dias isolados lá na igreja tinham nos ligado mais ainda. Tentou sorrir de novo, mas de repente ficou branco e fechou os olhos bem apertados.

— Johnny! — falei, assustado. — Você está bem?

Fez que sim, de olhos fechados.

— Estou, só que às vezes dói. Em geral não... Não sinto nada abaixo do meio das costas... — Ficou quieto algum tempo, respirando aos arrancos. — Estou muito mal, não é, Pony?

— Você vai ficar bom — eu disse, com falso entusiasmo. — Você tem que ficar bom. Como é que a gente vai levar sem você?

A verdade daquela última afirmação me ganhou. Não dava pra levar sem ele. Precisávamos de Johnny tanto quanto ele precisava do pessoal da roda. Pelo mesmo motivo.

— Nunca mais vou poder andar — começou Johnny, e então sua voz vacilou. — Nem com muletas. Quebrei a coluna.

— Você vai ficar bom — repeti com firmeza. Não me venha com choradeira, ordenei a mim mesmo, não comece a chorar, que você assusta o Johnny.

— Quer saber de uma coisa, Ponyboy? Estou morto de medo. Eu vivia falando em me apagar... — Deu um suspiro tremido. — Não quero morrer agora. É muito pouco tempo. Dezesseis anos não basta. Eu não ia ligar tanto se não tivesse tanto lance que ainda não fiz e tantos outros que não vi. Não é justo. Sabe de uma coisa? Aquela vez que fomos para Windrixville...

— Você não vai morrer — eu disse, tentando controlar a voz. — E não esquenta, porque, se ficar agitado, o médico não vai mais deixar a gente visitar você.

Dezesseis anos na rua dá para se ligar em um monte de coisas. Mas só lance errado, não os que você está a fim de aprender.

Johnny fechou os olhos e ficou sem se mexer durante um minuto. Anos e anos de vida no lado Leste ensinam você a esconder suas emoções. Se não fizer isso, explode. Aprende a ficar frio.

Apareceu uma enfermeira na porta.

— Johnny — disse ela suavemente —, sua mãe está aqui para vê-lo.

Johnny abriu os olhos. De cara, eles se arregalaram, depois se cobriram de sombras.

— Não quero ver minha mãe — disse sem vacilar.

— Mas é sua mãe.

— Já disse que não estou a fim de que ela entre aqui. — Sua voz estava ficando aguda. — Decerto ela vem falar do desgosto que estou dando e de como ela e o velho vão ficar felizes quando eu morrer. Diz para ela me deixar em paz. Uma vez que seja — a voz dele falhou —, uma vez que seja, que me deixe em paz.

— Estava fazendo força para sentar, mas de repente ficou sem ar, ficou mais branco que o travesseiro e caiu desmaiado.

A enfermeira me botou pra fora na mesma hora.

— É isso que eu estava com medo que acontecesse se ele recebesse visitas.

Cruzei o Metido, que ia entrando.

— Você não pode entrar agora — disse a enfermeira, e então o Metido entregou o livro a ela. — Ponha num lugar em que ele veja, quando acordar. — Ela pegou o livro e fechou a porta atrás dela. Metido deu um tempo olhando para aquela porta.

— Eu queria que fosse qualquer outro de nós, não o Johnny — ele disse, e por uma vez na vida sua voz estava séria. — Dá pra gente levar sem qualquer um, mas não sem o Johnny. — Virou de repente, dizendo: — Vamos ver o Dallas.

Quando a gente ia passando pela sala de espera, vimos a mãe do Johnny. Era uma mulher baixinha, de cabelo preto liso e grandes olhos negros, como os de Johnny. Mas era só o que tinham de parecido. Os olhos de Johnnycake eram temerosos e sensíveis; os dela, vulgares e duros. Quando a gente a cruzou, estava dizendo:

— Mas eu tenho direito de vê-lo. Ele é meu filho! Depois de todo o trabalho que eu e o pai dele tivemos para criá-lo, essa é a nossa recompensa! Ele prefere ver esses vagabundos imprestáveis que a própria família... — Aí nos viu e nos lançou um olhar de tanto ódio que quase voltei por onde tinha vindo. — A culpa foi de vocês. Sempre vagabundeando pelo meio da noite, sendo presos, e só Deus sabe quantas coisas mais... — Pensei que ia começar a nos ofender. Pensei mesmo.

Os olhos do Metido se apertaram, fiquei com medo de que ele arrumasse algum atrito. Não curto ver mulher sendo insultada, nem quando merece.

— Não me surpreende que ele deteste sua cara — falou Metido. Ele ia partir pra cima dela pra valer, mas o arrastei para longe dali. Estava me sentindo enjoado. Muito normal que Johnny não estivesse a fim de vê-la. Muito normal que ficasse dormindo na casa do Metido, ou na nossa, e que, quando o tempo estava bom, dormisse no terreno baldio. Lembrei da minha mãe... linda e dourada, como Soda, e sábia e decidida, como Darry.

— Puta que pariu! — Metido não estava conseguindo falar, nunca o vi tão perto de chorar como naquela vez. — Ele tem que viver com isso!

Andamos rapidinho até o elevador, para ir até o andar de cima. Fiquei torcendo para a enfermeira ter cabeça e não deixar a mãe do Johnny entrar no quarto. Ele morreria.

Quando a gente entrou, Dally estava batendo boca com uma enfermeira. Riu pra nós.

— Bicho, que alegria ver vocês! Esse... esse pessoal do hospital não me deixa fumar, quero sair daqui!

Sentamos, rindo um para o outro. Dally estava como sempre, intratável e implicante. Estava joia.

— Shepard passou aqui para me ver ainda há pouco.

— É, Johnny me contou. O que ele queria?

— Disse que viu meu retrato no jornal e que não podia acreditar quando viu que não estava escrito embaixo "Procurado vivo ou morto". Veio principalmente para me encher o saco com o lance da batalha. Cara, como eu queria estar nessa!

Fazia só uma semana que Tim Shepard tinha rachado três costelas do Dally. Mas Dally e Tim Shepard sempre tinham sido camaradas; brigar não fazia diferença, eram da mesma laia, e sabiam.

Dally estava rindo para mim.

— Moleque, você me gelou no outro dia. Pensei que tinha te matado.

— Eu? — disse, intrigado. — Por quê?

— Quando pulou para fora da igreja. Eu queria te dar uma porrada com força suficiente pra te derrubar e apagar o fogo, mas, quando te vi caindo feito chumbo, achei que tinha mirado muito alto e que tinha te quebrado o pescoço. — Ficou pensando durante um tempo. — Que bom que não quebrei.

— Sei... — disse, rindo. Eu nunca gostei do Dally, mas ali, pela primeira vez, senti que era meu camarada. Só porque ele estava feliz de não ter me matado.

Dally olhou pela janela. — Hummm... — seu tom era despreocupado — como está o garoto?

— Acabamos de sair do quarto dele — disse Metido. Me toquei de que ele estava na dúvida se diria a verdade pro Dally ou não. — Não entendo desses lances, mas... bom, achei que ele estava mal. Antes de sairmos do quarto, desmaiou.

O maxilar de Dally ficou trincado, enquanto ele mastigava uns palavrões entre os dentes cerrados.

— Metido, você ainda tem aquele canivete de mola todo transado?

— Tenho.

— Dá aqui.

Metido enfiou a mão no bolso de trás para pegar a glória da vida dele. Era um canivete de mola de cabo negro de 25 centímetros, que se abria com um mero sopro. Era a recompensa por duas horas de perambulação em torno de uma loja de ferragens para distrair a atenção do dono. Mantinha aquele canivete afiado como uma gilete. Que eu soubesse, nunca tinha atacado ninguém com ele; usava seu canivete comum quando precisava de uma arma. Mas aquilo era o tesouro dele, seu orgulho e sua alegria. Cada vez que cruzava um malandro desconhecido, tirava o canivete do bolso e se exibia com ele. Dally sabia quanto ele significava para Metido, e, se estava precisando tanto de uma arma para chegar ao ponto de pedir aquela, bom, então era porque precisava mesmo. Não tinha mais nada para se dizer. Metido entregou a faca ao Dally sem vacilar.

— Vamos ganhar a batalha hoje à noite — disse Dally. Sua voz estava dura. — Temos que acertar as contas com os *socs*. Pelo Johnny.

Pôs o canivete embaixo do travesseiro e deitou, olhando o teto. Saímos. A gente não ia se meter a falar com Dally quando os olhos dele estavam falseando daquele jeito, e naquele astral.

Resolvemos tomar um ônibus para casa. Eu não estava me sentindo legal para ir andando ou tentar descolar uma carona. Metido me deixou sentado no banco do ponto enquanto foi até um posto de gasolina comprar cigarros. Eu estava com um pouco de vontade de vomitar, meio tonto. Estava quase dormindo, quando senti uma mão na minha testa. Quase dei um pulo. Metido estava me olhando com ar preocupado.

— Como é que você está se sentindo? Você está quente pra diabo.

— Estou legal — eu disse, e, quando ele me olhou com cara de quem não estava botando fé, fiquei meio apavorado. — Não diga para o Darry, falou? Pô, Metido, não vem com sujeira. Hoje à noite já vou estar legal. Vou tomar um monte de aspirinas.

— Falou — disse Metido, sem estar muito convencido. — Mas Darry me mata se você estiver doente mesmo e for lutar assim.

— Estou bem — eu disse, meio puto. — E se você não abrir o bico, Darry

nem vai se ligar.

— Sabe de um negócio? — disse Metido, enquanto íamos de ônibus para casa. — Qualquer um pensaria que você pode aprontar de tudo, porque mora com seu irmão mais velho e tudo, mas Darry é mais severo que os seus velhos eram, não é mesmo?

— É — eu disse —, mas eles já tinham criado dois filhos antes de mim. Darry, não.

— Sabe, Darry só não é *soc* por nossa causa.

— Eu sei — eu disse. Fazia muito tempo que eu sabia isso. Mesmo sem ter muita grana, a única razão pela qual Darry não podia ser *soc* era a gente. A roda. Não sei como eu sabia, mas sabia. E ficava com um pouco de pena.

Fiquei na minha quase todo o caminho para casa. Estava pensando na batalha. Sentia um lance esquisito no estômago, mas não porque estivesse doente. Estava sentindo o mesmo tipo de fragilidade que havia sentido na noite em que Darry gritou comigo porque dormi no terreno baldio. Sentia o mesmo medo mortal e que ia acontecer algum lance que nenhum de nós podia impedir. Quando descemos do ônibus, acabei dizendo:

— Hoje à noite... Não estou gostando nem um pouco.

Metido fingiu não entender.

— Nunca vi você se mijar pra briga antes. Nem mesmo quando você era pequeno.

Eu sabia que ele estava querendo me emputecer, mas mesmo assim mordi a isca.

— Não sou cuzão, Metido Mathews, você sabe muito bem — disse, mordido. — Por acaso não sou um Curtis, como Soda e Darry? — Isso era uma coisa que Metido não podia negar, por isso continuei: — O que estou falando é que estou com uma sensação péssima de que vai rolar algum lance.

— Algum lance vai rolar. Vamos acabar com a raça dos *socs*, é isso que vai rolar.

Metido sabia do que eu estava falando, mas fingia que não. Acho que ele tinha a impressão de que se você diz que alguma coisa está legal, ela imediatamente fica, não interessa o quê. Foi assim a vida toda, não tenho a menor esperança de que mude. Sodapop teria entendido, a gente tentaria

pensar juntos, mas o Metido não é o Soda. Nem de longe.

Cherry Valance estava sentada em seu Corvette junto ao terreno baldio quando chegamos. O cabelo comprido estava preso; à luz do dia ela era ainda mais bonita. Aquele carro dela era chocante. Vermelho vivo. Massa.

— Oi, Ponyboy — disse ela. — Oi, Metido. — Metido parou. Pelo visto, Cherry já tinha pintado lá durante a semana que eu e Johnny passamos em Windrixville.

— O que é que os Classe A estão aprontando?

Ela apertou os cordéis da jaqueta de esqui.

— Estão na de vocês. Nada de armas, negócio limpo. De acordo com as regras de vocês.

— Tem certeza?

Ela balançou a cabeça.

— Randy me contou. Ele sabe.

Metido virou e foi andando em direção de casa.

— Obrigado, Cherry.

— Ponyboy, fique mais um pouco — disse Cherry. Parei e fui andando até seu carro. — Randy não vai pintar hoje à noite.

— É — eu disse —, já sei.

— Não é medo. É que ele está cansado de brigas. Bob...

Engoliu, depois continuou, com voz macia:

— Bob era o melhor amigo dele. Desde o começo do ginásio.

Pensei em Soda e Steve. O que ia acontecer se um dos dois visse o outro sendo apagado? Por acaso eles iam parar de brigar por causa disso? Não, pensei, talvez Soda parasse, mas não Steve. Ele ia continuar odiando e brigando. Talvez fosse isso que Bob faria se tivesse sido Randy, e não ele.

— Como está Johnny?

— Não está muito bem — eu disse. — Você vai lá visitá-lo?

Ela fez que não.

— Não. Não ia conseguir.

— Por quê? — perguntei. Era o mínimo que ela podia fazer. O namorado dela tinha provocado tudo aquilo... aí parei. O namorado dela...

— Eu não ia conseguir — disse ela, numa voz suave, desesperada. — Ele matou Bob. Bob pode ter provocado. Sei que ele provocou. Mas eu nunca

poderia olhar para a pessoa que o matou. Você só conheceu o lado ruim dele. Era capaz de ser um amor, às vezes, simpático. Mas quando bebia... foi essa parte dele que bateu no Johnny. Quando você me contou a história, logo vi que tinha sido Bob. Ele tinha tanto orgulho daqueles anéis. Por que é que vendem bebidas alcoólicas a garotos? Por quê? Sei que existe uma lei que proíbe, mas os garotos dão um jeito. Não posso ir visitar Johnny. Sei que sou muito nova para me apaixonar e tudo isso, mas com Bob era um lance especial. Ele não era um cara comum. Ele tinha uma coisa que fazia as pessoas o seguir, alguma coisa que o tornava diferente, talvez fosse um pouco melhor que as pessoas em geral. Você entende?

Entendia. Cherry via o mesmo lance em Dallas. Era por isso que tinha medo de cruzá-lo, medo de amá-lo. Eu sabia do que estava falando, sabia mesmo. Mas ela também estava dizendo que não ia visitar Johnny porque ele tinha apagado Bob.

— Tá limpo — eu disse, numa voz áspera. Não era culpa do Johnny que Bob ficasse enchendo a cara nem que Cherry tivesse uma queda por caras que se metem em encrenca. — Eu não ia querer que você fosse visitar Johnny. É uma traidora do seu pessoal e não é leal a nós. Você acha que ficar espionando para nós resolve o lance de estar aí sentada num Corvette enquanto meu irmão é obrigado a deixar a escola para trampar? Não fique com pena de nós nem tente dar esmolas, para depois se sentir superior e poderosa por causa disso.

Comecei a me virar pra cair fora, mas alguma coisa na expressão da Cherry me impediu. Fiquei envergonhado — não suporto ver garota chorar. Ela não estava chorando, mas quase.

— Não estava tentando ser caridosa com vocês, Ponyboy. Eu só queria ajudar. Gostei de você desde o começo... do jeito como falava. Você é um cara legal, Ponyboy. Percebe como é raro encontrar um cara legal hoje em dia? Você não tentaria me ajudar, se pudesse?

Ia. Eu ajudaria Cherry e Randy, se pudesse.

— Ei — eu disse de repente —, do lado Oeste se vê bem, mesmo, o pôr do sol?

Ela piscou, surpreendida, depois sorriu.

— Bem mesmo.

— Também dá para ver do lado Leste — eu disse suavemente.

— Obrigada, Ponyboy. — Ela sorriu entre as lágrimas. — Você saca legal.

Os olhos dela eram verdes. Fui pra casa, andando devagar.

9

Eram quase seis e meia quando cheguei em casa. A batalha ia ser às sete, quer dizer, eu estava atrasado pro jantar, como de costume. Sempre me atraso. Esqueço que horas são. Darry tinha feito o rango: galinha assada, batatas e milho — duas galinhas, porque nós três comemos feito uns cavalos. Principalmente Darry. Me ligo em galinha assada, mas não consegui comer quase nada. Tomei cinco aspirinas quando Darry e Soda não estavam olhando. Faço isso o tempo todo, porque não consigo dormir muito bem à noite. Darry pensa que só tomo uma, mas em geral tomo quatro. Achei que cinco davam pra segurar a barra durante a batalha, talvez até pra acabar com minha dor de cabeça.

Aí fui correndo tomar uma chuveirada e trocar de roupa. Eu, Soda e Darry sempre nos arrumávamos antes de uma briga. Além disso, queríamos mostrar àqueles *socs* que não éramos uns merdas, que éramos tão bons quanto eles.

— Soda — chamei do banheiro —, quando é que você começou a fazer a barba?

— Com 15 — gritou ele de volta.

— E Darry?

— Com 13. Por quê? Tá querendo deixar crescer a barba para a batalha?

— Você é muito engraçado. A gente devia te mandar para a *Seleções*. Ouvi dizer que eles dão uma grana quente por lances engraçados.

Soda riu e continuou a jogar pôquer com Steve na sala. Darry estava com uma camiseta justa preta que deixava ver todos os músculos do peito e até os músculos chatos e duros da barriga. Eu detestaria estar na pele do *soc* que levasse uma porrada dele, pensei, enquanto vestia uma camiseta e jeans limpos. Queria que a camiseta fosse mais justa — tenho bom físico pra minha altura, mas tinha emagrecido muito em Windrixville, e a camiseta ficava um pouco grande. A noite estava muito fria; camisetas não são a coisa

mais quente do mundo, mas ninguém jamais se resfria numa briga. Além disso, as jaquetas atrapalham os movimentos. Soda, Steve e eu tínhamos posto mais gel que o necessário, mas queríamos mostrar que éramos *greasers*. Esta noite podíamos nos orgulhar disso. Os *greasers* podem não ter muitas coisas, mas têm fama. Fama e cabelo grande. (Que tipo de mundo é esse no qual tudo o que tenho para me orgulhar é a reputação de malandro e o cabelo comprido cheio de gel? Não sou a fim de ser malandro, mas, mesmo sem roubar, sem tomar ninguém nem encher a cara, fico rotulado como um cara nojento. Por que eu devia me orgulhar disso? Por que fingir que me orgulho disso?) Darry nunca se ligou em cabelo comprido. O dele era curto e estava sempre limpo.

Sentei na poltrona, na sala, esperando o resto do pessoal pintar. Mas, é claro, hoje à noite só vinha o Metido; Johnny e Dallas não iam pintar. Soda e Steve estavam jogando cartas e brigando, como sempre. Soda não dava um tempo com as gracinhas e as palhaçadas, e Steve tinha posto o rádio num volume tão alto que meus tímpanos estavam quase arrebentando. Normal, todo mundo ouve rádio alto daquele jeito, só que aquilo não era a melhor coisa do mundo pra minha dor de cabeça.

— Você se amarra em brigas, não é, Soda? — perguntei, de repente.

— Me amarro, claro — deu de ombros. — Me ligo em brigas.

— E por quê?

— Sei lá. — Olhou para mim, encucado. — É ação. É uma competição. Como um racha, um baile, um lance desses.

— Puta — disse Steve —, quero afundar a cabeça daqueles *socs*. Quando entro numa briga, fico com vontade de acabar com o outro cara. Eu também curto.

— Por que você se liga em brigas, Darry? — perguntei, levantando os olhos pra ele, que estava em pé a meu lado, encostado no batente da porta da cozinha. Ele me lançou um daqueles olhares que escondem o que está pensando, mas Soda anunciou:

— O negócio dele é exibir os músculos.

— Vou exibir os músculos pra você, carinha, se não der um tempo.

Fiquei pensando no que Soda tinha dito. Era verdade. Darry se ligava em qualquer coisa que exigisse força, como levantamento de peso, futebol,

colocar telhado nas casas, embora também se orgulhasse de sua inteligência. Darry nunca comentava a coisa, mas eu sabia que ele se ligava em brigar. Eu sacava os lances. Posso brigar com qualquer pessoa, a qualquer momento, mas não me ligo nisso.

— Não sei se você devia ir a essa batalha, Pony — disse Darry devagar.

Ai, não, pensei, morto de medo, tenho que entrar nessa. Naquela hora o lance mais importante de minha vida era ajudar o pessoal a acabar com os *socs*. Não deixa ele me obrigar a ficar em casa agora. Tenho que entrar nessa.

— Por quê? Sempre me dei bem antes, é ou não é?

— É — disse Darry com um sorriso orgulhoso. — Briga bem paca pra um garoto da sua idade. Só que das outras vezes estava em forma. Você emagreceu e não está com um aspecto muito bom, cara. Está muito tenso.

— Que droga — disse Soda, tentando tirar o ás de dentro do sapato enquanto Steve não estava ligado —, todo mundo fica tenso antes de uma briga. Deixe que lute hoje à noite. Punho nunca machucou ninguém: se não há armas, não há perigo.

— Vou ficar legal — implorei. — Pego um pequeno, falou?

— Bom... Johnny não vai entrar, dessa vez... — às vezes Johnny e eu nos uníamos para ganhar um cara grande —, mas tem também que Crespo Shepard não vai entrar, nem Dally, e vamos precisar de todos que estiverem por aí.

— Que aconteceu com Shepard? — perguntei, pensando no irmão menor do Tim Shepard. Crespo, que era um Tim em miniatura, durão, bravo e resistente, uma vez tinha feito um lance comigo para ver quem era mais corajoso: cada um ficou segurando um cigarro aceso encostado nos dedos do outro. Ficamos os dois ali, apertando os dentes e fazendo caretas, o suor escorrendo pelo rosto e cheiro de carne queimada deixando a gente enjoado, nenhum dos dois querendo dar o braço a torcer, até que Tim passou por ali. Quando se ligou no lance de a gente fazer furos um no outro com os cigarros, Tim bateu nossa cabeça uma na outra jurando que apagava a gente se algum dia aprontasse uma daquelas de novo. Ainda tenho a cicatriz no dedo. Crespo era um malandro comum da cidade, durão e não muito esperto, mas eu o curtia. Encarava qualquer lance.

— Tá na geladeira — disse Steve, dando um chute no ás que estava no sapato do Soda. — No reformatório.

De novo?, pensei. Aí disse:

— Me deixa lutar, Darry. Se fosse com faca, corrente, um lance assim, aí seria diferente. Ninguém fica muito machucado quando é no mano a mano.

— Bom — Darry cedeu —, tá limpo, você pode ir. Mas tenha cuidado. Se ficar num aperto, grite, que tiro você da fria.

— Vou ficar legal — disse, cansado. — Por que você nunca se preocupa assim com Sodapop? Não fica dizendo esses lances pra ele.

— Cara — Darry riu e passou o braço pelos ombros do Soda —, este aqui é um irmão mais moço que não me dá dor de cabeça.

Soda deu um soco afetuoso nas costelas dele.

— Este carinha sabe usar a cabeça.

Sodapop olhou para mim com um ar de superioridade fingida, mas Darry continuou:

— Dá pra se ligar que ele usa a cabeça pra uma coisa: pra deixar crescer cabelo. — Quando Soda deu um murro, ele se esquivou e saiu fora.

Metido enfiou a cabeça pela porta na hora em que Darry saía a mil. Saltando enquanto descia os degraus, Darry deu uma cambalhota no ar, bateu no chão e caiu fora antes que Soda pudesse alcançá-lo.

— Valeu — disse Metido, entusiasmado, levantando uma sobrancelha —, estou vendo que estamos em ótimas condições pra uma batalha. Todo mundo feliz?

— Estamos! — berrou Soda, dando outra cambalhota voadora pelos degraus abaixo. Saltou, caminhando com as mãos, depois deu uma estrela sem as mãos, cruzando o pátio, para fazer uma apresentação melhor que a do Darry. A excitação estava aumentando. Gritando como índio, Steve cruzou o gramado correndo e dando saltos mortais, parou de repente e voltou de costas. Todos nós sabíamos fazer acrobacias, porque Darry tinha feito um curso na ACM e depois tinha passado um verão inteiro dando toques de tudo o que tinha aprendido por lá e que podia ser útil numa briga. Era útil, mas por isso Metido e Soda tinham acabado em cana uma vez. Estavam dando cambalhotas no ar enquanto iam por uma calçada do centro, caminharam com as mãos e perturbaram de tudo quanto era jeito os

pedestres e a polícia. Aqueles dois são únicos pra arranjar encrencas desse tipo.

Dando um grito de guerra alegre, dei uma cambalhota sem mãos para descer os degraus da entrada, bati no chão e rolei para ficar em pé. Metido me seguiu mais ou menos da mesma maneira.

— Sou *greaser* — cantarolava Sodapop. — Sou delinquente juvenil, sou malandro. Sou uma mancha na honra de nossa linda cidade. Bato nas pessoas. Tomo postos de gasolina. Sou uma ameaça pra sociedade. Cara, como me divirto!

— *Greaser... greaser... greaser...* — recitou Steve. — Ó vítima da sociedade, desprotegido da sorte, marginal fedido, escória!

— Delinquente juvenil, você não presta! — gritou Darry.

— Chega aqui, branco vagabundo — disse Metido, com voz esnobe. — Sou *soc*. Sou a classe privilegiada, bem-vestida. Meu lance é dirigir carrinhos joias e quebrar janelas em festas chiques.

— O que você faz quando quer tirar uma chinfra? — perguntei com voz séria, espantada.

— Dou pau nos *greasers* — berrou Metido, e deu uma cambalhota.

Nos acalmamos enquanto andávamos para o terreno baldio. Metido era o único de jaqueta; tinha enfiado duas latas de cerveja dentro dela. Ele sempre bebe antes de uma batalha. Antes de qualquer outro lance também, pensando bem. Balancei a cabeça. Eu vou achar o fim se algum dia tiver que tirar minha coragem de uma lata. Uma vez, tentei beber. O gosto era péssimo, fiquei enjoado, com dor de cabeça, e quando Darry ganhou o lance, ficou duas semanas me dando bronca. Mas aquela foi a última vez na vida que bebi. Já tinha sacado muito bem os efeitos da bebida na casa do Johnny.

— Ei, Metido — eu disse, pra acabar minha pesquisa —, por que você curte uma pancadaria?

Me olhou como se eu tivesse pirado.

— Porra, todo mundo briga.

Se todo mundo pulasse no rio Arcansas, o velho Metido ia na sequência. Aí, saquei todo o lance. Soda brigava por curtição, Steve, ódio, Darry, por vaidade, e Metido, por conformismo. E eu, brigo por quê? Pensei e não achei nenhuma razão que servisse. Não há nenhuma boa razão pra brigar, a não

ser em defesa própria.

— Ouça, Soda, você e Ponyboy — disse Darry, enquanto a gente ia descendo a rua — se pintar cana, caiam fora. O resto de nós pode no máximo ir para a cadeia. Vocês dois podem ser mandados pra uma instituição de menores.

— Ninguém neste bairro vai chamar a cana — disse Steve, feroz. — Eles estão ligados no que ia acontecer, se chamassem.

— Não interessa. Vocês dois, sumam ao primeiro sinal de encrenca. Deu pra sacar?

— Pode ter certeza de que você não precisa de amplificador — disse Soda, e mostrou a língua pro Darry quando ele virou as costas. Segurei uma risada. Se você quiser ver um lance engraçado, é um malandro durão mostrando a língua pro irmão mais velho.

Tim Shepard e companhia já estavam esperando quando chegamos ao terreno baldio, com uma turma de Brumly — um dos subúrbios. Tim era um cara de 18 anos, magrinho, com jeito de gato, que era a imagem do típico delinquente juvenil que a gente vê nos filmes e nas revistas. Tinha o mesmo cabelo crespo, olhos escuros que lançavam faíscas e uma cicatriz enorme que ia da têmpora até o queixo, de um talho que uma puta tinha feito, uma vez, com uma garrafa quebrada. Tinha um olhar durão, impiedoso, e seu nariz já tinha quebrado duas vezes. O sorriso dele, como o de Dally, era cruel e amargo. Era um desses caras que acham um barato ser malandro. O resto da turma dele era a mesma coisa. Os caras de Brumly também. Eram malacos jovens que iam crescer pra virar malacos adultos. Eu nunca tinha pensado naquilo antes, mas, quanto mais envelhecessem, piores ficariam. Olhei pro Darry. Ele não ia ser nenhum malandro quando ficasse velho. Ia fazer alguma coisa. Viver do jeito que a gente vivia só ia reforçar a decisão dele de chegar a algum lugar. Por isso ele é melhor que o resto de nós, pensei. Vai pra algum lugar. E eu ia ser como ele. Eu não ia passar a vida morando num bairro horroroso daqueles.

O olhar do Tim era ansioso e faminto como o de um gato de rua; era isso que ele me lembrava, um gato de rua — e estava sempre inquieto. Seus camaradas tinham entre 15 e 19 anos, caras de aspecto severo, acostumados

à rígida disciplina imposta pelo Tim. Aquela era a diferença entre a turma dele e a nossa: eles tinham um cabeça e eram organizados; nós éramos só amigos que se unem, cada um era seu próprio cabeça. Talvez por isso a gente levasse a melhor nas brigas.

Tim e o cabeça do bando de Brumly se adiantaram pra apertar a mão de cada um de nós, provando que nossas turmas estavam do mesmo lado naquela luta, embora a maioria dos caras daqueles dois grupos não fosse bem o que eu chamaria de "meus amigos". Quando Tim chegou perto de mim, ficou me encarando, talvez lembrando da vez em que o irmão mais novo dele e eu fizemos aquele lance para ver quem era mais durão.

— Você e aquele garoto quietinho de cabelo preto é que apagaram o *soc*?

— É — eu disse, fingindo orgulho; aí pensei em Cherry e Randy e fiquei com uma sensação de enjoo no estômago.

— Bom serviço, cara. Crespo sempre disse que você é um cara decente. Ele vai ter que ficar no reformatório durante os próximos dez meses. — Tim riu, sem graça, provavelmente pensando naquele irmão cabeça-dura e desordeiro que tinha. — Pegaram ele tomando uma loja de bebidas, aquele... — Continuou, chamando Crespo de todos os nomes impublicáveis que existem sob o sol que, de acordo com a maneira de pensar do Tim, eram termos afetuosos.

Fiquei pagando pra cena todo orgulhoso. Eu era o cara mais novo ali. Até o Crespo, se estivesse lá, já fez 15, de modo que era mais velho que eu. Saquei que Darry também sacava isso, e que, embora estivesse orgulhoso, também estava preocupado. Merda, pensei, vou lutar tão bem dessa vez que nunca mais ele vai se preocupar comigo. Vou mostrar a ele que mais alguém, fora Sodapop, é capaz de usar a cabeça.

Um dos caras do bando de Brumly fez um sinal, me chamando. Em geral ficamos junto de nossas turmas, por isso eu vacilei um pouco em ir até lá, mas afinal fui. Filou um cigarro e o acendeu.

— Aquele cara grande que está lá com a turma de vocês, você conhece ele bem?

— Acho que sim: é meu irmão — eu disse. Não dava para responder "conheço" honestamente. Eu conhecia Darry tão bem quanto ele mesmo me conhecia, isto é, pouco.

— Não brinca! Estou com a impressão de que vão falar pra ele começar a soltar os foguetes por aqui. Ele é um bom socador, mesmo?

Ele estava querendo saber se Darry se garantia. Esses garotos de Brumly têm umas gírias esquisitas. Duvido que a metade deles tenha a manha de ler um jornal ou de escrever qualquer coisa a mais que o próprio nome, e dá pra sacar isso na maneira como falam. Quer dizer, você pega um cara que chama uma batalha de "socação" e dá pra sacar que é meio burro.

— É — eu disse. — Mas por que ele?

Levantou os ombros.

— Por que outra pessoa?

Dei uma olhada nas nossas tropas. A maior parte dos *greasers* não tem físico muito chocante nem nada. Em geral são magros, têm um jeito meio de pantera, dentro de um estilo desengonçado. Isso rola em parte porque não comem muito e em parte porque são desengonçados. Darry levava jeito de se garantir com qualquer um ali. Acho que a maioria dos caras estava nervosa por causa da regra de "sem armas". Eu não estava ligado em como era com o pessoal de Brumly, mas sabia que a turma do Shepard estava acostumada a lutar com tudo que pudesse descolar: correntes de bicicletas, lâminas, garrafas quebradas, pedaços de cano, varas, às vezes até com berros. Eu também tenho um vocabulário meio horroroso, mesmo sem ser ignorante. Nossa turma nunca se amarrou em armas. Não somos tão barra-pesada. As únicas armas que usamos são facas e, além disso, puta, a gente em geral só anda com elas para fazer onda. Como o Metido com o canivete de mola de cabo preto. Ninguém de nós nunca tinha machucado alguém pra valer nem querido isso. Só Johnny. E não tinha sido por querer.

— Ei, Curtis! — gritou Tim. Pulei.

— Qual deles? — ouvi Soda gritar de volta.

— O grandão. Vem cá.

O cara de Brumly me olhou.

— Não te disse?

Vi Darry indo em direção ao Tim e ao chefe dos garotos de Brumly. Ele não devia estar ali, pensei de repente. Eu não devia estar aqui, e Steve não devia estar aqui, e Soda não devia estar aqui, e Metido não devia estar aqui. Somos *greasers*, mas não somos malandros. Nosso lugar não é com esse bando

de futuros condenados. A gente podia acabar como eles, pensei. Aquele pensamento não ajudou muito pra melhorar minha dor de cabeça.

Aí voltei, pra ficar perto do Soda, do Steve e do Metido, porque os *socs* estavam chegando. Na hora. Vieram em quatro carros, foram saindo em silêncio. Contei 22 *socs*. Nós éramos 20. Assim, pensei, a coisa está tão equilibrada quanto possível. De todo jeito, Darry sempre gosta de pegar dois ao mesmo tempo. Parecia que eles tinham sido feitos todos na mesma fôrma: rosto bem barbeado, cabelo semi-Beatles, camisa listrada ou xadrez, jaqueta vermelho-claro ou bege ou então jaqueta xadrez de esqui. Com aquela roupa, podiam ir ao cinema, em vez de uma briga. É por isso que as pessoas nunca pensam em botar a culpa nos *socs* e estão sempre prontas a pular na nossa pele. A gente tem jeito de vagabundo, eles têm jeito de ser "do bem". Poderia ser exatamente o contrário: a metade dos malandros que conheço é de caras superlegais, por baixo de todo aquele gel, e, pelo que andei ouvindo por aí, um monte de *socs* não passa de gente cruel, fria, mas em geral as pessoas vão atrás das aparências.

Eles se alinharam em silêncio à nossa frente, nós nos alinhamos na frente deles. Olhei pra ver se via Randy, mas não o vi por lá. Fiquei torcendo pra ele não ter vindo. Um cara de camisa xadrez deu um passo à frente.

— Vamos acertar as regras. Não vale arma, só punho, e o primeiro que correr, perde. Certo?

Tim jogou sua lata de cerveja para um lado.

— Você saca legal, cara.

Houve um silêncio chato: quem começava? Darry resolveu o problema. Deu um passo à frente, debaixo do círculo de luz formado pelo poste. Durante um momento tudo pareceu irreal, como cenário de filme sobre delinquentes juvenis ou algo assim. Aí Darry disse:

— Saio na mão com qualquer um.

Ficou ali, imóvel, alto, ombros largos, os músculos tensos debaixo da camiseta, e os olhos lançando raios de gelo. Durante um momento pareceu que não ia pintar ninguém suficientemente corajoso pra encará-lo. Aí houve um pequeno agito no grupo sem rosto dos *socs*, e um cara louro forte deu um passo à frente. Olhou para Darry e disse, sem se alterar:

— Oi, Darrel.

Algum lance brilhou nos olhos do Darry, depois eles viraram gelo de novo.

— Oi, Paul.

Ouvi Soda dar uma espécie de guincho e saquei que o louro era Paul Holden. Ele tinha sido o melhor zagueiro do time do Darry na escola; ele e Darry costumavam andar juntos o tempo todo. A essa altura, ele devia estar começando a universidade, pensei. Ele estava olhando pro Darry com uma expressão que não consegui definir, mas não gostei. Desprezo? Pena? Ódio? Os três juntos? Por quê? Porque Darry estava ali em pé, representando todos nós, e talvez Paul só sentisse desprezo, pena e ódio por *greasers*. Darry não tinha movido um músculo nem mudado de expressão, mas dava pra se ligar que ele agora odiava Paul. Não era só ciúme — Darry tinha direito de sentir ciúme; tinha vergonha de estar do nosso lado, vergonha de ser visto com os garotos de Brumly, com o bando do Shepard, talvez até vergonha de estar conosco. Ninguém sacava isso, fora Soda e eu. Não tinha importância pra mais ninguém, fora Soda e eu.

Que besteira, pensei rapidamente. Os dois vieram aqui pra brigar, e todo mundo diz que os dois são mais inteligentes que isso. Que diferença faz o lado em que o cara está?

Então Paul disse:

— Eu te enfrento — e uma coisa como um sorriso cruzou o rosto do Darry. Eu sabia que antes Darry pensava que podia quebrar Paul quando quisesse, mas isso tinha sido uns dois ou três anos atrás. Será que Paul tinha ficado melhor de briga? Engoli em seco. Nenhum dos meus irmãos tinha apanhado em briga, nunca, mas eu não estava exatamente torcendo pra que esse tabu fosse quebrado.

Os dois começaram a se mover em círculo sob a luz, no sentido contrário ao do relógio, sem afastar os olhos um do outro, talvez lembrando defeitos antigos e pensando se continuavam existindo. Nós outros demos um tempo com tensão crescente. Lembrei dos livros de Jack London — você sabe, em que a matilha de lobos espera em silêncio que um dos dois adversários caia vencido em uma briga. Mas no caso era diferente. No momento em que qualquer um dos dois largasse uma porrada, a batalha estaria deflagrada.

O silêncio ficou mais pesado, dava para ouvir a respiração nervosa dos

garotos à minha volta. Darry e o *soc* continuavam caminhando lentamente, em círculos. Até eu podia sentir o ódio deles. Antes eles eram chegados, pensei, amigos, agora se odeiam porque um dos dois tem de trabalhar para ganhar a vida, e o outro é do lado Oeste. Eles não deviam se odiar... eu não odeio mais os *socs*... eles não deviam odiar...

— Para tudo! — gritou uma voz conhecida. — Para! — Darry virou para ver quem era, e Paul foi pra cima dele. Um direto no queixo que teria derrubado qualquer um, menos o Darry. A batalha tinha começado. Dallas Winston correu pra se juntar a nós.

Não consegui cruzar um *soc* que fosse do meu tamanho, então escolhi o segundo maior e fui pra cima. Dallas estava bem do meu lado, já socando alguém.

— Pensei que você estivesse no hospital — gritei, enquanto o *soc* me derrubava e eu rolava pra não ser bicado.

— Estava. — Dally estava num aperto, porque o braço esquerdo ainda estava bem ruim. — Agora não estou mais.

— Como? — consegui perguntar, enquanto o *soc* com quem eu estava brigando pulava em cima de mim, e nós dois rolávamos perto do Dally.

— Convenci a enfermeira com o auxílio do canivete do Metido. Você não sabe que uma batalha não é uma batalha quando eu não estou na briga?

Não pude responder porque o *soc*, que era mais pesado do que eu pensava, tinha me imobilizado e estava me cobrindo de porrada. Pensei, zonzo, que ele ia arrancar alguns dos meus dentes ou então quebrar meu pescoço ou coisa assim, e sabia que não tinha a menor chance. Mas Darry estava de olho em mim; pegou aquele cara pelo ombro e o levantou um pouco antes de dar uma porrada que chegou a tirá-lo do chão. Achei que devia ajudar Dally, já que ele só podia brigar com um braço.

Estavam atracados, mas Dallas estava levando a pior. Pulei nas costas do *soc*, puxei seu cabelo e comecei a dar porrada. Ele estendeu o braço pra trás, me pegou pelo pescoço e me jogou no chão por cima da cabeça dele. Tim Shepard, que estava brigando com dois ao mesmo tempo, pisou em mim sem querer, me tirando o fôlego. Levantei assim que consegui começar a respirar direito e pulei de novo naquele *soc*, fazendo o possível para estrangulá-lo. Enquanto ele se esforçava pra abrir meus dedos, Dally deu

um soco nele que jogou o cara pra trás, aí nós três caímos embolados no chão, arquejando, falando palavrão e dando porrada.

Alguém me chutou as costelas com força, e gritei sem querer. Algum *soc* tinha nocauteado um cara da nossa turma e estava me bicando com toda a força. Mas eu estava com os dois braços no pescoço do outro *soc* e não tava a fim de largar. Dally estava dando porrada nele, e eu me pendurei, desesperado, enquanto o outro *soc* me chutava. Vocês podem ter certeza de que aquilo doía. No fim ele me deu um chute na cabeça com tanta força que fiquei atordoado e fiquei ali caído, mole, tentando clarear a cabeça e não desmaiar. Estava ouvindo a briga, mas só de longe, com aquele zumbido nas orelhas. Muitos machucados estavam doendo nas minhas costas e na cara, mas eu estava me sentindo longe da dor, como se não fosse eu mesmo que estivesse sentindo aquilo.

— Eles estão fugindo! — ouvi uma voz gritar alegremente. — Olha aqueles desgraçados... corram!

Achei que aquela voz parecia a do Metido, mas não dava para ter certeza. Tentei sentar e vi que os *socs* estavam entrando em seus carros e se mandando. Tim Shepard estava dizendo os maiores palavrões, porque tinha quebrado o nariz de novo e o chefe dos caras de Brumly estava acertando contas com um de seus próprios homens, porque tinha desobedecido às regras e usado um pedaço de cano durante o pau. Steve estava caído, encolhido e grunhindo, a uns três metros de mim. Mais tarde descobrimos que ele estava com três costelas quebradas. Sodapop estava do lado dele, falando baixinho numa voz firme. Dei um pulo quando vi Metido: havia sangue escorrendo de um dos lados do rosto dele, uma mão estava quebrada, aberta; mas ele estava rindo, todo feliz porque os *socs* estavam fugindo.

— Ganhamos — anunciou Darry com voz cansada. Ia ficar com um olho roxo e estava com um corte na testa. — Pegamos os *socs*.

Dally ficou um pouco em pé do meu lado, tentando botar na cabeça o fato de que a gente tinha mesmo vencido a luta. Depois, agarrando minha camisa, me fez ficar em pé.

— Vem! — Ele me arrastou pela rua. — Vamos falar com Johnny.

Tentei correr, mas tropecei, e Dally, impaciente, foi me empurrando. —

Depressa! Quando saí de lá ele estava piorando. Ele quer ver você!

Não sei como Dallas conseguia andar tão firme e tão depressa, depois de levar tanto soco e de ter levado porrada no braço machucado, mas tentei acompanhá-lo. Nunca corri tanto, depois, como corredor, quanto corri naquela noite. Ainda estava tonto e só me dava conta mais ou menos de onde estava indo e por quê.

Dally estava com o carro do Buck Merril estacionado na frente de nossa casa; pulamos dentro do carro. Sentei com os músculos enrijecidos, e Dally saiu com o carro roncando rua abaixo. Estávamos na Tenth Street quando uma sirene começou a nos perseguir e vi o reflexo da luz vermelha no espelho retrovisor.

— Faz cara de doente — ordenou Dally. — Vou dizer que estou te levando pro hospital, o que, aliás, é verdade.

Me apoiei no vidro frio da janela e tentei fazer cara de doente, o que não era difícil, do jeito que eu estava me sentindo naquela hora.

O tira parecia estar de saco cheio.

— Tudo bem, carinha, onde é o incêndio?

— É o garoto — Dally apontou o polegar pra mim —, ele caiu da motocicleta e o estou levando para o hospital.

Dei um grunhido que não era inteiramente fingido. Acho que meu aspecto não estava nada bom, além disso, estava todo cortado e machucado.

O tira mudou de tom.

— Ele está ruim, mesmo? Você quer uma escolta?

— Como vou saber se ele tá ruim ou não? Não sou médico. É, uma escolta seria bom. — E, enquanto o policial voltava para o carro dele, ouvi Dally murmurar: — Imbecil!

Com a sirene à nossa frente, chegamos ao hospital em tempo recorde. Durante todo o caminho, Dally não parou de falar qualquer lance, mas eu estava muito tonto pra entender a maior parte do que ele dizia.

— Eu tava maluco, sabia, cara? Maluco porque queria que Johnny não se metesse em encrenca, porque não queria que ele ficasse duro. Se ele fosse como eu, nunca teria dançado. Se ele fosse esperto como eu, nunca teria entrado naquela igreja. É nisso que dá dar uma força pras pessoas. Editoriais nos jornais e um monte de encrenca. É melhor você se cuidar,

Ponyboy... fique durão feito eu e não vai se machucar. Cuide-se bem, que nada pode te tocar...

Disse mais um monte de coisas, mas não entendi tudo. Estava com a impressão babaca de que Dally estava doido, porque não parava de falar. Dallas nunca falava assim! Mas hoje eu acho que teria entendido, se não estivesse doente naquele momento.

O tira nos deixou no hospital, enquanto Dally fingia que estava me ajudando a sair do carro. Assim que o guarda saiu, Dally me largou tão de repente que quase caí.

— Depressa!

Atravessamos a sala de espera correndo no meio das pessoas e nos enfiamos no elevador. Várias pessoas gritaram para nós, acho que porque a gente estava com uma aparência estropiada, mas Dally só pensava em Johnny, e eu estava muito confuso para saber alguma coisa fora o lance de ter que seguir o Dally. Quando, finalmente, chegamos ao quarto do Johnny, o médico nos barrou.

— Sinto muito, rapazes, mas ele está morrendo.

— Precisamos vê-lo — disse Dally, e puxou o canivete do Metido. Sua voz tremia. — Nós vamos vê-lo, e, se você criar encrenca, vai acabar na sua própria mesa de operação.

O médico nem piscou.

— Vocês podem vê-lo, mas é porque são amigos dele, não por causa dessa faca.

Dally olhou pra ele um momento, depois guardou a faca no bolso. Entramos no quarto do Johnny, ficamos um momento imóveis, recuperando o fôlego aos arrancos. O silêncio era total. Dava medo, de tanto silêncio. Olhei para o Johnny. Estava muito quieto, e durante um momento pensei, desesperado: ele já morreu, chegamos tarde demais.

Dally engoliu em seco e enxugou o suor do lábio superior.

— Johnnycake! — disse, com voz rouca. — Johnny!

Johnny se moveu lentamente, depois abriu os olhos.

— Oba! — conseguiu dizer, baixinho.

— Vencemos — disse Dally, ofegante. — Vencemos os *socs*. Acabamos com eles. Expulsamos do nosso território.

Johnny nem tentou sorrir para ele.

— Não adianta... não é legal brigar... — Estava horrivelmente branco.

Dally passou a língua nos lábios, nervoso.

— Ainda está saindo notícia no jornal sobre você. Por ser herói, e tudo. — Estava falando depressa e calmamente demais. — É, agora estão dizendo que você é herói, e todos os *greasers* estão sendo transformados em heróis. Estamos todos orgulhosos de você, carinha.

Os olhos de Johnny brilharam. Dally estava orgulhoso dele. Aquilo era tudo o que Johnny já tinha desejado na vida.

— Ponyboy...

Mal o ouvi falar. Cheguei mais perto e me inclinei, para ouvir o que ele queria dizer.

— Fique dourado, Ponyboy. Fique dourado... — O travesseiro como que afundou um pouco, e Johnny se foi.

Você lê que as pessoas parecem tranquilamente adormecidas quando morrem, mas não parecem. Johnny parecia só morto. Como uma vela quando se apaga. Tentei falar qualquer coisa, mas não consegui emitir nenhum som.

Dally engoliu e estendeu a mão pra empurrar o cabelo de Johnny para trás.

— Nunca conseguiu botar esse cabelo pra trás... é isso que você arranja, querendo dar uma força pras pessoas, seu punkzinho, é isso que você arranja...

Girou o corpo de repente e bateu de encontro à parede. Seu rosto se contraiu de desespero, e o suor escorria pela face.

— Merda, Johnny... — ele implorou, batendo com o punho na parede, esmurrando-a para que ela obedecesse às suas ordens. — Merda, Johnny, não morra, por favor, não morra...

Saiu correndo pela porta de repente e sumiu na sala de espera.

10

Atravessei aquela sala como um sonâmbulo. Dally tinha pegado o carro; comecei a andar para casa, não conseguia pensar. Johnny tinha dançado. Mas não tinha. Aquele corpo sem vida lá no hospital não era do Johnny. Ele estava em algum outro lugar, talvez dormindo no terreno baldio, talvez jogando fliper no boliche, quem sabe sentado nos degraus de trás da igreja em Windrixville. No caminho de casa, eu ia dar um raspão no terreno baldio e ia encontrar Johnny sentado na beira da calçada fumando um cigarro. A gente podia ficar ali deitado um tempo olhando as estrelas. Johnny não morreu. E daquela vez meus sonhos funcionaram. Me convenci de que ele não tinha morrido.

Devo ter zanzado horas e horas, às vezes pelo meio da rua, ouvindo buzinas e palavrões. Eu podia ter rodado pela cidade a noite inteira, se não fosse um cara que me perguntou se eu estava a fim de uma carona.

— Quê? Ah. É, acho que sim — eu disse. Entrei no carro. O cara, que tinha uns 20 e poucos anos, olhou para mim.

— Você está bem, menino? Você está com jeito de quem andou brigando.

— Andei mesmo. Uma batalha. Mas estou legal.

Johnny não morreu, eu disse pra mim mesmo, e acreditei.

— Sinto muito te dizer uma coisa dessas, menino — disse o cara secamente —, mas você está enchendo os assentos do meu carro de sangue.

Pisquei. — Estou?

— Sua cabeça.

Levantei a mão pra coçar o lado da cabeça, onde estava comichando havia um tempo e, quando olhei pra minha mão, vi que estava suja de sangue.

— Puxa, moço, desculpe — eu disse, atrapalhado.

— Deixa, não se preocupa. Esse carro já passou por piores. Onde você mora? Não estou com a menor intenção de largar um menino ferido no meio

da rua a esta hora da noite.

Eu disse. Ele me levou até em casa, e eu desci.

— Muito obrigado.

Ele fez um sinal com a mão para eu entrar em casa.

— Sou um grande sujeito de nascença. — Deu a partida e se mandou.

O que sobrava da nossa roda estava na sala de casa. Steve estava estendido no sofá, de camisa desabotoada, com um curativo de um lado do peito. Estava de olhos fechados, mas, quando a porta bateu atrás de mim, abriu-os, e de repente fiquei pensando se meus olhos também estavam febris e assustados como os dele. Soda tinha um corte grande no lábio e um machucado na cara. Darry estava com um curativo na testa e um olho roxo. Um dos lados da cara do Metido estava coberto de esparadrapo; mais tarde fiquei sabendo que ele tinha levado quatro pontos na cara e sete na mão, no lugar onde tinha arrebentado as juntas na cabeça de um *soc*. Estavam todos descansando por ali, lendo o jornal e fumando.

Onde é a festa?, pensei, desanimado. Soda e Steve não estavam planejando fazer uma festa depois da batalha? Todos olharam quando entrei. Darry levantou num pulo.

— Onde você estava?

Ah, não vamos começar tudo isso outra vez, pensei. Ele parou de repente.

— Ponyboy, qual é o problema?

Olhei pra eles todos, meio assustado.

— Johnny... morreu. — Minha voz estava esquisita, até pra mim mesmo. Mas ele não morreu, dizia uma voz em minha cabeça. — Contamos pra ele que a gente tinha acabado com os *socs*, depois... sei lá, ele só morreu. — Me disse pra ficar dourado, lembrei. Que será que estava querendo dizer com isso?

Houve um silêncio cheio de tristeza. Acho que ninguém de nós tinha se ligado em como Johnny estava mal. Soda fez um barulho esquisito e ficou com cara de quem ia começar a chorar. Metido estava de olhos fechados, dentes cerrados, de repente lembrei do Dally... Dally esmurrando a parede...

— Dallas saiu fora — eu disse. — Saiu correndo feito um louco. Vai estourar. Não conseguiu aceitar o lance.

Como é que eu aceito?, pensei. Dally é mais durão que eu. Por que é que eu posso aceitar, e o Dally não? Aí entendi. Johnny era a única coisa que Dally amava. E agora não tinha mais Johnny.

— Então ele acabou quebrando. — Metido falou o que todo mundo estava sentindo. — Então Dally também quebra.

Comecei a tremer. Darry disse alguma coisa baixinho para o Soda.

— Ponyboy — disse Soda suavemente, como se estivesse falando com um animal ferido —, você está com ar de doente. Senta.

Fui andando de costas, tipo animal assustado, balançando a cabeça.

— Estou legal. — Estava me sentindo péssimo. Estava me sentindo como se a qualquer momento fosse cair de cara no chão, mas fiz que não com a cabeça. — Não quero sentar. — Darry deu um passo em minha direção, mas recuei. — Não me toque — eu disse. Meu coração dava pulos, devagar, fazendo minha cabeça latejar; fiquei pensando se o resto das pessoas também estava ouvindo aquilo. Talvez seja por isso todos estão olhando pra mim, pensei, estão ouvindo meu coração bater...

O telefone tocou; depois de um pequeno vacilo, Darry me deu as costas e foi atender. Disse:

— Alô — depois ouviu. — Era Dally. Numa cabine telefônica. Acabou de fazer um mercado, e os ratos estão na dele. Vamos ter que escondê-lo. Dentro de um minuto ele pinta no terreno baldio.

Saímos todos correndo da casa feito loucos, até o Steve, e pensei vagamente por que ninguém estava dando cambalhotas pelos degraus abaixo dessa vez. As coisas ficavam entrando e saindo de foco; achei estranho conseguir correr em linha reta.

Chegamos ao terreno com Dally, que veio da direção oposta correndo tanto quanto podia. Ouvimos a sirene da polícia se aproximando, até que uma viatura parou do lado do terreno baldio, do outro lado da rua. Ouvimos as portas do carro bater, quando os ratos desceram. Dally tinha chegado até o círculo de luz do poste, deu uma derrapada, parou, virou-se e tirou um objeto preto do cinturão. Lembrei dele dizendo: “Tenho andado com um berro. Não está carregado, mas ajuda a enganar”.

Tinha sido ontem que Dallas dissera aquilo pro Johnny e pra mim. Só

que ontem era anos atrás. Uma vida inteira atrás.

Dally levantou o revólver, pensei: seu imbecil. Eles não sabem que é só blefe. E quando os revólveres dos policiais cuspiram fogo no meio da noite, percebi que era aquilo que Dally queria. Foi jogado para trás com o impacto das balas, depois foi se dobrando devagarinho, com uma expressão feroz de triunfo no rosto. Antes de chegar ao chão, já estava morto. Eu sabia que era aquilo que ele queria, ao mesmo tempo que os tiros ecoavam no terreno baldio, ao mesmo tempo que implorava em silêncio: Por favor, não ele... não ele e Johnny, os dois... Eu sabia que ele estava morto, porque Dally Winston queria morrer e Dally Winston sempre conseguia o que queria.

Ninguém ia escrever nenhuma reportagem falando bem do Dally. Dois de meus amigos tinham morrido naquela noite: um, herói; o outro, bandido. Aí lembrei do Dally puxando Johnny pela janela da igreja em chamas; Dally nos entregando seu berro, mesmo arriscando ir em cana por um lance desses; Dally arriscando a vida por nós, tentando manter Johnny fora do rolo. E agora ele era um delinquente juvenil morto; não fariam nenhuma reportagem para defendê-lo. Dally não morreu herói. Morreu bandido, jovem e desesperado, bem como todos nós sabíamos que ia morrer um dia. Também sabíamos que Tim e Crespo Shepard, os caras de Brumly e os outros que conhecíamos iam morrer um dia. Mas Johnny tinha razão. Morreu elegantemente.

Steve se jogou para a frente com um soluço, mas Soda o segurou pelos ombros.

— Calma, chapa, calma — ouvi ele dizer, com carinho —, a gente não pode fazer mais nada, agora.

Nada a fazer... nem pelo Dally, nem pelo Johnny, nem por Tim Shepard, nem por nenhum de nós... Meu estômago deu um pulo violento e virou um bloco de gelo. O mundo estava girando ao meu redor, havia manchas de rostos e visões de coisas que já tinham passado dançando na névoa vermelha que cobriu o terreno baldio. Rodei numa massa de cores, senti que estava caindo. Alguém gritou:

— Nossa, olha o garoto!

Aí o chão veio na minha direção a mil e me encontrou de repente.

Quando acordei, estava claro. Tudo estava horrivelmente quieto. Quieto demais. Quer dizer, nossa casa não é naturalmente silenciosa. Em geral o rádio está tocando a todo volume, a televisão está ligada bem alto, tem gente brincando de luta, derrubando coisas, andando em cima da mesa e gritando uns com os outros. Tinha algo errado, mas eu não conseguia sacar o quê. Alguma coisa tinha rodado... não conseguia lembrar o quê. Pisquei para o Soda, assustado. Ele estava sentado na beira da cama, olhando pra mim.

— Soda... — minha voz estava fraca e rouca —, tem alguém doente?

— Tem. — Sua voz estava estranhamente gentil. — Dorme de novo, agora.

Uma ideia estava surgindo lentamente na minha cabeça.

— Sou eu que estou doente?

Acariciou meu cabelo.

— É, você está doente. Agora dá um tempo.

Eu tinha outro lance pra perguntar. Ainda estava meio confuso.

— Darry está mordido porque estou doente? — Era uma sensação engraçada, de que Darry estava triste porque eu estava doente. Tudo parecia muito irreal e atrapalhado.

Soda olhou para mim de um jeito esquisito. Deu um tempo em silêncio.

— Está, está chateado porque você está doente. Agora, faz favor de calar a boca, falou? Dorme.

Fechei os olhos. Estava pregado pacas.

Quando acordei de novo era dia claro e me sentia todo quente embaixo dos lençóis. Estava com fome e com sede, mas meu estômago estava tão ruim que eu sabia que não ia aguentar segurar nada. Darry tinha trazido a poltrona para o quarto e estava dormindo sentado. Ele devia estar no trampo, pensei. Por que está dormindo na poltrona?

— Ei, Darry — disse, baixinho, sacudindo o joelho dele. — Ei, Darry, acorda.

Ele abriu os olhos.

— Ponyboy, como você está?

— Estou legal, acho.

Tinha rodado algum lance... mas eu ainda não conseguia lembrar o quê,

embora estivesse pensando muito melhor do que da outra vez que tinha acordado.

Ele suspirou aliviado e jogou meu cabelo para trás.

— Puta, cara, você nos deu um susto horrível.

— Que aconteceu comigo?

Ele balançou a cabeça.

— Eu disse que você não estava em condições de brigar. Exaustão, choque, um começo de concussão cerebral. Depois, Metido pintou com uma história de que você estava com um febrão fodido antes da batalha, que a culpa era dele porque você tinha ficado ruim. Ele estava supermal naquela noite — disse Darry. Ficou um pouco em silêncio. — Todos nós estávamos.

Aí lembrei. Dallas e Johnny tinham apagado. Não queria pensar neles. (Não lembra de como Johnny era teu chapa, não lembra que ele não queria morrer. Não pensa no Dally invadindo o hospital, encolhendo-se debaixo da luz do poste. Tenta pensar que Johnny está melhor agora, tenta lembrar que Dally teria acabado assim, mais cedo ou mais tarde. Melhor não pensar em nada. Esvazia a cabeça. Não lembra. Não lembra.)

— Onde fiquei com concussão? — perguntei. Minha cabeça estava comichando, mas não dava para coçar por causa da atadura. — Quanto tempo faz que estou dormindo?

— Você ficou com concussão da bica que tomou na cabeça. Soda viu. Caiu em cima daquele *soc*. Nunca vi ele tão puto. Acho que tinha a manha de derrubar qualquer um, no estado que estava. Hoje é terça-feira, você está dormindo e delirando desde sábado à noite. Não se lembra?

— Não — eu disse devagarinho. — Darry, nunca mais vou conseguir recuperar a matéria na escola, com tantas faltas. Além disso, tenho que me apresentar no juizado, depor sobre a morte do Bob. E agora, como Dally... — respirei fundo. — Darry, você acha que vão querer nos separar? Que vão me botar numa instituição, ou algo assim?

Ficou em silêncio.

— Não sei, garoto. Não sei.

Olhei para o teto. Como seria, fiquei pensando, olhar para um outro teto? Como seria dormir em outra cama, em outro quarto? Tinha uma bola dolorida na minha garganta, que não conseguia engolir.

— Você não lembra nem de ter ido para o hospital? — perguntou Darry. Estava tentando mudar de assunto.

Balancei a cabeça.

— Não me lembro de nada.

— Você ficava chamando Soda e eu. Às vezes a mamãe e o papai também. Mas, em geral, você chamava o Soda.

Alguma coisa no seu tom de voz fez com que eu olhasse pra ele. "Em geral, o Soda". Será que eu tinha chamado Darry alguma vez ou ele estava só dizendo aquilo?

— Darry... — eu não sabia muito bem o que queria dizer. Mas estava com uma sensação ruim de que talvez não tivesse chamado por ele em meu delírio, talvez só quisesse Sodapop do meu lado. Que será que tinha dito enquanto estava doente? Não conseguia lembrar. Não queria lembrar.

— Johnny deixou para você o livro dele, *...E o vento levou*. Disse para a enfermeira que era pra dar pra você.

Olhei o livro em cima da mesa. Eu não queria lê-lo até o fim. Nunca ia poder passar daquela parte onde os senhores sulistas saem galopando em direção à morte certa porque são elegantes. Os senhores sulistas com seus grandes olhos negros, de jeans e camiseta, se encolhendo debaixo dos postes de luz. "Não lembra. Não tenta decidir qual dos dois apagou elegantemente. Não lembra".

— Onde está o Soda? — perguntei, depois fiquei com vontade de me dar um pontapé. Por que você não troca ideia com Darry, sua besta? Disse isso pra mim mesmo. Por que você fica sem jeito quando fala com Darry?

— Dormindo, espero. Pensei que ia adormecer dando um trato na barba hoje de manhã e talhar a própria garganta. Tive de botá-lo à força na cama, mas apagou no ato.

As esperanças de Darry de que Soda estivesse dormindo dançaram na mesma hora, porque ele entrou correndo, vestido só com o jeans.

— Ei, Ponyboy! — gritou e pulou em cima de mim, mas Darry o segurou.

— Nada de brincadeira bruta, carinha.

Então Soda teve que se contentar em se balançar para cima e para baixo na cama e dar umas batidinhas no meu ombro.

— Puta, mas você ficou doente pacas. Agora você está legal?

— Estou legal. Só com um pouco de fome.

— Imagino que você deve estar — disse Darry.

— Não estava a fim de comer nada enquanto esteve mal. Que acha de um pouco de sopa de cogumelo?

Me liguei, de repente, de como estava vazio.

— Cara, acho um barato.

— Vou lá fazer um pouco. Sodapop, cuidado com ele, falou?

Soda olhou indignado para ele.

— Você está pensando que vou tirar o cara para uma corrida ou algo do estilo?

— Ah, não — grunhi. — Corrida? Imagino que com isso estou fora das corridas. Nunca mais vou ter condições de competir. E o treinador estava contando comigo.

— Porra, sempre tem o ano que vem — disse Soda. Ele nunca sacou o valor que eu e Darry dávamos ao atletismo. Assim como também nunca tinha entendido por que a gente se ligava em estudo.

— Não vai ficar grilado só por causa de corridas!

— Soda — eu disse, de repente. — Me conta o que eu falei enquanto estava delirando.

— Ora, você pensava que estava em Windrixville quase o tempo todo. Aí ficava dizendo que Johnny não queria matar aquele *soc*. Ei, eu não sabia que você não curte salsichão.

Fiquei gelado.

— Não gosto. Jamais gostei.

Soda olhou para mim.

— Antes você comia. É por isso que você não queria comer nada enquanto estava doente. Passava o tempo dizendo que não curtia salsichão, não importa o que a gente estivesse batalhando pra fazer você comer.

— Não gosto — repeti. — Soda, enquanto eu estava doente, chamei pelo Darry?

— Chamou, claro — disse ele, olhando para mim de um modo estranho. — Você chamou por ele e por mim, pelos dois. Às vezes chamava pela mamãe e pelo papai. E por Johnny.

— Ah. Pensei que talvez não tivesse chamado Darry. Estava grilado com

isso.

Soda riu.

— Pois bem, você chamou, por isso, não se preocupe. Ficamos tanto com você que o médico disse que a gente também ia acabar no hospital se não dormíssemos um pouco. Mas nem assim dormimos.

Dei uma boa olhada nele. Estava com um ar completamente esgotado. Estava com olheiras fundas, uma aparência tensa e cansada. Mas ainda assim seus olhos escuros sorriam, descuidados e inquietos.

— Você está com jeito de morto de cansaço — eu disse, na cara dura. — Aposto que você não dormiu nem três horas desde sábado à noite.

Ele riu, mas não negou.

— Chega pra lá. — Passou por cima de mim e se jogou do meu lado e, antes que Darry voltasse com a sopa estávamos os dois dormindo profundamente.

11

Ainda tive que ficar uma semana de cama depois disso. Aquilo me deixava mordido; não sou do tipo que pode ficar deitado olhando para o teto. Ficava quase todo o tempo lendo, ou então desenhando. Um dia comecei a folhear um dos antigos anuários escolares do Soda e encontrei uma foto que tinha um ar levemente familiar. Nem quando li o nome Robert Sheldon me liguei de quem era. No fim acabei sacando que era o Bob. Dei uma boa olhada nele.

A foto não era muito parecida com o Bob que eu lembrava, mas ninguém nunca se parece com seu retrato no anuário escolar, de todo jeito. Aquilo era pouco mais de um ano antes de ele entrar na faculdade, então devia ter uns 18 anos quando apagou. É, ele era boa-pinta até naquele tempo, com um sorriso tipo o do Soda, uma espécie de sorriso desligado. Bob era um garoto bonito de cabelo preto e olhos escuros — talvez castanhos, como os do Soda, talvez azuis-escuros, como os dos irmãos Shepard. Talvez seus olhos fossem pretos, como os do Johnny. Eu nunca tinha parado para pensar no Bob: não tinha tido tempo pra pensar. Mas naquele dia fiquei pensando nele. Como ele seria.

Sabia que curtia arrumar brigas e que, como todo *soc*, botava uma fé que viver no lado Oeste transformava o cara em Senhor Superchocante, que ficava bem de pulôver cor de vinho e que tinha orgulho de seus anéis. Mas e o Bob Sheldon que Cherry Valance conhecia? Ela era uma mina inteligente, não ia gostar dele só porque era bonito. Doce e simpático, destacava-se das pessoas comuns — era isso que ela tinha dito. Uma pessoa de verdade, o melhor camarada que um cara pode ter, queria que alguém lhe pusesse limites — foi o que Randy disse. Será que tinha algum irmão mais novo, que o curtia pacas? Ou um irmão mais velho, que ficava no pé dele para deixar de ser louco? Os pais dele tinham deixado ele ficar louco por muito amor ou por falta de amor? Será que tinham ódio de nós, agora? Eu queria que nos

odiassem, que não estivessem naquele lance de que "é preciso compreender as vítimas da sociedade" que os assistentes sociais dizem o tempo todo para Crespo Shepard toda vez que é mandado para o reformatório. Prefiro o ódio das pessoas à sua piedade. Mas também pode ser que eles entendam o lance, como Cherry Valance. Olhei a foto de Bob e comecei a ver o cara que a gente tinha apagado. Um garoto folgado, de temperamento violento, provocador e apavorado ao mesmo tempo.

— Ponyboy!

— O quê? — Não levantei os olhos. Pensei que fosse o médico. Ele vinha quase todo dia me ver, embora não fizesse quase nada além de ficar trocando ideia comigo.

— Tem um cara aqui querendo te ver. Disse que te conhece. — Algum lance na voz do Darry me fez levantar os olhos; os do Darry estavam severos. — Disse que se chama Randy.

— É, conheço ele — eu disse.

— Você quer falar com ele?

— Quero — encolhi os ombros. — Claro, por que não?

Alguns caras da escola tinham passado para me ver. Tenho uma porção de amigos na escola, mesmo sendo mais novo que a maioria e mais calado também. Mas eles não passam disso: amigos de escola, não camaradas. Tinha ficado contente de vê-los, mas ficava mordido porque vivíamos num bairro meio horroroso e nossa casa não é lá essas coisas. Tem uma aparência desmantelada e tudo o mais; por dentro é tipo pobre, também, mesmo que, por ser uma casa onde só moram homens, a gente dê um bom trampo de arrumação nela. A maioria de meus amigos da escola tem casas boas, não são podres de ricos como os *socs*, mas de classe média, de todo jeito. Era gozado aquele lance, eu ficava encanado de os meus amigos verem nossa casa. Mas não ligava nem um pouco pro que Randy ia achar.

— Oi, Ponyboy! — Randy estava em pé junto à porta, com um jeito sem graça.

— Oi, Randy! — eu disse. — Senta aí, se conseguir achar uma cadeira. — Havia livros espalhados por todo canto. Empurrou alguns de cima de uma cadeira e sentou.

— Como você está se sentindo? Cherry me disse que seu nome tinha

saído no jornal da escola.

— Estou legal. Não dá para deixar de reparar no meu nome, em qualquer lugar que pinte.

Ele ainda estava sem graça, mesmo tentando rir.

— Você está a fim de fumar? — ofereci um cigarro a ele, mas fez que não com a cabeça.

— Não, obrigado. Hummm... Ponyboy, uma das razões por que vim foi para saber se você está legal, mas você — ou melhor — nós temos de ir ao juizado amanhã.

— É — eu disse, acendendo um cigarro. — Eu sei. Ei, me avisa se você vir algum dos meus irmãos vindo pra cá. Vão me encher porque estou fumando na cama.

— Meu pai me disse para falar a verdade, que não vai fazer mal a ninguém. Ele está meio chateado com esse lance todo. Quer dizer, meu pai é um cara legal e tudo, melhor que a maioria, e foi um golpe para ele me ver envolvido em tudo isso.

Só olhei para ele. Aquele era o lance mais cretino que já tinha ouvido na vida. Ele achava que estava metido no lance? Não tinha apagado ninguém, sua cabeça não tinha sido afundada em uma batalha de rua, não era o camarada dele que tinha sido queimado debaixo de um poste. Além disso, o que ele podia perder? O coroa dele era rico, podia pagar a multa que iam lhe aplicar por embriaguez e participação em briga, fosse de quanto fosse.

— Não me incomodo pela multa — disse Randy —, mas estou me sentindo um merda por causa do velho. E fazia muito tempo que não sentia nada.

Fazia muito tempo que o único lance que sentia era medo. Medo, pânico. Eu evitava tanto quanto possível me ligar no juiz e na audição. Soda e Darry também não gostavam de falar naquilo, de modo que estávamos todos contando os dias em silêncio, enquanto eu estava doente, contando os dias que nos restavam juntos. Mas com Randy insistindo no assunto daquele jeito, era impossível pensar em outro lance. Meu cigarro começou a tremer.

— Imagino que o seu pessoal também esteja se sentindo supermal com a coisa.

— Meus pais morreram. Moro aqui só com Darry e Soda, meus irmãos.

— Dei uma tragada profunda no cigarro. — É isso que está me grilando. Se o juiz decidir que Darry não é um bom guardião, ou algo assim, é provável que me mandem para alguma instituição por aí. Esse é o pedaço ruim da coisa. Darry é um bom guardião; me faz estudar, sabe por onde e com quem ando todo o tempo. Quer dizer, às vezes a gente não se entende muito bem, mas ele não deixa eu me meter em rolo, pelo menos não deixava. Meu pai não me dava tanta bronca quanto ele.

— Não sabia. — Randy estava com um ar preocupado, estava mesmo. Liga só, um *soc* preocupado porque um carinha *greaser* pode ser mandado para uma instituição ou algo assim. Aquilo era muito engraçado. Quer dizer, engraçado, não. Você saca.

— Escute aqui, Pony. Você não fez nada. Era o seu amigo Johnny que estava com a faca...

— Era eu — interrompi-o. Estava olhando para mim com um olhar estranho. — Era eu que estava com a faca. Fui eu que apaguei o Bob.

Randy balançou a cabeça.

— Eu vi o lance. Você estava quase se afogando. Era aquele garoto de cabelo preto que estava com a faca. Bob o provocou a fazer aquilo. Eu vi.

Eu estava fora de mim.

— Fui eu que matei. Estava com um canivete e com medo que me batessem.

— Não, cara, foi seu amigo, aquele que morreu no hospital...

— Johnny não morreu — minha voz estava tremendo. — Johnny não morreu.

— Ei, Randy — Darry enfiou a cabeça pela porta. — Acho melhor você dar o fora.

— Claro — respondeu Randy. Continuava olhando para mim de um jeito engraçado. — A gente se vê, Pony.

— Nunca fale a ele sobre Johnny — ouvi Darry dizendo enquanto se afastavam. — Ele ainda está superabalado, mental e emocionalmente. O médico disse que a gente tem de dar um tempo pra ele se recuperar.

Engoli com força e pisquei. Ele era como todos os outros *socs*. Mau, sem sentimentos. Johnny não tinha nada a ver com o assassinato do Bob.

— Ponyboy Curtis, apague esse cigarro!

— Tá bom, tá bom — apaguei o cigarro. — Não vou dormir fumando, Darry. Se você me obriga a ficar na cama, onde mais vou fumar?

— Você não vai morrer se ficar sem fumar. Mas se essa cama pega fogo, você morre. Não ia conseguir chegar até a porta, no meio dessa zoeira. Bom, não posso catar tudo do chão, o Soda não faz nada, então acho que só sobra você.

Estava me olhando com um daqueles olhares.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse — não vai sobrar pra você. Pode ser que Soda dê um jeitinho.

— Talvez você possa ser um pouco menos bagunceiro, hein, meu chapinha?

Ele nunca tinha me chamado assim antes. Soda era o único que me chamava de "meu chapinha".

— Claro — eu disse. — Vou tomar mais cuidado.

12

A audiência não teve nada a ver com o que eu tinha imaginado. Além do Darry, do Soda e de mim, não havia mais ninguém lá sem ser o Randy, seus pais, Cherry Valance, os pais dela e mais outros dois caras do grupo que tinha atacado Johnny e eu aquela noite. Não sei o que eu estava achando que ia rolar lá, acho que andei vendo muitos programas do Perry Mason. Ah, o médico também estava lá e bateu um longo papo com o juiz antes da audiência. Eu não sabia, naquela hora, o que ele estava fazendo lá, mas agora sei.

Primeiro, Randy foi interrogado. Parecia meio nervoso, fiquei torcendo para darem um cigarro a ele. Estava torcendo para me darem um cigarro; estava mais do que meio nervoso. Darry tinha dito para eu ficar de boca fechada, foda-se o que Randy e os outros dissessem, que eu falasse quando chegasse a minha vez. Todos os *socs* contaram o mesmo lance, falaram a verdade, em geral, só que disseram que era Johnny que tinha matado Bob. Mas imaginei que dava pra esclarecer aquele pedaço quando chegasse minha vez de falar. Cherry contou a eles o que tinha rolado antes e depois de Johnny e eu sermos atacados; acho que vi lágrimas escorrendo pelo rosto dela, mas não tenho certeza. A voz dela estava firme, mesmo se estava chorando. O juiz interrogou um por um com muita atenção, mas não rolou nada de realmente emocionante nem excitante, como na TV. Perguntou ao Darry e ao Soda alguma coisa sobre Dally, acho que pra verificar nossos antecedentes e descobrir com que tipo de caras a gente andava.

— Ele era um amigo de verdade de vocês?

Darry disse:

— Sim, senhor — olhando firme para o juiz, sem vacilar. Mas Soda olhou para mim, antes de responder, como se estivesse me condenando à cadeira elétrica. Eu estava superorgulhoso dos dois. Dally tinha feito parte de nossa roda, e não íamos renegá-lo. Pensei que nunca ia chegar minha vez de ser

interrogado pelo juiz. Cara, eu estava quase morto de medo quando chegou minha vez. Querem saber de um lance? Não me perguntaram nadinha sobre a morte do Bob. O juiz só me perguntou se eu curtia morar com o Darry, se eu curtia escola, como eram as minhas notas, coisas desse tipo. Naquela hora não dava para eu sacar, porém mais tarde descobri o que o médico tinha conversado com o juiz. Acho que eu estava com uma cara tão apavorada quanto na realidade estava, porque o juiz riu pra mim e me disse para parar de roer as unhas. É um costume que tenho. Aí disse que eu estava liberado e que o caso estava encerrado. Assim. Nem me deu chance de falar muito. Mas não me importei muito com isso. Não estava mesmo com vontade de falar.

Eu queria poder dizer que tudo voltou ao normal, mas não voltou. Principalmente eu. Comecei a me bater nas coisas, na porta, por exemplo, ficava tropeçando na mesa e perdendo coisas. Sempre fui distraído, mas, cara, naquela época era raro eu conseguir voltar para casa, da escola, com o caderno certo e com os dois sapatos calçados. Uma vez fui da escola até minha casa só de meias e nem me liguei, até Soda dizer alguma gracinha sobre o lance. Acho que tinha largado os sapatos no vestiário da escola, mas nunca consegui encontrá-los. Outro lance: parei de rangar. Antes eu comia como um boi, mas de repente perdi a fome. Tudo tinha gosto de salsichão. Além disso, meu aproveitamento na escola estava ficando uma merda. Não fui tão mal em matemática, porque Darry me dava uma força com a lição de casa e em geral pegava todos os meus erros e me obrigava a fazer de novo, mas em inglês foi um horror. Antes eu tirava dez em inglês, principalmente porque o professor dava muita redação. Quer dizer, sei que não falo um inglês muito bom (você já viu algum malandro que fale?), mas quando quero posso escrever direito. Pelo menos, antes eu podia. Agora, eu tinha sorte quando tirava quatro em uma redação.

Esse lance deixava meu professor de inglês mordidão, quer dizer, aquilo de eu ir tão mal. Ele é um cara superlegal, que faz a gente pensar, e dá para sacar que ele também se interessa por você como pessoa. Um dia ele me disse para ficar na classe depois de os outros saírem.

— Ponyboy, eu quero conversar com você sobre suas notas.

Cara, com que pique eu tive de sair correndo dali! Eu sabia que estava

entrando pelo cano naquela classe, mas, que merda, não estava conseguindo segurar.

— Não há muita coisa a dizer, a julgar por suas notas. Pony, vou direto ao assunto. Você está indo mal agora, mas, considerando as circunstâncias, se você me trouxer uma boa composição para o semestre, passo você com seis.

Considerando as circunstâncias — meu irmão, que maneira de me dizer que sabia que eu estava indo mal porque tinha passado por um monte de lances pesados. Pelo menos era uma forma indireta de falar sobre a coisa. A primeira semana de aula depois da audiência tinha sido uma merda. As pessoas que eu conhecia não trocavam ideia comigo, e as que eu não conhecia chegavam e me perguntavam sobre a zona toda. Até os professores, às vezes. E a professora de história — ela agia como se estivesse morrendo de medo de mim, e isso porque eu nunca tinha aprontado nenhuma na aula dela. Pode crer, aquilo fazia eu me sentir superchocante.

— Sim, senhor — eu disse —, vou tentar. Qual o tema da redação?

— Qualquer coisa que você considere suficientemente importante para escrever sobre ela. Não é para partir disso que estou dizendo, não é um tema de referência: quero que você escreva suas próprias ideias, sobre suas próprias experiências.

Minha primeira ida ao zoológico. Demais, cara! Chocante, cara!

— Sim, senhor — eu disse, e saí dali o mais depressa possível.

Na hora do almoço, cruzei Metido e Steve no estacionamento dos fundos, aí fomos de carro até uma lojinha ali perto comprar cigarros, Coca-Cola e chocolate. A loja era o pico dos *greasers*; aquele foi o nosso almoço. Os *socs* estavam criando muita encrenca na lanchonete da escola — jogando os talheres para cima, lances assim —, e todo mundo estava tentando jogar a culpa nos *greasers*. Demos muita risada com o lance. É raro algum *greaser* ir comer na lanchonete!

Eu estava dando um tempo no para-choque do carro do Steve, fumando e tomando uma Pepsi, enquanto ele e Metido estavam sentados dentro do carro trocando ideias com uns brotos, quando pintou um carro e três *socs* saltaram. Fiquei ali, na manha, olhando pra eles, e dei mais um gole na Pepsi. Não estava com medo. Era a coisa mais esquisita do mundo. Eu não sentia nada — medo, raiva, nada. Zero.

— Você é o cara que matou Bob Sheldon — disse um deles. — Ele era nosso amigo. Não gostamos que ninguém mate nossos amigos, principalmente *greasers*.

Grande coisa. Quebrei o fundo da garrafa, segurei-a pelo gargalo e joguei fora o cigarro.

— Voltem para o carro, senão vão dar azar.

Fizeram uma cara meio espantada, um deles recuou.

— Estou falando sério. — Levantei. — Já estou com o saco cheio de vocês. — Fui andando em direção a eles, segurando a garrafa do jeito que o Tim Shepard segura uma lâmina — para a frente e longe do corpo, firme, mas com mobilidade. Acho que se ligaram que era sério, porque entraram no carro e se mandaram.

— Você teria mesmo usado a garrafa, não teria? — Metido ficou olhando da entrada da loja. — Steve e eu estávamos te apoiando, mas acho que não precisava. Você teria cortado mesmo os caras, não é?

— Acho que sim — disse, com um suspiro. Não entendia por que Metido estava tão impressionado: qualquer um teria feito a mesma coisa; Metido não teria pensado duas vezes.

— Ponyboy, escute, não fique durão. Você não é como nós, não tente ser...

Qual era o grilo com o Metido? Eu sabia tão bem quanto ele que, se você fica durão, não dança. Use a cabeça, que nada o atinge...

— Que diabo é isso que você está fazendo? — a voz do Metido interrompeu meus pensamentos.

Levantei os olhos para ele.

— Recolhendo os cacos.

Ficou me olhando um tempo, depois riu.

— Sua bestinha — disse, com voz aliviada. Não liguei o que ele estava falando, por isso continuei recolhendo os cacos da garrafa e joguei tudo na lata de lixo. Não queria que alguém furasse o pneu.

Quando cheguei em casa, tentei escrever aquela redação. Tentei mesmo, no duro, principalmente porque o Darry me mandou. Pensei em escrever sobre o papai, mas não consegui. Vai levar muito tempo até eu conseguir pelo menos pensar nos meus pais. Muito tempo. Tentei escrever sobre Mickey Mouse, o cavalo do Soda, mas não ficou direito; saía sempre muito

meloso. Então comecei a escrever nomes na página. Darrel Shaynne Curtis Jr. Soda Patrick Curtis. Ponyboy Michael Curtis. Aí desenhei cavalos por todo lado. Aquilo valeria uma nota boa e pronto.

— Ei, o carteiro já passou? — Soda bateu a porta e perguntou pela correspondência, como faz todos os dias quando chega do trampo. Eu estava no quarto, mas estava ligado que ele ia jogar a jaqueta no sofá e errar, tirar os sapatos, entrar na cozinha para tomar um copo de leite achocolatado. É isso que ele faz todos os dias da vida dele. Sempre anda pela casa de meias: não curte sapatos.

Aí ele fez um lance gozado. Entrou, jogou-se na cama e acendeu um cigarro. É muito raro ele fumar, só quando está mordido pra valer com alguma coisa ou quando está querendo parecer durão. E ele não precisa se mostrar para nós: a gente sabe que ele é durão. Por isso imaginei que tinha algum grilo.

— Como foi no trampo?

— Bem.

— Algum grilo?

Fez que não. Dei de ombros e continuei desenhando cavalos.

Naquela noite, foi Soda que fez o rango e tudo saiu direitinho. Isso era raro, porque ele está sempre tentando fazer um prato diferente. Uma vez, fez panquecas verdes. Verdes. Posso dizer uma coisa para vocês: se tem um irmão como o Sodapop, nunca se chateia.

Soda ficou na dele durante todo o jantar, não comeu muito. Aquilo era muito raro, mesmo. Darry parecia não se ligar, por isso eu não disse nada.

Aí, depois do jantar, Darry e eu começamos a discutir, devia ser a quarta vez naquela semana. A discussão começou porque eu não tinha feito a composição e queria sair para dar uma volta. Antes eu ficava na minha, e Darry me dando bronca, mas ultimamente eu respondia na hora.

— Qual é o problema com minha lição de escola? — acabei gritando. — Vou ter que batalhar um trampo assim que sair da escola! Olha só o Soda. Ele está se virando direitinho e largou a escola. Por que é que você fica se metendo?

— Você não vai largar a escola. Escute, com a sua inteligência e as suas notas, você podia conseguir uma bolsa de estudos, dava para fazer a

universidade. Mas o problema não é a lição de casa. Você está vivendo num vácuo, Pony, e vai ter que parar com isso. Johnny e Dallas também eram nossos camaradas, mas não dá para parar de viver porque você perde uma pessoa. Achei que já tinha se ligado nisso. Você não abandona a luta! E o dia em que não estiver de acordo com meu jeito de levar as coisas, pode se mandar.

Fiquei duro e frio. A gente nunca falava no Dallas e no Johnny.

— Você ia achar o máximo, não é? Você ia curtir que eu me mandasse. Só que não é tão simples, não é, Soda? — Mas, quando olhei para o Soda, parei. Seu rosto estava branco, e quando ele olhou para mim, seus olhos estavam arregalados, com uma expressão de dor. De repente lembrei do rosto do Crespo Shepard quando caiu de um poste e quebrou o braço.

— Não... Ah, caras, por que vocês não conseguem... — Pulou, de repente, e saiu batendo a porta. Darry e eu ficamos mudos. Darry pegou o envelope que Soda tinha deixado cair.

— É a carta que ele escreveu para Sandy — disse Darry, sem expressão nenhuma no rosto. — Voltou sem ser aberta.

Então era por isso que Soda tinha passado a tarde bodeado. Eu nem tinha tentado saber a razão. Enquanto estava pensando naquilo, percebi que nunca tinha me ligado muito nos problemas do Soda. Darry e eu simplesmente achávamos que ele não tinha nenhum.

— Quando a Sandy foi para a Flórida... não foi por causa do Soda, Ponyboy. Ele me disse que amava a mina, mas acho que ela não o amava tanto quanto ele pensava, porque não foi por causa dele.

— Não precisa explicar — eu disse.

— Ele queria casar com ela assim mesmo, mas ela se mandou. — Darry estava me olhando com uma cara intrigada. — Por que ele não te contou? Não pensei que fosse contar ao Steve nem ao Metido, mas pensei que te contava tudo.

— Talvez tenha tentado — eu disse. Quantas vezes Soda começava a me contar algum lance, mas dava um tempo, quando via que eu estava distraído ou com o nariz enfiado num livro? Ele sempre me escutava, não importava o que estivesse fazendo.

— Ele chorou todas as noites, naquela semana que você fugiu — disse

Darry devagar.

— Você e a Sandy na mesma semana. — Largou o envelope. — Vem, vamos atrás dele.

Fomos correndo atrás dele até perto do parque.

Estávamos nos aproximando, mas ele tinha um quarteirão de vantagem.

— Faça uma volta e corte pela frente — mandou Darry. Mesmo fora de forma, eu corria mais. — Vou ficar bem atrás dele.

Me meti entre as árvores e cortei no meio do parque. Fez uma curva para a direita, mas o agarrei com uma voadora antes que pudesse dar dois passos. Ficamos os dois inteiramente sem fôlego, ali caídos e nos recuperando durante um ou dois minutos. Depois Soda levantou e passou a mão na camisa para tirar a grama.

— Você devia ter se ligado em futebol, em vez de corrida.

— Aonde você achava que estava indo? — Fiquei deitado de costas, olhando para ele. Darry chegou e se jogou no chão do nosso lado.

Soda encolheu os ombros: — Não sei. É que... tô cheio de ficar ouvindo vocês brigarem. Às vezes... tenho que cair fora, senão... é como se cada um estivesse me puxando por um braço, parece que estão me partindo no meio. Saca?

Darry me olhou, espantado. Nenhum de nós dois tinha se ligado no que o Soda sentia quando nos ouvia brigar. Fiquei doente e frio de vergonha. O que ele estava dizendo era a real. Darry e eu puxávamos cada um por um braço sem nem pensar se ele se machucava com o lance.

Soda estava brincando com umas gramas secas.

— Quer dizer, não posso comprar a de ninguém. Seria muito mais fácil se eu pudesse, mas vejo os dois lados. Darry dá bronca demais, tenta demais e leva tudo a sério, e você, Ponyboy, não pensa que isso basta, não saca tudo o que Darry deixa de ter e curtir para dar a você uma oportunidade que ele não teve. Ele podia ter posto você em alguma instituição por aí e trampar e estudar ao mesmo tempo. Ponyboy, estou dizendo a real. Larguei o colégio porque sou burro. Tentei, mas você via as minhas notas. Olha, estou feliz, trampando em um posto de gasolina, trampando com automóveis. Você nunca seria feliz fazendo um lance desses. E você, Darry, devia tentar entender melhor o Pony, e parar de encher com qualquer besteirinha que

ele faz. Ele sente as coisas de um modo diferente que você. — Olhou para nós, implorando. — Puta, já é uma merda ter que ficar ouvindo vocês dois brigar, mas quando ainda ficam querendo que eu tome partido... — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Tudo que temos somos nós. A gente devia ter capacidade pra ficar juntos, contra todo o resto. Se não tivermos uns aos outros, não temos nada. Se você não tem nada, acaba como o Dallas... não é de morrer que estou falando. Quero dizer, como ele era antes. E aquilo é pior que a morte. Por favor — enxugou os olhos na manga —, não briguem mais.

Darry estava com uma cara preocupada paca. Me toquei, de repente, que Darry tinha só 20 anos, que não era tão mais velho que não se sentisse tão amedrontado, ferido e perdido quanto os outros. Vi que tinha esperado que o Darry se encarregasse de toda a parte da compreensão, sem fazer o menor esforço para entendê-lo. E era verdade que ele tinha desistido de um monte de lances por Soda e por mim.

— Claro, meu chapinha — disse Darry suavemente. — A gente não vai mais brigar.

— Ei, Ponyboy — Soda riu para mim em meio a lágrimas —, não comece a chorar também. Já chega um bebê chorão na família.

— Não estou chorando, eu disse. — Pode ser que eu estivesse. Não me lembro. Soda me deu um soco de brincadeira no ombro.

— Chega de briga. Falou, Pony? — disse Darry.

— Massa — eu disse. E estava falando sério. Darry e eu provavelmente continuaríamos tendo um ou outro atrito. Éramos muito diferentes para que isso não rolasse, mas não íamos mais brigar. Não podíamos fazer nada que ferisse Soda. Ele sempre seria o cara do meio, mas isso não queria dizer que cada um tivesse que ficar puxando ele para um lado. Em vez do Darry e eu puxarmos cada um para um lado, era ele que ia nos puxar para o outro.

— Bom — disse Soda. — Estou com frio. Vamos para casa?

— Chego primeiro — desafiei, levantando num salto. Aquela era uma noite ótima para corridas. O céu estava claro, o ar tão frio e tão limpo que quase lançava faíscas. A lua ainda não tinha saído, mas tinha estrela pra todo lado. Tudo estava silencioso. A única coisa que se ouvia era o barulho dos nossos pés no cimento e o som seco, rascante, das folhas sendo sopradas

pelo vento na rua. Era uma noite legal mesmo. Acho que ainda estava fora de forma, porque os três emparelhamos. Não. Acho que era porque estávamos com vontade de ficar juntos.

Mas eu continuava sem vontade de fazer minha lição aquela noite. Catei um livro para ler, mas já tinha lido tudo naquela casa mais ou menos umas 50 milhões de vezes, até *Os insaciáveis*, do Darry, que ele tinha me dito que eu ainda não tinha idade para ler. Concordei com ele, depois que terminei de ler. Acabei pegando *...E o vento levou*, fiquei olhando o livro um tempão. Sabia que Johnny tinha apagado. Sabia o tempo todo, mesmo enquanto estava doente, fingindo que não tinha. Era Johnny, não eu, que tinha apagado Bob — isso eu também sabia. Eu só tinha pensado que, talvez, se eu fingisse que Johnny não tinha apagado, não ia sofrer tanto. Um lance parecido com o que Metido tinha feito, depois que os ratos tinham levado embora o corpo do Dally, porque tinham confiscado o canivete de mola dele quando revistaram o corpo. — É só com isso que você está preocupado, com aquele canivete? — tinha dito para ele um Steve de olhos vermelhos.

— Não — disse Metido, com um suspiro tremido — mas isso é o que eu gostaria que fosse o único lance pra eu me preocupar.

Só que eu não tinha parado de sofrer. Se você conhece um cara há um tempão, e quando eu digo conhece, quero dizer conhece pra valer, você não consegue se acostumar com a ideia de que o cara apagou assim, de um dia para o outro. Johnny era mais que um chapa para todos nós. Suponho que ouviu mais problemas e mais bodes de mais pessoas do que qualquer um de nós. Um cara que te ouve de verdade e se preocupa com o que você está dizendo é uma coisa rara. Eu não conseguia esquecer quando me dizia que não tinha feito o suficiente, que nunca na vida tinha saído do bairro — e agora não dava mais. Respirei fundo e abri o livro. Um pedacinho de papel caiu no chão e eu o peguei:

"Ponyboy, pedi à enfermeira que te desse este livro para poder acabar de ler". Era a letra do Johnny. Continuei a ler, quase ouvindo sua voz suave:

> O doutor esteve aqui ainda agora, mas de todo o jeito eu já sabia. Estou ficando cada vez mais cansado. Olha, não ligo de morrer agora. Valeu a pena. Valeu a pena salvar aquelas crianças. A vida delas vale mais que a minha; elas têm mais lances pelos quais viver. Alguns dos pais delas vieram até aqui agradecer, eu sei que valeu a pena. Diga ao Dally que valeu a pena. Só que vou

sentir falta de vocês, caras. Andei pensando nisso e naquele poema, aquele cara que escreveu o poema queria dizer que você é dourado quando é criança, como verde. Quando você é criança é tudo novo, é aurora. É só quando você se acostuma com tudo, que vira dia. Como o jeito que você se amarra em pôr do sol, Pony. Isso é dourado. Fique assim, é um jeito legal de ser. Quero que você diga ao Dally para olhar um pôr do sol. Provavelmente ele vai pensar que você pirou, mas peça a ele, por mim. Acho que ele nunca na vida se ligou num pôr do sol. E não fique tão grilado por ser *greaser*. Você ainda tem muito tempo para ser o que achar melhor. O mundo ainda está cheio de coisas boas. Diga ao Dally. Acho que ele não sabe.

Seu amigo, Johnny.

Diga ao Dally. Era muito tarde para dizer algo ao Dally. Será que ele teria ouvido? Duvido muito. De repente, aquilo deixou de ser um problema pessoal meu. Podia ver centenas e centenas de garotos vivendo nas áreas ruins das cidades, garotos de olhos pretos que se assustavam com as próprias sombras. Centenas de garotos que, talvez, olhassem pores do sol e estrelas e que quisessem coisas melhores. Podia ver garotos caindo sob os postes da cidade porque eram maus e durões, porque odiavam o mundo, e agora era tarde demais para dizer a eles que ainda havia coisas boas por aí — se você dissesse, eles provavelmente não iam botar fé. Era um problema grande demais pra ser um lance pessoal. Alguém devia ajudar, alguém devia dizer a eles antes que fosse tarde demais. Alguém devia contar o lado deles da história, talvez assim as pessoas compreendessem melhor aqueles garotos e não julgassem tão rapidamente um cara pela quantidade de brilhantina que usa. Era importante para mim. Peguei a lista telefônica e liguei para meu professor de inglês.

— Professor Syme, aqui é o Ponyboy. Aquela composição... é para ter quantas folhas?

— Bom, hummm... não menos que cinco páginas. — Estava com voz de sono. Eu tinha esquecido que já era tarde da noite.

— Pode ser maior?

— Claro, Ponyboy, do tamanho que você quiser.

— Obrigado — eu disse, e desliguei.

Sentei, peguei a caneta e pensei durante um minuto. Lembrando. Lembrando um garoto bonito, bronzeado, com um riso atrevido, brigão. De um cara durão, de cabelo branco de tão louro, com um cigarro naboca e riso

amargo no rosto duro. Lembrando — e dessa vez não doeu — de um garoto de 16 anos, quieto, de aspecto vencido, cujo cabelo estava precisando urgentemente de um barbeiro, com olhos negros e expressão amedrontada. Uma semana tinha cabado com os três. Resolvi que eu podia dizer às pessoas, começando pelo meu professor de inglês. Fiquei pensando uma pá de tempo na melhor maneira de começar a composição, como começar a escrever sobre um lance que era importante para mim. E comecei assim: "Quando saí do escuro do cinema para a claridade da rua só tinha duas coisa na cabeça: Paul Newman e descolar uma carona para casa...".

Notas

1 *Greaser*: quem faz a lubrificacão de automóveis e máquinas. Por extensão, pessoas sujas e mal-arrumadas. O termo também é usado, nos Estados Unidos, para designar os brancos pobres, de origem, sobretudo, latino-americana. *Grease* também é gel; aqui, os *greasers* usam cabelo comprido com muito gel. Em Oklahoma, onde a história se passa, os que não têm posses são chamados *greasers*. [N.T.]

2 *Socials*: sociais, da sociedade. [N.T.]

3 Lado Oeste: *West side*; em Tuba (Oklahoma), cidade da autora, a parte rica da cidade. Lado Leste: *East side*; corresponde aos bairros mais pobres. [N.T.]

4 Kool: marca de cigarro mentolado. [N.T.]

5 Slash J: haras onde Dallas trabalhava. [N.T.]

6 Alusão à palavra cereja, em inglês. [N.T.]